



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE**

CAETANO DE FREITAS MEDEIROS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**RELAÇÕES ENTRE FORMA URBANA E COTIDIANO NO
ESPAÇO PÚBLICO DA ÁREA CENTRAL DE UMA CIDADE
MÉDIA: TUBARÃO**

Florianópolis
2017

CAETANO DE FREITAS MEDEIROS

**RELAÇÕES ENTRE FORMA URBANA E COTIDIANO NO
ESPAÇO PÚBLICO DA ÁREA CENTRAL DE UMA CIDADE
MÉDIA: TUBARÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Orientadora: Prof.^a Alicia Norma González de Castells, Dr.^a
Coorientador: Prof. Almir Francisco Reis, Dr.

Florianópolis
2017

CAETANO DE FREITAS MEDEIROS

**RELAÇÕES ENTRE FORMA URBANA E COTIDIANO NO
ESPAÇO PÚBLICO DA ÁREA CENTRAL DE UMA CIDADE
MÉDIA: TUBARÃO**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de “Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Florianópolis, 16 de março de 2017.

Prof.^a Almir Francisco Reis, Dr.
Coordenador do PGAU-Cidade e Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof.^a Alicia Norma González de Castells, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Nelson Popini Vaz, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. José Waldemar Tabacow, Dr.
Centro Universitário Católica de Santa Catarina

Dedico este trabalho a Sagrada Família, a minha família e a todas as famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Santíssima Trindade, por me conduzir durante o percurso do mestrado – e da vida –, por segurar minha mão, por me carregar nos braços e por nunca desistir de mim;

Agradeço a meu pai, minha mãe e minha irmã pela companhia amorosa, paciente e tão próxima, sempre e também neste tempo de mestrado;

Agradeço a Júlia, por seu carinho, companhia e apoio na fase final da pesquisa;

Agradeço a minha avó Maria Iris (*in memoriam*) e a meu avô Jacy (*in memoriam*) pelo apoio que possibilitou que eu ingressasse no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e o concluísse;

Agradeço a meu tio, Wlade, pelo suporte em Florianópolis, pelas músicas, filmes, pizzas, e, principalmente, pela amizade e companhia de sempre;

Agradeço a minha querida orientadora, Alicia, pela amizade, paciência, atenção, dedicação, carinho, cuidado, disponibilidade, conversas e por todos os ensinamentos dispensados desde antes do início deste curso até agora. Espero que assim continuemos;

Agradeço a meu querido coorientador, Almir, pela amizade, companheirismo, apoio, conversas, carinho e ensinamentos dispensados a mim durante o curso, e, espero, que se prolonguem até o fim de nossas vidas;

Agradeço aos professores Luiz Eduardo e Nelson Popini por gentilmente aceitarem o convite de fazer parte desta banca e por serem parte fundamental de todo o processo acadêmico que vivi neste mestrado. Agradeço também o carinho recebido por eles;

Agradeço a meu querido amigo José Tabacow pela amizade fraterna e hospitalidade no período de mestrado vivido em Florianópolis, por ser parte fundamental de minha trajetória acadêmica e profissional e por aceitar fazer parte desta banca examinadora. Esses agradecimentos se estendem a sua família: Diana, Mariana Tabacow, Mohamed e Luciana;

Agradeço a Luisa José de Almeida pela amizade e companhia na etapa do mestrado vivida em Florianópolis;

Agradeço a meu amigo e professor Cezar, também Araci, Tiago, Sara e Maurício, pela amizade, carinho, ensinamentos, incentivo e apoio incomensuráveis;

Agradeço aos meus amigos Eduardo Bubicz, Pedro Siemion, Ana Rita, Diego Spilere, Rafael Spilere, Vinícius Oliveira, Thiago Ghisi,

Murilo Leal, André Michels, Tueilon, Kassio Goulart, Ítalo, Flávio Alípio, Mariana Junckes, Dilma Nunes, Maria de Almeida, Aretusa, Evelyn, Jussara Freitas, Luciana Goss, Maria Luiza Caritá, Noemi, Michele Fernandes e Francielle pela amizade próxima nesses anos de mestrado;

Agradeço aos padres Pedro Martendal e Flávio pela amizade, ensinamentos e direção no decorrer desse tempo de pesquisa;

Agradeço aos membros do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUD), Dagoberto, Fátima, Ana Cristina, Natalia Torres, Claudia Peterlini, Mariela, Paola Peciar, Moema e Simone Lira pelo apoio, ensinamentos e pela convivência que tivemos;

Agradeço aos colegas-amigos do PGAU-Cidade, Guido, Isabella, Marcelo, Carla, Maicon, Catalina, Norberto, Eduardo, Juliana, Adriana, Vivian, Henrique e Lucas pela companhia e amizade no decorrer deste curso de pós-graduação, e expresso aqui meu desejo de que a amizade com vocês seja duradoura;

Agradeço aos professores da Unisul, Campus Tubarão, pelos ensinamentos e apoio que se estenderam do período da graduação até a conclusão deste mestrado. Em especial, agradeço os professores-amigos Tasca, Dagoberto, Jony, Fernanda Menezes, Guilherme Grad, Arlis, Cristiano, Rodrigo Althoff e Michelle Benedet;

Agradeço ao ex-Prefeito de Tubarão, Olavio Falchetti, ao ex-Secretário de Urbanismo de Tubarão, Vânio Freitas Júnior, e ao Arquiteto Diego Moraes pelo apoio, amizade e compreensão a mim dispensados no primeiro ano deste curso de pós-graduação. Este agradecimento se estende aos colegas da Prefeitura de Tubarão no ano de 2014 que, de algum modo, me apoiaram na realização deste curso;

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio material concedido através de bolsa de estudos para a realização da pesquisa;

Por fim, agradeço a todos os que não estão aqui nomeados, mas que foram importantes para a conclusão desta etapa acadêmica.

Porque não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está para vir. (Epístola aos Hebreus, capítulo 13, versículo 14)

RESUMO

Esta pesquisa busca avançar na empresa de apreender as relações entre a vida cotidiana e o espaço público construído. A realidade pouco conhecida das cidades médias e o contexto social e urbano característicos das centralidades foram as motivações para a escolha do recorte espacial, que é a área central da cidade de Tubarão. O processo da forma urbana, a configuração espacial e as práticas e os praticantes cotidianos constituem o objeto de pesquisa. A historiografia permitiu o conhecimento do processo nos seus quesitos histórico, geográfico e social; a Sintaxe Espacial e teorias afins foram utilizadas para a abordagem da forma urbana; e a Antropologia Urbana, através de autores da área e afins, ofereceu o instrumental teórico e metodológico para o conhecimento dos praticantes e das práticas cotidianas que ocorrem no recorte de pesquisa. Áreas conformadas por características da cidade tradicional mostraram diferente desempenho cotidiano quando cotejadas com áreas conformadas por traços modernos. Verificou-se, assim, que há estrita relação entre padrões de forma urbana, copresença e tipos de práticas cotidianas.

Palavras-chave: Espaço Público. Cotidiano. Sintaxe Espacial.

ABSTRACT

This research seeks to advance on the labour to understand the relations between everyday life and the urban public space. The little known reality of the medium cities and the social and urban context characteristic of centralities were the motivations for the choice of the spatial clipping, which is the central area of Tubarão city. The process of urban form, the spatial configuration and daily practices and practitioners form the object of research. Historiography allowed the knowledge of the process in its historical, geographic and social questions; Spatial Syntax and related theories were used to approach urban form; and Urban Anthropology, through topic's authors and related, offered the theoretical and methodological tools for the knowledge of the practitioners and the everyday practices that occur in the research cut. Areas conformed by characteristics of the traditional city showed different everyday performance when compared with areas conformed by modern features. It was verified, therefore, that there is a strict relation between patterns of urban form, co-presence and everyday practices types.

Key words: Public Space. Everyday Life. Spatial Syntax.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de segmentos de espaços públicos analisados. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	29
Figura 2 – Caminhos que deram origem à ocupação das margens do Rio Tubarão.....	33
Figura 3 - Divisão das sesmarias onde viria a ser a cidade de Tubarão, com a localização da primeira paragem de barcos.	34
Figura 4: Localização do estado de Santa Catarina no mapa brasileiro.	39
Figura 5: Localização do município de Tubarão em relação a outros municípios de Santa Catarina.	39
Figura 6: Localização da área central de Tubarão na zona urbana.....	40
Figura 7: Aproximação da área central no tocante ao recorte de estudo.	40
Figura 8: Paragem à margem do Rio Tubarão em local e data desconhecidos.	41
Figura 9: Procissão na Rua Lauro Müller (segmentos 2-5), às margens do Rio Tubarão, no ano de 1930.	41
Figura 10: Rua São Manoel, atual Calçadão (segmento 29), no ano de 1933.	42
Figura 11: Esquina entre as ruas São Manoel e Lauro Müller (entre os segmentos 2 e 3), no ano de 1930.....	42
Figura 12: Rua São Manoel (segmento 29), atual rua de uso exclusivo de pedestres, no início do Século XX.....	43
Figura 13: Rua São Manoel (segmento 29), atual rua de uso exclusivo de pedestres, na década de 1960.	43
Figura 14 - Topologicamente, as linhas A e B estão mais integradas entre si e em relação ao sistema do que C e D.....	55
Figura 15 – Os mapas axiais dos sistemas apresentados na Figura 13 mostram os diferentes níveis de integração das linhas que os compõem. O sistema da esquerda é mais integrado (menos profundo) frente ao sistema da direita. As linhas com cores mais quentes possuem níveis maiores de integração do que as linhas com cores mais frias.....	55
Figura 16 – Mapa axial de integração global de Tubarão. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:4.500.	57
Figura 17 – Detalhe da área em estudo no mapa de integração global. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:1.500.	58
Figura 18 – Mapa axial da integração local. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio	

que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:4.500.....	62
Figura 19 – Detalhe da área em estudo no mapa de integração local. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:1.500.	63
Figura 20 - A diferença entre uma área côncava (esquerda) e convexa (direita). Na área côncava, a ligação dos pontos perimetrais passa, necessariamente, pelo seu exterior. Na área convexa, todas as ligações perimetrais estão contidas no seu interior.....	64
Figura 21 - A diferença entre espaços abertos negativos (esquerda) e positivos (direita) na malha urbana.	65
Figura 22 – Mapa de cheios e vazios da área central de Tubarão: áreas edificadas (preto), áreas privadas vazias (cinza) e áreas públicas livres (branco). Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	67
Figura 23 – Mapa de constitutividade do espaço público com classificação de usos do solo: comércio (vermelho), habitação (verde), misto (laranja) e institucional (azul). Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	69
Figura 24 - Mapa de usos do solo da área central de Tubarão: comércio (vermelho), habitação (amarelo), misto (laranja) e institucional (azul). Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	73
Figura 25 - Mapa de copresença de uma manhã de domingo. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	80
Figura 26 - Mapa de copresença de uma tarde de domingo. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	81
Figura 27 - Mapa de copresença de uma noite de domingo. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	82
Figura 28 - Mapa de copresença da manhã de uma segunda-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	83
Figura 29 - Mapa de copresença da tarde de uma segunda-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	84
Figura 30 - Mapa de copresença da noite de uma segunda-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	85
Figura 31 - Mapa de copresença da manhã de uma terça-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	86

Figura 32 - Mapa de copresença da tarde de uma terça-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	87
Figura 33 - Mapa de copresença de uma manhã de sábado. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	88
Figura 34 - Mapa de copresença de uma tarde de sábado. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	89
Figura 35 - Mapa de copresença de uma noite de sábado. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.	90
Figura 36 - Encontro dos segmentos 10, 11 e 29. À direita, as edificações formam a parede do espaço público e há alto grau de constituições; à esquerda, uma edificação pública sem constituição forma uma parede cega.	100
Figura 37 - Espaço aberto residual no segmento 10. Ainda que tenha dois lados limitados por edificações, o espaço é totalmente aberto para a avenida, não possui nenhuma constituição ou atividade de uso do solo. As práticas cotidianas nesse espaço são inexistentes.	101
Figura 38 - Segmento 29 em uma manhã de dia de semana. Espaço convexo, com grande número de elementos-suporte, alta constitutividade e grande taxa de utilização pela população.	101
Figura 39 - Atividades de ambulantes no segmento 29, que lançam mão dos altos índices de copresença do local.	102
Figura 40 - Pessoas param e conversam despreocupadamente no segmento 29, em meio a um espaço convexo.	102
Figura 41 - Pessoas descansando no mobiliário disponível no segmento 29, observando as interações e usos dos elementos constitutivos ou mexendo em pertences pessoais.	103
Figura 42 - Esquina entre os segmentos 29, 10 e 11. Mulher produtora e vendedora de tapetes. Ao fundo o espaço aberto residual, sem limitações definidas, e a paisagem conformada por motocicletas, que delimitam visualmente o segmento 29.	103
Figura 43 - Concentração de vendedores ambulantes no mesmo local da Figura 7.	104
Figura 44 - Idoso aposentado confere jogos da loteria em um banco no segmento 29, em frente a uma casa lotérica.	104
Figura 45 - Estudantes universitários utilizam o espaço público no segmento 29 para exposição de trabalhos acadêmicos. Provavelmente o local foi escolhido devido à copresença existente ali.	105
Figura 46 - Família e estranho dividem o mesmo banco, enquanto tomam banho de sol, no segmento 29.	105

Figura 47 - Engraxate aguarda o próximo cliente à sombra de uma marquise no segmento 29.....	106
Figura 48 - Idoso utiliza o centro do espaço do segmento 29 para expor os brinquedos que ele vende.	106
Figura 49 - Mãe e filha tomam um sorvete sentadas no banco da praça, segmento 2, à margem do Rio Tubarão. Aqui, a convexidade do espaço é garantida pela presença de vegetação de médio porte.	107
Figura 50 - Segmento 2. Mulher aguarda sozinha sentada em um banco que também é o canteiro da árvore da praça à margem do Rio Tubarão. Em segundo plano, a conformação do espaço pelas edificações e o alto grau de constituições comerciais.....	107
Figura 51 - Pai e filho descansam sentados na mesma praça, segmento 2, em frente à banca de jornais.....	108
Figura 52 - Atividades comerciais fixas, como a banca de jornal em primeiro plano e lanchonete em segundo plano, tem suas portas voltadas para a praça à margem do Rio Tubarão, segmento 2, onde pessoas utilizam os bancos para descansar e esperar e conversam.	108
Figura 53 - Em meio ao passeio, no segmento 10, pessoas estacionam bicicletas de maneira improvisada, junto às placas de sinalização de trânsito. Os veículos estacionados conformam o espaço do passeio.	109
Figura 54 - A vitrine é o elemento constitutivo mais comum no espaço público da área central de Tubarão. A imagem exemplifica um tipo de vitrine e a interação com vendedores ambulantes que fazem uso desse dispositivo espacial.	109
Figura 55 - Senhoras, provavelmente da mesma família, sentadas, conversando e aguardando o tempo passar. Em segundo plano, os limites físicos característicos do espaço aberto positivo.	110
Figura 56 - Três mulheres adultas sentadas, sorriem e conversam no espaço público que demonstra ser adequado para interações pessoais e manifestações de emoção e afeto.	110
Figura 57 - No segmento 29, permanentes e passantes no espaço convexo.	111
Figura 58 - Placa informativa que proíbe uma prática demandada. A população obedece sem deixar de criar mecanismos para satisfazer sua necessidade, como vemos na figura 24.	111
Figura 59 - Bicicleta estacionada junto a uma porção de fachada edilícia em que não há entrada e saída de pessoas.	112
Figura 60 - Diferentes pessoas circulam pelo segmento 29.....	112
Figura 61 - Uma galeria, segmento 0, oferece espaço sombreado e discreto, com uso comercial e alta constitutividade.	113
Figura 62 - Casal de amigos (ou namorados) no segmento 29 à sombra das árvores e pérgolas, em frente ao comércio.	113

Figura 63 - O casal da foto anterior em imagem aproximada. Ambos absortos em seus dispositivos eletrônicos. Situação que demonstra sensação de segurança em permanecerem no local.....	114
Figura 64 - A entrada de uma padaria. Aqui vemos a importância das constituições para a relação entre o espaço público e privado, no segmento 29.	114
Figura 65 - Uma mulher só, sentada em um banco, no segmento 29, concentrada na utilização de um dispositivo eletrônico. A fotografia demonstra com clareza como o espaço convexo é parecido com uma sala a céu aberto, conformadas por paredes.	115
Figura 66 - Um homem adulto assiste pacientemente o movimento de carros e pedestres, com sua bicicleta ao lado. Isso aconteceu no segmento 3.	115
Figura 67 - Segmento 2. Passantes pero no mucho. Mesmo com pressa, as pessoas olham para vitrines e para alguém que as fotografa.	116
Figura 68 - Uma mulher, apesar de sentada, parecendo pouco confortável. Sua posição era de proximidade com veículos que transitavam pelo local. Aqui é o segmento 3.	116
Figura 69 - Ainda no segmento 3, toda a família passeando, comprando e observando vitrines. Fica evidente a importância das constituições para a humanização do espaço.	117
Figura 70 - No mesmo segmento 3, a família é fotografada no ato da interação com a vitrine.....	117
Figura 71 - Grande área não edificada no miolo de quadra com saída para o segmento 3 é utilizada como estacionamento.....	118
Figura 72 - Os acessos às edificações favorece não apenas a vida humana como também a vida animal. Na imagem, o cachorro se refresca do calor escaldante do verão tubaronense no sistema de ventilação do comércio.	118
Figura 73 - No segmento 10, vendedor ambulante tira proveito de parte da fachada que não possui abertura móvel para vender suas mercadorias. O local possui um dos maiores índices de copresença da área central de Tubarão.	119
Figura 74 - O povo toma as ruas em uma prática eventual, porém tradicional, para demonstrar sua fé. Registro no segmento 26.	119
Figura 75 - O espaço aberto residual em frente à Catedral, apesar de subutilizado cotidianamente, possui função e uso eventual bem consolidado, como na procissão de Nosso Senhor dos Passos, tradicional manifestação religiosa.	120
Figura 76 - Manifestações patrióticas, como a do dia de 7 de Setembro, proporcionam diferentes formas de ocupação de áreas cotidianamente pouco utilizadas. Na imagem, os segmentos 11 e 12.	120

Figura 77 - Exemplo de edificação com uso e constitutividade mista, com térreo comercial e andares superiores habitacionais. Aqui é o segmento 7.	121
Figura 78 - Croqui para localização das pessoas (pontos coloridos), onde "calçadão" = segmento 29; "avenida" = segmentos 10 e 11; "beira-rio" = segmentos 2 e 3.	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados de copresença em um sábado.....	91
Tabela 2 - Dados de copresença em um domingo.	92
Tabela 3 - Dados de copresença em uma segunda-feira.....	93
Tabela 4 - Dados de copresença em uma terça-feira.....	94

LISTA DE SIGLAS

NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

PGAU-Cidade – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade

Pós-Arq – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

PPGAS – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

SE – Sintaxe Espacial

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

<u>PRELÚDIO</u>	19
<u>INTRODUÇÃO</u>	21
UM PARADOXO CIDADINO	22
O ESPAÇO PÚBLICO NO CENTRO DAS CIDADES MÉDIAS	22
O INTEMPORAL NA VIDA ORDINÁRIA	23
ARQUITETURA E ANTROPOLOGIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL	25
MÉTODOS PARA MEDIR E OBSERVAR	26
UMA CHAVE DE LEITURA PARA ESTA DISSERTAÇÃO	28
<u>CAPÍTULO I – O PROCESSO DA FORMA URBANA DE TUBARÃO</u>	30
1.1 UMA SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA DE TUBARÃO	32
1.2 UMA SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA DA ÁREA CENTRAL DE TUBARÃO	35
1.3 CENTRALIDADE: UM PROCESSO TRANSITIVO	44
<u>CAPÍTULO II – A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA ÁREA CENTRAL DE TUBARÃO</u>	49
2.1 O TODO, PORQUE O CENTRO NÃO É SÓ	50
2.2 A CONFIGURAÇÃO LOCAL	60
2.2.1. ASPECTOS LOCAIS DE CENTRALIDADE	61
2.2.2. OS ESPAÇOS ABERTOS POSITIVOS	64
2.2.3. A INTERFACE ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E O ESPAÇO PRIVADO	68
2.2.4. O USO DO SOLO	71
2.2.5. ELEMENTOS-SUPORTE	74
<u>CAPÍTULO III – A VIDA NO/DO ESPAÇO PÚBLICO DA ÁREA CENTRAL DE TUBARÃO: O VIVIDO</u>	75
3.1 À SOMBRA DO COTIDIANO	76

3.2	A TOTALIDADE SUBJACENTE AOS INDIVÍDUOS	77
3.3	ONDE E QUANDO: A VIDA PÚBLICA ATRAVÉS DA COPRESENÇA	79
3.3.1	OS PONTOS MÁXIMOS DA COPRESENÇA	95
3.3.2	OS VALORES CONSTANTES DE COPRESENÇA	96
3.3.3	AUSÊNCIA DE COPRESENÇA	96
3.4	UM OLHAR <i>DE PERTO</i> E <i>DE DENTRO</i>: QUEM SÃO AS PESSOAS DO LUGAR?	97
3.4.1	AS PRÁTICAS COTIDIANAS NO ESPAÇO PÚBLICO DA ÁREA CENTRAL DE TUBARÃO	99
3.4.2	O COTIDIANO E O ESPAÇO PÚBLICO ATRAVÉS DO OLHAR FOTOGRÁFICO	100
<u>EPÍLOGO</u>		<u>122</u>
O HOMEM E O ESPAÇO NO COTIDIANO		122
RESULTADOS		123
CONCLUSÕES		125
RECOMENDAÇÕES		126
<u>POSFÁCIO</u>		<u>127</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>		<u>128</u>
<u>ANEXOS</u>		<u>132</u>
ANEXO I – DIÁRIOS DE CAMPO		133

PRELÚDIO

Esta pesquisa tem seu início no ano de 2012, quando da conclusão da minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). O trabalho final de graduação tratou de uma pesquisa em uma comunidade suburbana, abrangendo temas que perpassavam o urbanismo, paisagismo, arquitetura, habitação social e ciências sociais. Porém, uma insatisfação com os métodos de estudo e aproximação do público alvo do projeto – algo que nascera já em meados do curso – acabou por marcar as reflexões posteriores ao término da faculdade. E a vontade de conhecer mais e melhor as pessoas e como elas se relacionam com a arquitetura me levou a cursar a disciplina “Antropologia Urbana” oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para um arquiteto com formação eminentemente técnica e sedento por humanidades, as aulas e leituras dirigidas pela Professora Dra. Alicia Castells foram um grato início do delineamento de um caminho para a continuidade dos estudos. De maneira cativante, atingindo em cheio as questões que trazia comigo no que tange a vida das pessoas e a arquitetura (seja ela em qual escala for), o curso ministrado pela Professora Alicia auxiliou, de maneira determinante, na definição do tema e do método de pesquisa para um futuro projeto de mestrado.

A partir daí, sucederam-se algumas conversas entre a Professora Alicia e eu que culminaram no ingresso no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU-Cidade), da UFSC, e no convite para a orientação da pesquisa de mestrado.

As orientações, ainda em tom de conversas, foram frequentes logo no primeiro ano do curso de mestrado e lapidaram o esboço da pesquisa outrora apresentado no processo seletivo do PGAU-Cidade. Algumas questões foram constantes nessas orientações-conversa, entre as quais um possível caráter universal da vida no espaço público.

Nesse tópico, a discussão se desdobrava sempre a partir da minha insistência em buscar *padrões* que relacionavam usos/apropriações e características arquitetônicas no espaço público – desse modo, totalmente abstrato, sem “pé-nem-cabeça” – e culminava nas respostas e explicações generosas e pacientes da Professora Alicia, agora Professora Orientadora, que demonstrava que a realidade constrói os conceitos, não o contrário. Para minhas colocações, utilizei como referência

fundamental a obra de Christopher Alexander (1979; 2013) e sua ideia de *linguagem de padrões*, que, ainda que considere a cultura e outras condições locais, carecia, na minha defesa, de elementos reais e localizados. Por sua vez, a Professora Orientadora Alicia me apresentava a importância de os conceitos emergirem desde uma realidade observada citando, principalmente, trabalhos de antropólogos. Tal método ficou claro para mim após a leitura de Gilberto Velho (2013), que, a partir da observação das/nas ruas de uma cidade e de acontecimentos ordinários, constrói a ideia de espaço público para aquela realidade específica.

Desse momento em diante foi possível elaborar a estrutura do trabalho que é aqui apresentado e reconhecer novas lacunas na pesquisa. A demanda por um método de identificação e análise das características físicas do espaço construído foi dirimida pela disciplina “Arquitetura dos Espaços Públicos”, ministrada pelo Professor Dr. Almir Francisco Reis, através do estudo de teóricos pertencentes ou próximos à Teoria da Sintaxe Espacial (SE). Assim, um campo de estudos dentro da arquitetura, até então desconhecido para mim, se fez patente, mostrando possibilidades de se estudar relações entre características físicas dos lugares e as pessoas que vivem de alguma maneira esses lugares. O olhar apresentado pela SE se mostrou complementar às referências bibliográficas da Antropologia Urbana. Como consequência dos fatos e escolhas que permearam a trajetória da pesquisa, o Professor Almir foi convidado a ser coorientador da pesquisa, convite este que foi gentilmente aceito.

Assim sendo, a dissertação foi estruturada, lapidada e consolidada após encontros com orientadora e coorientador e é o material resultante de todo esse processo que apresentamos a seguir. Considerando que o trabalho foi realizado há, pelo menos, seis mãos (há também que se considerar a importante participação dos professores da banca de qualificação, dos colegas do PGAU-Cidade e do Núcleo Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural – NAUI –, das disciplinas cursadas no PGAU-Cidade, etc.), a escrita se faz em primeira pessoa do plural.

INTRODUÇÃO

Para a maior parte da população mundial, a vida se passa em uma cidade. Ao acordar, já se ouvem os ruídos urbanos. Ao sair de casa ou ao olhar pela janela, se enxerga a paisagem urbana. E o que é que se vive e se vê quando estamos na cidade?

Uma pergunta vaga como essa pode ser respondida de (quase) infinitas maneiras. Por ora, vamos nos ater a observar o próprio ser humano que, ao habitar, trabalhar, circular e descansar, constrói e dá vida e sentido à urbe.

O que salta à vista nas cidades – pequenas, médias ou grandes – é a concentração de pessoas, principalmente se cotejarmos a realidade urbana com a realidade rural. Essa impressão de que a cidade tem muita gente é marcante também quando o observador passa de uma realidade urbana menor para uma maior, como é o caso deste autor que vos escreve.

Temos aí alguma resposta para a primeira pergunta desta introdução: na cidade é possível ver e viver (no sentido de alteridade) pessoas. A empatia nos move a querer avançar nessa resposta, rumo a outras perguntas: o que se passa com essas pessoas que vivem na cidade? Por que são assim?

De início, as ruas das cidades, especialmente seus centros, exibem, em primeiro plano, pessoas com algum ar de sofrimento – agitação, pressa, doenças físicas e mentais, violência, pobreza, tristeza, insegurança, etc. – e a alegria, o conforto, a amizade e outras qualidades mais desejáveis apenas permeiam vagamente a vida no espaço público. Essa perspectiva é primária e carente de maiores reflexões e contextualizações acerca do que é observado e também acerca do próprio observador. Assim, o que motiva esse trabalho é a busca por compreender um pouco dessa realidade, de modo a aprofundar e, talvez, ultrapassar o senso comum sobre como é a vida nas cidades. A influência da formação acadêmica do autor fez com que se buscassem respostas a essas perguntas através do estudo da forma do espaço urbano, em especial do espaço público – onde, afinal, estão as pessoas que interagem e que se deixam observar, caracterizando, assim, a paisagem urbana no que tange a presença humana de fato.

Um paradoxo cidadão

As conclusões decorrentes da abordagem da cidade enquanto caos urbano e/ou caos semiológico – ou seja, sob o aspecto da falência dos espaços e equipamentos públicos, privatização da vida coletiva, segregação urbana e social, ruptura e impessoalidade nas relações sociais, violência, solidão etc. – não esgotam as abordagens e verificações possíveis acerca das cidades e da vida urbana (MAGNANI, 2002, p. 12). Porém, isso tampouco significa que perspectivas sobre o drama da vida urbana sejam falaciosas, insignificantes ou possuam menor importância frente a outras possibilidades menos trágicas de observação da vida nas cidades, como parecem sugerir estudos pós-modernos onde o relativismo impera e para os quais nada é bom ou ruim, simplesmente é. Georg Simmel (2005[1903]) demonstra de forma inequívoca, também para a realidade urbana hodierna, como as mazelas humanas encontram na cidade um ambiente propício para o seu desenvolvimento e agravamento.

É no entremeio do drama urbano – no seu viés humano e arquitetônico – e das sutilezas que tornam a vida nas cidades possível que se situa este trabalho.

As vivências e usos no espaço público de ambientes urbanos, na escala e profundidade com que são verificados hoje, são fenômenos subjetivos e sociais recentes, e qualitativa e quantitativamente crescentes (SOMMER, 1973; VILLAÇA, 1986). Logo, faz-se necessária a existência de pesquisas que lancem um olhar sobre essa nova realidade urbana a partir de e relacionando diferentes disciplinas, de modo a permitir uma melhor compreensão das causas, funcionamento e efeitos do fenômeno que é o espaço público contemporâneo das cidades.

O espaço público no centro das cidades médias

Sem ignorar que os espaços privados, em especial os de uso habitacional, são determinantes para o desenvolvimento da dinâmica urbana (MAGALHÃES, 2001), julgamos que estudar aquilo que é comum a todos no contexto urbano, que é, por princípio conceitual, visível e vivenciável por toda pessoa cidadina, se mostra como objeto mais urgente para nossa pesquisa.

Os espaços públicos das cidades se apresentam como a expressão aguda da diversidade da vida urbana, se considerarmos que público é “[...] o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e

diferente do lugar que nos cabe dentro dele. [...] ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens.” (ARENDDT, 1999, p. 62).

Assim, é razoável constatar que o estudo do espaço público das cidades pode desvelar novos aspectos da condição existencial humana.

Ainda, se ampliarmos a escala de abrangência de nossa visão sobre a cidade enquanto campo de análise, delineando suas diferentes partes – bairros, centro e periferia –, veremos que é nos espaços públicos centrais onde notadamente há maior ocorrência – ou possibilidade de ocorrência – da publicidade do espaço. O centro, por suas características intrínsecas, tende a concentrar maior quantidade de pessoas, pessoas diferentes e em horários distintos.

E, no tocante à centralidade, o estudo das cidades médias pode elucidar peculiaridades do processo de crescimento e de multacentralização urbanas, haja vista que cidades menores tendem a apresentar um número reduzido de centralidades – ou apenas uma. E, por consequência, isso tem implicações em como as pessoas reconhecem e utilizam o espaço público de uma área central.

O intemporal na vida ordinária

Sem descuidar as “experiências de estranheza, não-reconhecimento e até choque cultural” advindos do “problema do anonimato relativo na grande metrópole” (VELHO, 1999, p. 126), faz-se necessário compreender quais são os fatores humanos – no sentido daquilo que é vivenciado pelas pessoas – e espaciais existentes, constantes e temporais, comuns aos indivíduos e grupos aparentemente dissonantes que possibilitam a vivência e convivência nas cidades – principalmente no espaço público urbano, o mundo cotidiano.

Introduzida a complexidade da problemática urbana – com seus aspectos arquitetônico, urbanístico, antropológico, filosófico, social, psicológico, econômico etc. –, faz-se necessária uma abordagem que transponha a absolutização de valores visuais do espaço construído (como adequação à paisagem, simetria, coesão, estilo etc.) e que considere as *experiências dos usuários*, como alerta Sommer (1973). Nesse sentido, contribui também a ressalva de Certeau, de que os estudos sobre leituras e escritas ainda mal observadas (como as da paisagem) “são geralmente de tipo estatístico: calculam as correlações entre objetos lidos, lugares sociais e lugares de frequência ao invés de analisarem a própria operação do ler, suas modalidades e sua tipologia”

(CERTEAU, 2014, p. 265). Ainda, nossa pesquisa se justifica devido ao conhecimento acerca de conceitos significativos para o comportamento humano e sua relação com a geometria espacial, usualmente de difícil expressão por parte das pessoas, ser de suma importância para o trabalho de concepção dos espaços por arquitetos (SOMMER, 1973) e pela própria população.

Considerando que a *qualidade viva* da existência humana, que é sempre espacializada, depende de um tipo de linguagem baseada em fundamentos vivos de comportamento e de geometria do espaço e da relação entre esses (ALEXANDER, 1979), o que se observa, em especial nas cidades, é que

[...] as linguagens do ambiente construído que as pessoas têm hoje sejam [são] tão brutais e fragmentadas que a maioria das pessoas já não conta com nenhuma linguagem sobre a qual falar – o que elas de fato têm não é baseado em considerações humanas ou naturais.
ALEXANDER, 2013, p. XIX

Destarte, faz-se necessário formalizar essas observações sensíveis do uso do espaço, descobrir e aprender “padrões que sejam profundos e capazes de gerar vida¹” (ALEXANDER, 1979, p. 12).

Por sua vez, a descoberta de padrões implica no reconhecimento de que há elementos – físicos e subjetivos – que são constantes na vida urbana. Para Alexander (1979; 2013), a intemporalidade² do espaço construído está sempre relacionada a padrões³ de comportamento. Os

¹ Tradução nossa.

² Para Houaiss *et Villar* (2010), *atemporal* e *intemporal* são palavras sinônimas, significando “que não varia em função do tempo” (p. 77); para Ferreira; Silveira *et Ferreira* (2009), *atemporal* é aquilo que independe do tempo e *intemporal* adjetiva algo eterno. Assim, adotamos os conceitos “atemporal” e “intemporal” como sendo sinônimos, porém, utilizando os dois termos para manter a fidelidade à tradução de Waisman (2013) e à tradução já conhecida do termo *timeless* de Alexander (1979) – este, que será objeto de discussão aprofundada em capítulo posterior.

³ Padrão é a tradução do termo em inglês *pattern*, utilizado por Alexander (1979; 2013), que tem o sentido não-determinista de parâmetro, “princípio com capacidade generativa” (BARROS, KOWALTOWSKI, 2013), diferente do que possa parecer à primeira vista, devido à conotação popular de caráter impositivo e pré-definido dado ao termo em português.

comportamentos, usos e apropriações ocorrem e são observáveis no hoje, na vida ordinária. Assim, buscamos o “invisível no visível” (CERTEAU, 2014), o intemporal no temporal, e procuramos perpassar a superfície do olhar acostumado para adentrar no cotidiano e seus princípios.

Arquitetura e Antropologia: um diálogo possível

Logo, “não se trata mais de criar métodos matemáticos para produzir o espaço, mas de descobrir uma estrutura imanente à nossa relação com o ambiente e torná-la visível.” (VELOSO, 2012, p. 497)

Conforme sugere Sitte (1992 [1889]), a cidade deve atender a duas categorias de funções ou necessidades: técnicas e artísticas. Sitte atenta para o aspecto artístico da forma das cidades, em especial dos espaços públicos formados por praças, e, ainda que sua abordagem tenha como pressuposto explícito a expectativa humana de que “uma cidade deve ser construída para tornar o homem ao mesmo tempo seguro e feliz” (Idem, p. 14), sua análise objetiva exclusivamente a forma urbana. O que se busca aqui é aliar esta análise dos aspectos formais, em sentido próximo aos estudos de Sitte, à visão do sujeito – indivíduo - que utiliza e se apropria do espaço, ou seja, ainda que se parta da ideia de que há princípios, parâmetros de concepção do espaço ligados a determinadas possibilidades de uso e apropriação, nossa observação e análise buscará compreender esse fenômeno com e para um *lugar* e *pessoas* em um espaço e tempo determinado – o espaço público da área central da cidade de Tubarão. Busca-se, com o auxílio do instrumental teórico e empírico da antropologia urbana, humanizar a compreensão da estrutura espacial dos espaços públicos urbanos, sem, no entanto, que isso ocorra em detrimento da disciplina da Arquitetura.

Para responder às questões propostas, lançar-se-á mão de referencial teórico e metodologias específicas para cada eixo temático da pesquisa – espaço e usos/apropriações. As referências para a caracterização e análise do espaço construído tem base na Teoria da Lógica Social do Espaço – Sintaxe Espacial –, a partir de autores como Hillier (2007) e Holanda (2013), e de autores que não possuem relação direta com a Sintaxe Espacial, mas que possuem os mesmos pressupostos que compõem seu cerne, principalmente no que tange a relação de mutualidade na formação do comportamento pessoal e social e da configuração espacial, como Alexander (1965; 1979; 2013) e Sitte (1992 [1889]). A contribuição da área da Antropologia Urbana para a

identificação e interpretação dos fenômenos humanos e sociais perpassa autores que tratam dos usos e apropriações que constroem o cotidiano das cidades e por ele são construídos e que dão atenção ao papel da espacialização desses fenômenos enquanto parte ativa da vida urbana, e não uma espécie de pano de fundo. Assim, a contribuição de Certeau (2014), Simmel (2005[1903]), Leite (2013), Magnani (2002) e Velho (1999) compõem a base da referência antropológica da pesquisa.

Métodos para medir e observar

Diante do exposto, lança-se uma questão geral para reflexão: como é possível compreender mais da vida e condição humanas (em um sentido último, ontológico, e também em sentido imediato, da vida cotidiana) através da compreensão do uso do espaço público dos centros urbanos?

A partir do contexto e reflexões apresentados, a questão central da pesquisa traduz-se da seguinte maneira: *a partir da análise do espaço público físico da área central de uma cidade média e de seus usos e apropriações cotidianas, que implicações da relação entre as pessoas e o espaço urbano é possível depreender?*

A questão central representa o objetivo geral da pesquisa, que, para ser alcançado, deve responder aos desdobramentos, ou objetivos específicos, de (a) conhecer e analisar o contexto processual – histórico, geográfico e social - no qual está inserida a área de estudo; (b) caracterizar e analisar a forma do espaço urbano da área de estudo; (c) caracterizar e analisar as práticas cotidianas existentes na área de estudo e caracterizar seus praticantes; e (d) realizar a correlação e análise das informações obtidas e construídas na resolução dos objetivos “a”, “b” e “c”.

Para o desenvolvimento desta pesquisa de dissertação foi necessária uma metodologia que buscasse não apenas registrar a presença/existência de pessoas e de um lugar, mas saber quem e o quê são eles. Assim, mostrou-se essencial a caracterização dos indivíduos ou grupos e a averiguação de possíveis - e prováveis - diferenças entre eles no que tange a maneira de vivência do/no espaço físico, a existência e construção de valores e a própria noção de o que seja o espaço físico. Para tal empreendimento, o método *qualitativo*, que para Olabuénaga *et* Ispizua (1989) é uma generalização que inclui distintas nomenclaturas de pesquisa qualitativa (métodos etnográfico, interacionista, interpretativo, fenomenológico etc.), se mostra o mais adequado, visto

que seus pressupostos de investigação são bem definidos: as pessoas e cenários não são acessíveis de outra maneira que não a incursão em campo; o pesquisador possui limitações de tempo; a investigação é baseada em uma grande quantidade de pessoas e/ou cenários; e o pesquisador busca esclarecer experiências humanas subjetivas. Ainda, um método qualitativo “[...] permite uma investigação para preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real [...]” (YIN, 2004, p. 21)

Desse modo, a metodologia adotada para esta pesquisa foi fundamentada no olhar *de perto e de dentro*, que considera tanto os sujeitos enquanto atores, como o espaço enquanto parte constitutiva do campo a ser pesquisado (MAGNANI, 2002). Objetivamos, assim, conhecer e compreender “[...] aspectos de uma cultura e uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia.” (VELHO, 1999, p. 124) observando-se os possíveis *padrões* – comportamentais e geométricos – e suas relações.

O modo de aprofundamento do referencial teórico-metodológico é também reflexo da abordagem antropológica. A partir da noção de que, para nós, a realidade pré-existe a lucubrações e teorias, é a observação da realidade que será o ponto de partida para a apresentação, discussão e reflexão da obra dos autores supracitados. Logo, este trabalho é construído com base não na detenção do conhecimento, mas na junção da teoria com o conhecimento empírico; não parte do saber científico genérico que se aplica à prática, mas retira da realidade de um espaço e tempo específicos informações de um cotidiano vivido que se relacionará com a ciência no estado em que ela se encontra, no tocante aos temas de trabalho – espaço urbano, vida urbana e usos e apropriações da cidade.

A fim de sistematizar a coleta e análise de dados em toda a pesquisa, captar detalhes do objeto de estudo e facilitar a leitura do trabalho, o recorte espacial foi decomposto em unidades nomeadas segmentos⁴. Cada segmento corresponde a uma área entre dois cruzamentos de via. Essa divisão se justifica pelo fato de que, assim, as particularidades que cada trecho de rua contém podem ser captadas, tanto nos seus aspectos espaciais quanto nos seus aspectos sociais.

⁴ A divisão de um recorte espacial em segmentos segue sugestão de Hillier *et lida* (2005).

Uma chave de leitura para esta dissertação

Os objetivos específicos da pesquisa são os elementos estruturantes da dissertação. O *primeiro capítulo* apresenta uma síntese do processo da forma urbana de Tubarão, explicitando a formação do espaço urbano – sobretudo a partir de base histórica textual e fotográfica, de modo a expressar o que compõe o processo urbano: elementos físicos da cidade, características sociais e históricas e suas relações (KRAFTA, 1994) –, o que resulta na forma da área central que é a existente atualmente e que nos encaminha ao *segundo capítulo*; que trata de caracterizar e analisar a forma urbana deste espaço situado em um tempo, o presente, e seu processo, com foco nas características e dispositivos físicos, ainda que se saiba que tal processo também abrange as atividades sociais (Idem). Para caracterizar e analisar as atividades sociais, desde um viés proposto pela antropologia urbana, focalizado nos usos e apropriações cotidianas (CERTEAU, 2014) através de um *olhar de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002), que considera os sujeitos enquanto atores e o espaço enquanto parte constitutiva do campo a ser pesquisado, há o *Capítulo III*.

É importante explicar que, a despeito do uso de referencial teórico ao longo de toda a pesquisa que afirma a relação intrínseca existente entre os aspectos espaciais e humanos na vida urbana, o segundo e terceiro capítulos apresentam-se separadamente, porém não objetivando o isolamento de seus conteúdos, mas para permitir enfoques aprofundados em cada tema. A relação e possíveis correlações entre aspectos físico-espaciais e aspectos humanos especializados estão apresentados dos capítulos II e III e no *Epílogo*, que também contém uma análise ao seu final, que discutirá os resultados obtidos e as teorias adotadas como referência frente a esses resultados. As considerações finais apresentarão uma avaliação geral da pesquisa, sugestões de melhorias e possíveis encaminhamentos para a pesquisa e para o tema.

A seguir, apresentamos o *mapa de segmentos* que serve como mapa de localização e leitura para todas as menções aos espaços públicos desta pesquisa.

Figura 1 - Mapa de segmentos de espaços públicos analisados. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

CAPÍTULO I – O PROCESSO DA FORMA URBANA DE TUBARÃO

Esta pesquisa tem como objeto de análise uma realidade situada em um recorte temporal específico: o tempo presente. Porém, “a reflexão histórica é um dos meios mais completos para conhecer a própria realidade e, em consequência, projetar um futuro próprio, livre da limitação de modelos alheios.” (WAISMAN, 2013, p. XV).

Nesse sentido, aqui se intenta apresentar uma síntese historiográfica da origem e da evolução da forma urbana de Tubarão. Historiográfica porquanto, consoante reflexão de Waisman (Idem) acerca dos termos *história* e *historiografia*⁵, este capítulo apresenta uma aproximação do processo de constituição da forma urbana do município no sentido de que, a partir de uma história dada – com subsídio de autores locais e regionais –, segue a uma análise dos fatos históricos.

A adoção de um método que lança mão da identificação e análise de fatos e documentos históricos requer um cuidado específico quanto à questão da subjetividade do pesquisador e a influência desta na pesquisa, haja vista que

Os problemas historiográficos [...] estão comprometidos diretamente com a ideologia⁶ do historiador, pois realizam o recorte de seu objeto de estudo e de seus instrumentos críticos, para a definição do texto historiográfico; tudo aquilo, enfim, que o levará à interpretação do significado dos fatos e, por fim, à formulação de sua própria

⁵ Para a autora (WAISMAN, 2013), *história* é a realidade dos acontecimentos, a sucessão dos fatos; e *historiografia* é a ciência e o estudo de determinada realidade histórica. Daí resulta o discernimento entre problemas históricos e problemas historiográficos, aqueles ocupados com a existência do fato histórico – veracidade, datação, atores envolvidos etc. – e estes dedicados à análise do fato histórico – classificação, relação com outros fatos históricos etc. É importante ressaltar que, apesar da diferenciação dos termos, tais objetos de estudo são inseparáveis.

⁶ Entendemos o termo *ideologia* a partir da sua acepção filosófica, no sentido de conjunto de ideias e valores – e não com o significado de um ideário dogmático, instrumento de luta política –, consoante interpretação nossa de Waisman (2013), particularmente na introdução e no final da primeira parte de seu livro, quando a autora afirma o papel do *juízo de valores* no estudo da história e da historiografia.

versão do tema escolhido. (WAISMAN, 2013, p. 5).

Não obstante, ademais da ideologia, há no juízo do historiador, em um plano pessoal, a influência de sua formação profissional, sua formação pessoal e de sua própria personalidade (Idem). Assim sendo, a análise histórica e/ou historiográfica, mesmo com a subjetividade do pesquisador, não é sinônimo de um relativismo generalizado, passível de veleidades, visto que “[...] representará uma visão particular da realidade histórica, enraizada na própria realidade.” (WAISMAN, 2013, p. 48).

Logo, ainda que os aspectos históricos e historiográficos processuais da forma urbana de Tubarão não componham o cerne desta pesquisa, há que se refletir minimamente acerca daquilo que causa a permanência de determinadas características urbanas e arquitetônicas, do valor dos espaços construídos e da essência de sua *qualidade*⁷, que, segundo Waisman (2013), é o que caracteriza a atividade do historiador da arte.

O estudo do permanente e do passageiro enquanto fundamentos de compreensão da obra de arte – para nós, desde o viés arquitetônico-urbanístico – resulta de que “[...] a necessidade de atender à qualidade atemporal do objeto de estudo é necessariamente acompanhada da atenção à sua qualidade temporal [...]” (Idem, p. 14). Para compreendermos aspectos, de algum modo, constantes no espaço e na vida de uma cidade, devemos observar o percurso temporal desse local e dessa população.

Devemos, assim, considerar o contexto e as peculiaridades sociais do processo histórico, os quais são essenciais para a compreensão da origem das ideias arquitetônicas e urbanísticas.

Por fim, com o objetivo de compreender um espaço e a vida que nele habita, ambos no presente, recorreremos ao estudo básico do seu processo histórico – que inclui aspectos geográficos e sociais. E essa compreensão transpassa e resulta, necessariamente, no reconhecimento daquilo que é passageiro e daquilo que é perene.

⁷ Termo tomado de Alexander (2013), que representa a característica fundamental de um ambiente físico, resultante da relação entre desenho e uso.

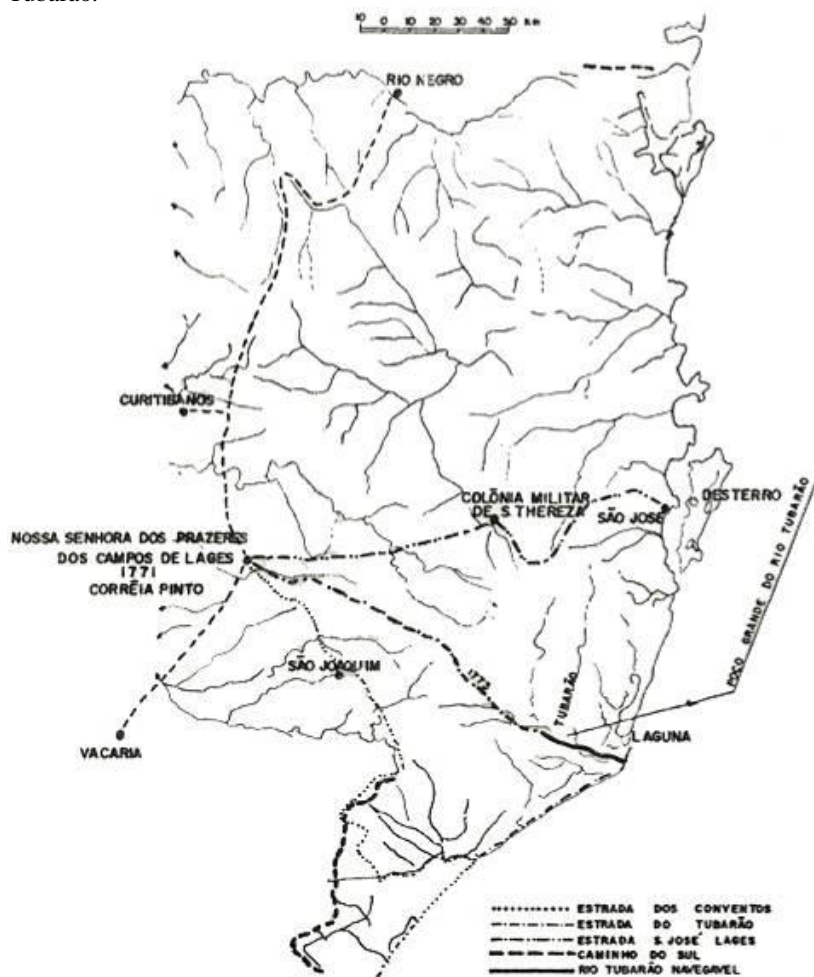
1.1 Uma síntese historiográfica de Tubarão

O processo da forma urbana do município de Tubarão tem seus primeiros acontecimentos ligados ao uso do Rio Tubarão como canal de transporte de mercadorias entre os municípios de Lages, na Serra Catarinense, e Laguna, no litoral sul do mesmo estado. A abertura do caminho entre essas duas cidades – Lages e Laguna – foi o fato determinante para o início da ocupação pelo *homem branco* nas terras que mais tarde originariam Tubarão. (VETTORETTI, 1992).⁸

O percurso, hoje conhecido como a Estrada da Serra do Rio do Rastro (Rodovia Estadual SC-390), era constituído por terra, no trecho compreendido entre Lages e Tubarão, e por via fluvial, desde Tubarão a Laguna. O local onde era realizada a transição entre os dois modos de transporte acabou por requerer e consolidar uma estrutura de apoio, inicialmente constituída de abrigos para proteger mercadorias, viajantes, tropeiros e os arreios. Pode-se afirmar, portanto, que o intercâmbio de mercadorias e os viajantes em trânsito por essa rota – ou seja, o comércio e o rio – foram os fomentadores desse entreposto comercial. Conseqüentemente, outras atividades foram desenvolvidas, como serviços de assistência aos viajantes, o estabelecimento de moradores fixos e a construção de uma “capelinha”. À primeira e maior paragem da época foi dado o nome de Poço Grande do Rio Tubarão – nome também adotado para este povoado. (PIAZZA, 1983; VETTORETTI, 1992; 1997)

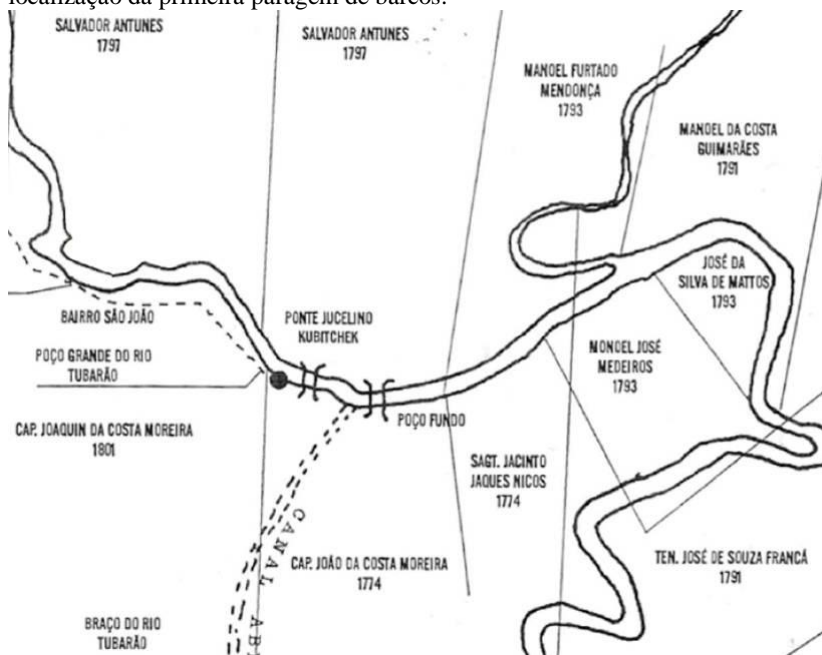
⁸ Para uma contextualização nacional, estadual e regional aprofundada deste período histórico sugere-se a leitura de Medeiros (2007) – particularmente o capítulo 4 –; Cabral (1970); Piazza (1983) – em especial o capítulo VIII –; e Vettoretti (1992; 1997; 2004).

Figura 2 – Caminhos que deram origem à ocupação das margens do Rio Tubarão.



Fonte: Vettoretti, 1992, p. 42.

Figura 3 - Divisão das sesmarias onde viria a ser a cidade de Tubarão, com a localização da primeira paragem de barcos.



Fonte: Vettoretti, 1997, p. 115.

Segundo o historiador Vettoretti (1997), o Poço Grande do Rio Tubarão, estabelecido no ano de 1774, se localizava na zona oeste da atual área urbana. Posteriormente, no final da década de 1820, uma área a leste do Poço Grande, no ponto mais alto do então distrito de Laguna, é doada à Irmandade de Nossa Senhora da Piedade com o objetivo de que ali fosse construída a Igreja Matriz, concluída em meados da década de 1830. A partir de então, o núcleo da ocupação se estabeleceu na região da Igreja Matriz, local onde hoje está erigida a Catedral de Tubarão, e na área entre esta e o Rio Tubarão.

Identifica-se, assim, uma peculiaridade na evolução da forma urbana de Tubarão: o que é tido como a atual “área central” da cidade carece de um dos significados atribuídos a tais espaços, que, segundo Vaz (1991), é o de “coração histórico da cidade”, o local de fundação, início da povoação. Porém, o centro de Tubarão foi o “conjunto mais importante da área urbana no período que antecede a modernização” (Idem, p. 36), outra característica apontada por este autor para a

conceituação de *centro de cidade*.⁹ O núcleo da ocupação se desloca, mas a proximidade com o rio permanece.

O Rio Tubarão, desde o início do povoamento, desde o momento histórico que completou o caminho de Lages a Laguna, foi, por mais de um século, o único caminho de saída para o mar, isto é, para o Porto de Laguna; a única forma de comunicação com outros centros consumidores do país. [...] Tubarão intermediava os produtores rurais e o grande empório atacadista daquela cidade portuária [Laguna], a qual, antes da construção da Estrada de Ferro, controlava todo o comércio do interior. (VETTORETTI, 1992, p. 65)

Daí presume-se a importância de Tubarão no contexto regional catarinense e, o que mais interessa para a nossa pesquisa, o protagonismo do papel do Rio Tubarão em todas as esferas do surgimento e do desenvolvimento urbano até o momento em que meios alternativos de transporte, que não o fluvial, passaram a ser explorados.

Ademais da construção da Igreja Matriz, outro acontecimento que representa a consolidação do novo núcleo da ocupação e que confirma a constante relação entre a cidade e o rio é, no ano de 1890, a tomada de decisão pela Câmara de Vereadores de se construir um “porto moderno” na área central da cidade. “Durante os 40 anos que se seguiram sua construção, este porto foi o centro de todas as atividades comerciais [...]” (VETTORETTI, 1992, p. 67). Igreja, rio e comércio sobre a sesmária desta região formaram, então, “[...] o embrionário centro urbano.” (Idem, p. 16).

1.2 Uma síntese historiográfica da área central de Tubarão

A partir de 1829, data do registro de doação de uma gleba para a construção da Igreja Matriz, concluída em 1832, o núcleo urbano de Tubarão se consolida no atual Bairro Centro, em detrimento da área inicialmente ocupada, a oeste. Conforme supracitado, a construção de um porto com condições mais adequadas de suportar a atividade mercantil e de transporte junto ao Rio Tubarão fortaleceu a nova área

⁹ O tema “centralidade” será tratado em subseção específica.

central do município, que desde então passou a comportar todas as principais atividades relativas à vida da sociedade daquele tempo.

A documentação que nos permite conhecer e analisar a evolução urbana de Tubarão, desde seu início com o estabelecimento da paragem do Poço Grande do Rio Tubarão em 1774 até a consolidação do centro urbano no entorno da Igreja Matriz após sua construção em 1832, é baseada em escassos mapas e, principalmente, na descrição das edificações do núcleo urbano antigo, ambos materiais consultados em Medeiros (2007) e Vetorreti (1992; 1997; 2004).

A partir da apresentação de Medeiros (2007) acerca do traçado da linha férrea na área urbana de Tubarão na década de 1890, é possível aferir que a ocupação à época era esparsa e localizada à margem sul do Rio Tubarão. O traçado das vias, inclusive da via férrea, concluída em 1884, é majoritariamente paralelo ao rio. Assim também são configuradas as ruas Lauro Müller e Marechal Deodoro (segmentos 2, 3, 4 e 5), antes nomeadas unicamente de Rua do Comércio, local que concentrava as casas comerciais no Século XIX. (VETTORETTI, 1992). Exceção ao alinhamento paralelo ao rio são as vias na área circunvizinha à Igreja Matriz, que são perpendiculares ao rio de modo que ligam este ao local da igreja.

No que tange à arquitetura das edificações, o que nos permite reconhecer aspectos históricos na forma do centro urbano de Tubarão são, principalmente, os registros textuais em documentos oficiais da existência de edifícios – alguns que permanecem até hoje – e registros de antigas fotografias que dão a conhecer parte da realidade urbana de Tubarão em tempos passados. Nos anos que se seguiram à construção da Igreja Matriz, edificações com importância política, econômica e cultural moldaram e solidificaram a forma urbana do centro de Tubarão, e o fazem até os dias atuais. Foi na via que liga o morro da Igreja ao Rio Tubarão que se estabeleceu a primeira sede da Câmara de Vereadores, em um local improvisado, cedido para tal função. Também a “Casa da Cidade”, um centro cultural atualmente desativado, foi construída no início do Século XIX com a função de servir como residência para a família dos herdeiros do proprietário da sesmaria sobre a qual se construiu a Catedral e o centro urbano de Tubarão. Importantes políticos do Brasil, membros de famílias reais e viajantes vindos da Europa se hospedavam nesta casa ao transitarem pela região (VETTORETTI, 1992). A localização do edifício reflete a sua importância para a época: na rua que liga a então Igreja Matriz e o Rio Tubarão. Sobre esta área, o então legislador e proprietário desta residência afirmou, em um contexto de discussão acerca da construção de uma sede legislativa municipal,

que “[...] o local situado nas proximidades da Igreja Matriz, escolhido e aceito para o projetado edifício [Câmara Municipal], além de ser o melhor da cidade por sua feliz e bela situação daria em resultado a imediata fatura de novas ruas e o conseqüente embelezamento da cidade [...].” (VETTORETTI, 1992, p. 78). Foi nesta área que também surgiram os primeiros e até hoje tradicionais clubes sociais da cidade, nos anos de 1899 e 1931 (MEDEIROS, 2007).

Longitudinalmente ao rio e paralelas entre si, localizam-se as principais vias do tecido urbano da área central da cidade: a beira-rio e a Avenida Marcolino Martins Cabral (originada a partir do traçado da linha férrea, segundo Medeiros [2007]), segmentos 2-5 e 10-13. Os dois eixos de circulação que regem a malha existente hoje tiveram origem, portanto, no uso do rio (conforme já vimos) e na malha ferroviária. Os trilhos foram retirados do centro da cidade no ano de 1969. “A partir da década de 1950, [a linha férrea] causava tumultos, acidentes e transtornos, principalmente com as paradas dos vagões em manobras. Esta incômoda situação praticamente impedia o desenvolvimento da cidade. A retirada destes trilhos era uma aspiração da comunidade [...].” (VETTORETTI, 1992, p. 208). É interessante reportarmos aqui os registros do historiador Vettoretti (Idem) a respeito desta época, para que melhor se compreenda o espírito daquela sociedade:

Em 10 de maio de 1969, a cidade estava em festas. Da estação de passageiros partia o último trem a transitar no centro. A valente Texas 309 parecia fremir qual um indômito corcel. [...] Na plataforma a Banda do 14º Batalhão de Caçadores de Florianópolis tocou a Valsa da Despedida. As lágrimas disfarçadas e incontidas emoções se alastravam. Solenemente partiu. Deslizava lentamente enquanto que das janelas, sacadas, das portas e na rua centenas de populares acenavam. (VETTORETTI, 2004, p. 115)

A mudança da realidade econômica e cultural da sociedade tubaronense em um curto espaço de tempo se refletiu, deste modo, no espaço, conforme aferível nas seguintes palavras de Vettoretti:

Os valores mudam com o avanço do progresso. Este ato foi o inverso ao que ocorreu em 1884, quando entrou a primeira locomotiva no mesmo trajeto, o que foi um motivo de jubilosas festas,

considerado um fato glorioso para Tubarão. Nesta etapa, havia um regozijo pela retirada das incômodas e fumacentas locomotivas. (VETTORETTI, 1992, p. 209)

No leito da antiga ferrovia se construiu o maior eixo viário da cidade, a Avenida Marcolino Martins Cabral, que corta a cidade no sentido leste-oeste, paralelamente ao Rio Tubarão.

Já no Século XX, outros fatores impulsionaram a evolução urbana e arquitetônica da área central de Tubarão. A partir da instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, setor de Santa Catarina, em 1942, no então bairro periférico Capivari de Baixo – hoje município –, houve a necessidade de se construir residências para seus operários, diretores e engenheiros. Como reflexo direto e indireto do estabelecimento destas novas camadas sociais e usos da cidade, foram construídas na área central de Tubarão: Vila dos Engenheiros – hoje sede da Prefeitura Municipal (1943); Cine Vitória (1948) – posteriormente utilizado como igreja e hoje sem uso, etc. (VETTORETTI, 1997, p. 216-217).

Concluindo esta retrospectiva da evolução urbana da área central de Tubarão, uma intervenção importante que diz respeito principalmente ao uso, mas também à configuração física do espaço urbano central de Tubarão foi a restrição de trânsito de veículos automotores em um trecho de aproximadamente 100 metros de uma importante rua, criando desse modo aquilo que hoje é conhecido como o (único) Calçadão de Tubarão, uma rua exclusiva para pedestres. A alteração no uso da rua ocorreu no início dos anos 1980 em decorrência de iniciativa popular junto à administração pública, em especial dos comerciantes locais, que tomaram conhecimento de iniciativas similares em municípios vizinhos e viam, assim, a existência de uma rua exclusiva para pedestres como algum tipo de modernidade urbana e valorização do comércio¹⁰.

A progressiva substituição dos meios de transporte fluviais por modelos terrestres, que hoje é exclusiva, parece ser uma das causas da modificação da paisagem das margens do rio e, por conseguinte, do centro urbano, haja vista as retiradas de vegetação ribeira que eram comumente executadas para facilitar a navegação (VETTORETTI, 1992) e que hoje crescem sem critérios paisagísticos de plantio e/ou manutenção.

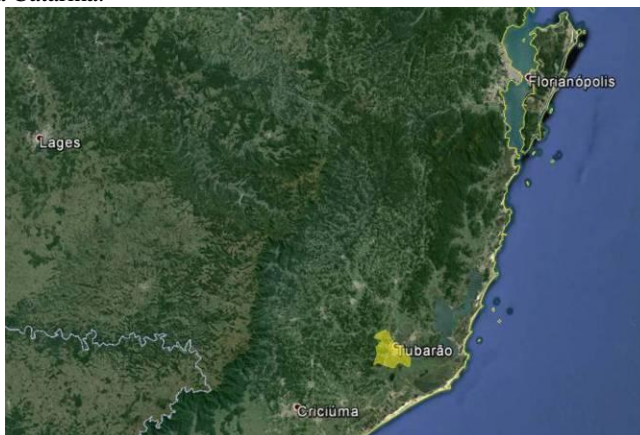
¹⁰ Comunicação pessoal do ex-prefeito Ângelo Antônio Zobot, em 15 de julho de 2015

Figura 4: Localização do estado de Santa Catarina no mapa brasileiro.



Fonte: Google Earth com modificações nossas, 2015.

Figura 5: Localização do município de Tubarão em relação a outros municípios de Santa Catarina.



Fonte: Google Earth com modificações nossas, 2015.

Figura 6: Localização da área central de Tubarão na zona urbana.



Fonte: Google Earth com modificações nossas, 2015.

Figura 7: Aproximação da área central no tocante ao recorte de estudo.



Fonte: Google Earth com modificações nossas, 2015.

Figura 8: Paragem à margem do Rio Tubarão em local e data desconhecidos.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 9: Procissão na Rua Lauro Müller (segmentos 2-5), às margens do Rio Tubarão, no ano de 1930.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 10: Rua São Manoel, atual Calçadão (segmento 29), no ano de 1933.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 11: Esquina entre as ruas São Manoel e Lauro Müller (entre os segmentos 2 e 3), no ano de 1930.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 12: Rua São Manoel (segmento 29), atual rua de uso exclusivo de pedestres, no início do Século XX.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 13: Rua São Manoel (segmento 29), atual rua de uso exclusivo de pedestres, na década de 1960.



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

1.3 Centralidade: um processo transitivo

Para o tema desta pesquisa, a discussão da noção de centralidade é fundamental, haja vista a importância destas áreas enquanto elemento para a compreensão da dinâmica urbana de um local/região, o que inclui as questões relacionadas ao espaço público. Neste trabalho, a ideia de centralidade também compõe parte do arcabouço teórico utilizado para a delimitação do recorte espacial da área pesquisada. O conceito é aqui discutido através das perspectivas da história, da geografia social e de teorias socioespaciais.

A princípio, o tema da centralidade parece fazer referência exclusiva a uma leitura local do espaço urbano. Quando falamos de uma área central da cidade – de uma centralidade, de um centro – fazemos menção a um local específico em meio ao conjunto total de espaços que forma a cidade. Porém, a caracterização de um espaço enquanto centralidade é uma qualificação relacional: defendemos que determinado espaço só é uma centralidade à medida que é parte de um conjunto maior de espaços, com os quais possui relações específicas de fluxos, atividades, posição geográfica, história, geometria etc.

Ao abordarmos a questão da centralidade na/da área em estudo, portanto, estamos falando de um *local* através de um olhar que considera o *todo*. Logo, esta subseção transita entre diferentes escalas de análise do espaço. Porém, a transitividade da centralidade não se limita à escala. Lembremos que nosso olhar do todo e do local permeia as várias áreas do conhecimento, já citadas anteriormente – história, geografia, arquitetura e antropologia.

Consoante Hillier (1999; 2009), o conceito de *centralidade* aplicado a assentamentos urbanos é dotado de dois conjuntos de características essenciais: um funcional e outro espacial. Funcionalmente, um centro urbano apresenta uma concentração de distintas atividades e usos em uma área. Os aspectos espaciais, por sua vez, podem ser de dois tipos: *globais* e/ou *locais*. Entende-se por aspecto espacial global a posição que uma área ocupa frente ao conjunto de áreas que forma um assentamento e as relações que com elas estabelece. Já os aspectos espaciais locais são aqueles com características métricas, ou seja, características de desenho do espaço, como, por exemplo, a intensificação da malha urbana, resultado de quadras menores, permeadas por uma maior quantidade de ruas, vielas, becos ou galerias.

Instrumentos da Sintaxe Espacial, como o mapa axial, elaborado a partir do *software* DepthMap, auxiliam na compreensão das

propriedades e dinâmicas do espaço urbano e mostram que a centralidade impregna a malha urbana de maneira mais intrincada do que foi pensado inicialmente. Através de seus aspectos funcionais e espaciais, uma área central está unida ao restante da cidade através de correlações espaciais, de hierarquia de localidades, de movimentos de pessoas, atividades e usos (HILLIER, 2009). As relações, tanto funcionais como espaciais, estabelecidas dentro do centro e do centro com o restante da cidade não apenas se tornam aparentes no mapa axial como também compreensíveis. Através das medidas de integração¹¹ apresentadas em um mapa axial, é possível depreender as escalas e limites das centralidades e da influência que estas exercem na malha urbana.

A despeito de que a base do mapa axial é a malha urbana – ou seja, exclusivamente o espaço e seu desenho – e de que buscar implicações sociais a partir do desenho possa soar como um determinismo arquitetônico, os níveis de integração da malha urbana apresentados no mapa tornam possível analisar e compreender fatores funcionais, de movimento de pessoas, de usos e de apropriações do espaço. O que nos ajuda a desvendar a relação entre movimento, uso e espaço – este considerado a partir de dados matemáticos e métricos – é o conceito de centralidade viva e a teoria do Movimento Natural.

Normalmente, um centro é marcado por um “centro vivo” focal de mercados e varejo, com zonas mais calmas de administração, negócios e religião localizados próximos uns aos outros de modo a definir a área central. Para começar a entender a centralidade, nesses casos, é preciso identificar esse foco, seus componentes e os limites que eles conformam (HILLIER, 1999). A centralidade viva [*live centrality*] encerra o elemento da centralidade que é guiado por atividades de varejo, mercados, alimentação e diversão, e outras atividades que se beneficiam do movimento de pessoas de um lugar. “*The key proposal is that a distinctive spatial component is always present in live centres because at all levels it occurs in locations favoured by and influenced by the ‘movement economy’ process.*”¹² (HILLIER, 1999, p. 107).

¹¹ O conceito de integração é apresentado na subseção 2.1.

¹² Tradução nossa: A proposta chave é que um componente espacial distintivo está sempre presente nos centros porque em todos os níveis ele ocorre em locais favorecidos e influenciados pelo processo da “economia do movimento”.

A teoria do Movimento Natural propõe que há causa e efeito recíprocos entre espaço e movimento de pessoas¹³. Existem, desse modo, padrões e níveis de movimento potencializados pela organização espacial e sua evolução, os quais influenciam também escolhas de uso do solo. Os usos do solo e movimento, por sua vez, influenciam na criação de novos fluxos de pessoas que dão mais retorno à escolha de usos do solo e, com isso, a malha urbana local se adapta a esse desenvolvimento, através de uma intensificação do traçado (HILLIER, 1999). A teoria da Economia de Movimento conclui que alguém

“[...] tendo sido atraído para a centralidade por algum motivo, torna-se mais fácil ‘aproveitar a viagem’ e se deslocar dentro dela [malha central densa] para realizar outras atividades. Esse ‘efeito colateral’ seria um dos mecanismos básicos da Economia de Movimento.”¹⁴

O processo da Economia de Movimento atua nos níveis global e local. No nível global, ele ocorre em áreas que possuem altos valores de integração em relação ao assentamento como um todo; localmente, em espaços que possuem características específicas de traçado. Portanto, os dois aspectos são dinâmicos (HILLIER, 1999).

Assim, em se conhecendo o processo espaço-funcional que caracteriza uma centralidade através dos níveis de integração do seu espaço urbano, podemos identificar a existência de um *metacentro*:

Every centre has a centre. It starts with a spatial seed, usually an intersection, but it can be a segment. The seed of a centre will have destination and route values at both local and global level. Some – usually small – centres start because they are the focus of a local intensified grid – a local case – others because they are at an important intersection – a global case¹⁵.
HILLIER, 2009, K01:6

¹³ Doravante, a ideia de movimento de pessoas será nomeada simplesmente como *movimento*, seguindo a nomenclatura proposta por Bill Hillier.

¹⁴ Texto extraído de material produzido e apresentado pelo Professor Dr. Renato Tibiriçá de Saboya em aula por ele ministrada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Pós-ARQ) da UFSC.

¹⁵ Tradução nossa: Todo centro tem um centro. Ele começa com uma semente espacial, normalmente uma intersecção, mas pode ser um segmento. A semente

Conforme demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, a área em análise é, além de um centro funcional e espacial, também um centro histórico¹⁶. O “centro do centro”, a semente que originou o processo de centralidade, tem sua origem no início da ocupação de Tubarão e, a partir da base histórica apresentada, é possível identificar onde e quando a árvore da centralidade foi plantada – árvore essa que faz crescer seus ramos por toda a cidade, através dos aspectos funcionais e espaciais já citados, mantendo suas raízes onde houve o plantio, através dos aspectos históricos e espaciais locais.

Somados aos aspectos espaciais e funcionais supracitados, temos, como uma característica não essencial, porém usual, as variáveis ligadas à história. Segundo Vaz (1991), as áreas centrais das cidades possuem o valor de “coração histórico da cidade” quando correspondem ao local de sua fundação e início da povoação e quando compõem o “conjunto mais importante da área urbana no período que antecede a modernização” (Idem, p. 36). Ainda,

O termo *centro histórico*, correntemente, é aplicado a um assentamento urbano ou a zona específica de uma cidade, que abriga um importante conjunto de monumentos dentro de um tecido urbano coerente e significativo. As edificações de especial valor, integradas dentro dessa trama homogênea, que se consolidou ao longo de vários séculos, ou então em um período determinado da história, conformam uma unidade urbana na qual se harmonizam valores históricos, arquitetônicos, de paisagem urbana, de memória social. (WAISMAN, 2013, p. 199);

Defendemos, então, para o caso de nosso estudo, a noção de uma *centralidade plena*.

Assim, podemos nomear a centralidade que estamos estudando como um caso de *centralidade plena*. Se por um lado, se reforça o que

de um centro será destino e rota importantes tanto a nível local como global. Alguns – normalmente pequenos – centros começam porque são o foco de uma malha urbana densa – caso local – outros porque são uma importante intersecção – caso global.

¹⁶ Ainda que a área central de Tubarão não seja o local inicial da ocupação da cidade, consideramo-la centro histórico, pois está ligada à origem da urbanização local.

aponta Hillier (1999; 2009), ao verificarmos que a área possui características funcionais e espaciais de centralidade, defendemos que devem ser também consideradas características históricas e culturais, consoante a caracterização de áreas centrais proposta por Vaz (1991).

A partir dessa noção de *centralidade plena* (que abrange a tríade espaço-função-história), a centralidade é encarada por nós como um processo espaço-funcional. Ela se auto-organiza através de um processo que inclui relações de movimento de pessoas e das partes que compõem a malha urbana, processo este que abrange as diferentes escalas do espaço urbano (HILLIER, 2009). Logo, para entender a centralidade, temos que tentar identificar e compreender as dinâmicas espaciais e de apropriação existentes. Seguimos a sugestão de Hillier (1999) de que a análise do processo seja realizada através da investigação das relações entre dinâmicas espaciais e funcionais e da busca por saber como esses aspectos são guiados pela vida econômica e social das sociedades urbanas. A esses aspectos, o autor chama de *produtos processuais*.

Para identificar o processo em curso em uma centralidade, quando não há registros históricos suficientes que permitam tal leitura, Hillier (1999) sugere que se recorra à identificação desses produtos processuais.

If the movement economy is the process by which centrality in general is created, then its effects should be detectable in consistent relations between the functional variables by which we mark centrality – land use concentrations and mixes, demographic factors and so on – and distinctive types of spatial patterning¹⁷. HILLIER, 1999, p. 109.

Por conseguinte, centralidade é um conceito que transita entre espaço e função, desenho e cotidiano, entre o todo e as partes da cidade.

¹⁷ Tradução nossa: Se o Economia do Movimento é o processo pelo qual a centralidade é geralmente criada, então, seus efeitos deveriam ser detectáveis em relações consistentes entre as variáveis funcionais pelas quais identificamos uma centralidade – concentrações e diversidade de usos de solo, fatores demográficos e assim por diante – e distintos tipos de padrões espaciais.

CAPÍTULO II – A CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA ÁREA CENTRAL DE TUBARÃO

A forma urbana é o processo existente na relação entre aspectos sociais e dispositivos físicos (KRAFTA, 1994). Para que nossa análise da forma do espaço público da área central de Tubarão abarque as implicações decorrentes dessas duas esferas – física e social – recorreremos a três ramificações teóricas dos estudos urbanos e arquitetônicos: a Sintaxe Espacial (SE), através de Bill Hillier; o estudo da cidade tradicional, por Camillo Sitte; e a teoria da linguagem de padrões, de Christopher Alexander.

Lançando mão do conceito de “comunidade virtual” de Hillier (2007), construímos um campo de possibilidades de encontros, usos e apropriações através da análise da configuração espacial com o uso de ferramentas da SE. Esse conjunto de possibilidades, no entanto, não incorre em determinismo, uma vez que são atributos sociais *sugeridos* – não produzidos – pelo espaço e, portanto, não necessariamente efetivados.

A identificação e análise dos princípios artísticos da construção da cidade (SITTE, 1992 [1889]), que se constituem de centros livres das praças, continuidade de fachadas, coesão espacial¹⁸, definição de espaços vazios por espaços construídos, intraconexão entre espaços públicos, etc., é a contribuição sittiana neste capítulo. As ferramentas para tal estudo são as mesmas que o autor utiliza em sua obra supracitada que, por vezes, se sobrepõem ao instrumental proposto pela SE.

De Alexander (1979; 2013) e sua linguagem de padrões, utilizamos alguns padrões de desenho e uso, correlações entre ambos e alguns conceitos, como o *modo intemporal de construir* e os *espaços abertos positivos*. A teoria da Linguagem de Padrões contribui tanto na identificação de aspectos físicos do espaço e suas possíveis influências na vida social como também na proposição de maneiras de se observar o espaço e seus usos pelas pessoas no cotidiano.

Aplicamos esse arcabouço teórico-metodológico na escala local e na escala global, para que a leitura do lugar desvende não apenas os fatores espaciais específicos da área central, mas também os fatores externos que influem na vida social que ali se faz presente.

¹⁸ Este atributo espacial diz respeito à ideia de todo que pode se ter de um espaço em si e suas conexões com o conjunto (SITTE, 1992[1889]).

2.1 O todo, porque o Centro não é só

Ainda que esta pesquisa abranja uma área física com perímetro inequivocamente definido, é necessário que se compreenda, ou, em palavras mais realistas e modestas, que se considere o contexto socioespacial no qual o recorte de pesquisa está inserido. A importância das relações existentes entre as diferentes escalas - *parte* e *todo*- na análise socioespacial é fundamentada em duas abordagens teóricas que julgamos distintas, porém mutuamente complementares.

O primeiro olhar que lançamos sobre a *parte* e o *todo* e suas inter-relações se dá, com base na *linguagem de padrões*¹⁹, a partir do reconhecimento de que “*The structure of a pattern language is created by the fact that individual patterns are not isolated*”²⁰ (ALEXANDER, 1979, p. 311). Um *padrão*²¹ contém aspectos físicos inerentes a ele (padrões menores), mas também está contido em padrões externos a ele (padrões maiores). Tomemos, como exemplo de padrão, algo comum ao espaço público urbano: uma rua local. A rua contém padrões menores a ela inerentes, como espaço para circulação de pedestres, aberturas que permitem o acesso ou visualização ao interior dos edifícios, canteiros, etc., e está contida em padrões maiores também essenciais, como uma conexão a uma avenida, uma quadra, o tecido urbano da cidade, etc. “*Each pattern then, depends both on the smaller patterns it contains, and on the larger patterns within which it is contained*”²² (Ibidem, p. 312). Desse modo, para compreendermos o que é a área analisada – que por si só, ou seja, isoladamente, não constitui área central alguma, mas o é enquanto parte contextualizada, relacionada ao restante da malha urbana – devemos realizar uma análise do *todo* que compõe a cidade de Tubarão.

A *linguagem de padrões* não apenas se faz presente no ato de as pessoas a moldarem seus ambientes particulares – como suas casas – mas também quando moldam coletivamente as ruas e cidades. Se os atos construtivos individuais seguem um padrão comum, ato por ato, se constrói também, além dos padrões particulares, um grande padrão, que

¹⁹ A teoria d’A *linguagem de padrões* está apresentada na seção de introdução desta dissertação.

²⁰ Tradução nossa: A estrutura de uma linguagem de padrões é criada pelo fato de que padrões individuais não estão isolados.

²¹ Ver nota de rodapé n. 3.

²² Tradução nossa: Cada padrão, então, depende tanto dos padrões menores que ele contém como dos padrões maiores em que ele está contido.

é a estrutura da cidade. “*Then finally, from separate languages for different building tasks, we can create a larger structure still, a structure of structures, evolving constantly, which is the common language for a town*”²³ (ALEXANDER, 1979, p. xiii).

Camillo Sitte (1992 [1889]), em sua *magnum opus*, ao focalizar sua pesquisa nos princípios de composição artística de espaços públicos pontuais também lança mão de uma abordagem do todo da cidade, realizada através do estudo das partes e suas relações: relações de estilos; efeitos de cada edifício monumental; o papel de cada praça em um conjunto de espaços públicos e imagens urbanas; e disposição de monumentos; ou seja, o todo enquanto uma composição artística.

Esse modo de construir e de observar o construído pressupõe menos um modelo do que uma regra²⁴. As características subjetivas impressas em cada construção são compatíveis entre si através da existência de uma linguagem comum – *padrão* – que subjaz ao que é

²³ Tradução nossa: Então, finalmente, a partir de diferentes linguagens para diferentes tarefas edilícias, nós podemos criar uma estrutura mais ampla ainda, uma estrutura de estruturas, em constante evolução, que é a linguagem comum para uma cidade.

²⁴ Em resposta à crítica à teoria de Christopher Alexander, de que esta seria um conjunto de fórmulas deterministas desprovidas de aporte científico (BARROS; KOWALTOWSKI, 2013), recorreremos à Choay (1986) e suas noções de *modelo*, *regra* e *teoria de urbanismo*. Para a autora, as *teorias de urbanismo* são compostas por um texto que relaciona um (pretensão) discurso científico com traços utópicos (*modelo*) e tratadistas (*regra*). No âmbito do urbanismo, o discurso científico tem por base analogias com as ciências naturais, em especial medicina e biologia; a utopia é caracterizada principalmente por conter uma modelização espacial de uma realidade futura, ou seja, uma proposta de sociedade-modelo alcançável através da reprodução de modelos, alheia à influência do tempo e das mudanças; já o tratado consiste essencialmente em um “método de concepção”, na “elaboração de princípios universais e de regras generativas que permitam a criação, não a transmissão de preceitos ou de receitas” (CHOAY, 1986, p. 16). Ainda que a própria Choay aponte traços utópicos no trabalho de Alexander, a sua *teoria de urbanismo* se mostra mais próxima da esfera da *regra* ao propor princípios de projeto – e não modelos – fundamentados em uma leitura diacrônica e multicultural do espaço construído, conforme é observável na forma e no conteúdo de apresentação dos *patterns* – que possuem justificativa empírica e por vezes teórica assim como princípios formais e funcionais invariáveis – e na sua aplicabilidade em realidades espaciais pré-existentes (ALEXANDER, 2013), na importância dada pelo autor ao cotidiano no processo de construção do espaço e de seus usos (ALEXANDER, 1979).

construído. Dessa maneira, o *todo* – e, portanto, sua estrutura, características, relações, hierarquias, etc. – é construído pelas partes.

Portanto, a estrutura d'A *linguagem de padrões* com a qual as pessoas constroem o ambiente físico é criada por uma rede de conexões entre padrões individuais, ou seja, pelas atuações particulares de conceber espaços construídos. Para Alexander (1979), essa rede de conexões – que constitui a *linguagem* em si – é viva²⁵ à medida que suas partes formam um *todo*. É aqui que chegamos à conclusão da necessidade da análise desse *todo*. A área central de Tubarão compõe e está imersa em que rede de conexões? Essa rede forma um *todo*? Apenas se respondermos a essas perguntas poderemos nos aproximar da resposta de uma pergunta maior: o espaço público da área central de Tubarão vive?

Consoante Alexander (1979), os padrões cobrem todas as escalas do ambiente que nos cerca e há, portanto, padrões maiores que dizem respeito à estrutura urbana. Ainda, esses padrões de diferentes escalas não estão isolados, mas formam um todo, e é a qualidade da coerência e coesão desse todo que facilita ao ambiente, desde aspectos micro até os macroescalares, a qualidade de ser um lugar vivo ou não. Construindo uma analogia ao exemplo de associação de padrões apresentado pelo autor²⁶, podemos afirmar que o espaço público de uma área central, para assim ser caracterizado, depende de fatores exteriores a ele, ou seja, aspectos observados no contexto global, bem como de fatores internos, da escala local. Exemplos de fatores globais podem ser: a confluência de fluxo de pessoas para essa área e a concentração e variedade de atividades em maior nível que em outras partes da cidade; já fatores locais podem ser: espaço destinado à circulação de veículos e pessoas e dispositivos espaciais como portas para o deslocamento entre ambientes públicos e privados. “*Each pattern then, depends both on the smaller patterns it contains, and on the larger patterns within which it is contained*”²⁷ (ALEXANDER, 1979, p. 312). Cada padrão é incompleto e, portanto, precisa estar contextualizado e contextualizar outros padrões

²⁵ A qualidade viva da existência humana depende de um tipo de linguagem baseada em fundamentos vivos de comportamento e de geometria do espaço e da inter-relação entre esses elementos (ALEXANDER, 2013).

²⁶ Nas páginas 311-312, Alexander (1979) fala da garagem e dos padrões maiores e menores a ela relacionados e necessários ao seu bom desempenho (tamanho do portão, acesso apropriado para veículos, estrada, etc.).

²⁷ Tradução nossa: Cada padrão, então, depende tanto de padrões menores que ele contém como de padrões maiores nos quais está contido.

para que adquira significado. Nesse sentido, a análise do *todo* em que se insere este estudo também tem este papel: o de imbuir maior e mais profundo significado à área central e sua análise.

Para a análise do *todo* ao qual corresponde nossa área de estudo também lançamos mão da Teoria da Lógica Social do Espaço –Sintaxe Espacial –, no tocante ao conhecimento de que

[...] *by developing forms of analysis which show how things are connected together to form local and global patterns, syntax has brought to light structures underlying the complexity of cities, which suggest that cities have universal, as well as culturally determined spatial features, which play a strong role both in embodying and reproducing the underlying social and economic patterns in cities and in driving the evolution of functional complexity in the system*²⁸. HILLIER, 2009, p. K01:2

A SE²⁹ procura trazer à luz as estruturas profundas subjacentes à configuração espacial da cidade, no seu sistema de espaços públicos e privados, em âmbito global e local. A visão global³⁰ baseada na noção de estrutura é por nós tomada como complementar ao olhar do *todo* enquanto soma e relação das partes (o *local*), conforme supracitado com referências a Sitte e Alexander.

Dentre as ferramentas de pesquisa desenvolvidas e utilizadas por pesquisadores da SE, o mapa axial é o mais indicado quando o foco da

²⁸ Tradução nossa: Através do desenvolvimento de formas de análise as quais mostram como coisas estão conectadas para formar padrões locais e globais, a sintaxe trouxe à luz estruturas subjacentes à complexidade das cidades, o que sugere que as cidades têm características universais, assim como características culturais, determinadas, que desempenham um papel fundamental tanto no incorporar e reproduzir os padrões econômicos e culturais subjacentes nas cidades como na direção da evolução da complexidade funcional no sistema.

²⁹ Como introdução à teoria e principais conceitos da Sintaxe Espacial sugerimos a leitura de Bafna (2003).

³⁰ No âmbito desta pesquisa, o termo *global* é sinônimo do termo *todo*, ou seja, o global representa a abrangência do olhar sobre o espaço que compreende todo um sistema, que por sua vez é sempre mais amplo do que o olhar *local*, que compreende parte de um sistema. Em termos matemáticos, podemos afirmar que o *local* corresponde a um conjunto inserido em um conjunto maior, que é o *global*.

análise é o entendimento das características comportamentais relacionada a uma configuração espacial. Razão significativa para isso é que o mapa axial possui como unidade de análise a *integração*³¹, medida que tende a expressar uma correlação vultosa entre distribuição populacional e configuração urbana. Pesquisas realizadas em diferentes configurações culturais, diferentes escalas e em diferentes tipos de ambientes demonstram, através do mapa axial, correlação entre valores de integração de um nó³², que representa uma linha axial particular, e a média de pessoas encontradas no espaço que está associado à mesma linha axial (BAFNA, 2003).

*The axial map was initially constructed to describe urban areas in which the structure of its street network could be described as a discrete spatial configuration. The underlying intuition is similar to that of convex spaces, based on the notions that first, the line of sight is a significant organizing and unifying device in experience and that second, the number of distinct turns on a route are more crucial to spatial experience than actual distance covered. Perceived distance between two spaces, therefore, is counted through depth, namely, in terms of the number of turns along a path between one space and another rather than as actual journey length*³³. BAFNA, 2003, p. 23-24

³¹ Também chamada de *medida de assimetria sintática* ou ainda *relativa assimetria real* (RRA).

³² Nas ferramentas gráficas da Sintaxe Espacial, um nó representa um determinado espaço físico (ambiente, praça, rua, etc.).

³³ Tradução nossa: O mapa axial foi inicialmente construído para descrever áreas urbanas nas quais a estrutura do seu sistema viário pudesse ser representada como uma configuração espacial discreta [conceito matemático que se opõe à configuração contínua]. A intuição subjacente é semelhante àquela dos espaços convexos, baseada na noção de que, primeiro, a linha de visão é um dispositivo organizador e unificador importante na experiência espacial e, segundo, o número de desvios distintos em uma rota é mais crucial para a experiência espacial do que a distância por ela coberta. A distância percebida entre dois espaços, portanto, é contada através da profundidade, isto é, em termos de número de desvios ao longo do caminho entre um espaço e outro em vez do comprimento do percurso.

A medida de *integração* é o valor da profundidade de uma linha axial em relação às outras linhas que compõem o sistema. A profundidade, por sua vez, é determinada pelo número de desvios de rotas existentes entre as linhas – e não por uma distância métrica. A essa noção de distância não métrica damos o nome de *distância topológica*, termo derivado da topologia, “ramo da geometria que se baseia na noção de um espaço não quantitativo e em que apenas se consideram as relações de posição dos elementos das figuras” (MICHAELIS, 2015). Desse modo, duas linhas axiais estão mais próximas (portanto, mais integradas ou em relação de menor profundidade) à medida que a ligação entre elas se dá de maneira mais linear, com menos vértices, conforme os exemplos a seguir:

Figura 14 - Topologicamente, as linhas A e B estão mais integradas entre si e em relação ao sistema do que C e D.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em um mapa axial, o nível de integração correspondente a cada seguimento de reta é representado através de cores, em uma escala de gradação entre cores frias e cores quentes. À linha menos integrada, corresponde a cor azul; à linha mais integrada, corresponde a cor vermelha³⁴. O azul e o vermelho são os extremos da escala, que é entremeada por uma cadência cromática.

Figura 15 – Os mapas axiais dos sistemas apresentados na Figura 13 mostram os diferentes níveis de integração das linhas que os compõem. O sistema da esquerda é mais integrado (menos profundo) frente ao sistema da direita. As linhas com cores mais quentes possuem níveis maiores de integração do que as linhas com cores mais frias.



Fonte: Elaborado pelo autor.

³⁴ Como tentativa de sintetizar as correlações entre cores e nomenclaturas, temos que: cores quentes = linhas mais integradas = espaços rasos; cores frias = linhas mais segregadas = espaços profundos.

Para a análise do mapa axial do município de Tubarão faremos uso de duas modalidades da medida de integração: *integração global* e *integração local*. A *integração global* é medida através do cálculo do valor médio de integração de uma linha para com todas as outras que compõem o sistema, ou seja, a quantidade de passos topológicos – desvios de percurso – que são necessários para que a partir de uma linha se alcance todas as outras (HILLIER, 2007). O mapa de integração global expressa as relações entre as partes da cidade. Será possível, portanto, compreender o papel que a área sob análise cumpre no contexto urbano de Tubarão. Já a *integração local* é mensurada considerando a relação de uma linha com outras três imediatamente a ela ligadas (HILLIER, 2007). Por esse motivo, a integração local também recebe o nome de *integração raio-3*³⁵ (integração r3).

A medida de integração local expressa as relações existentes entre espaços e seu entorno imediato e não consideram, portanto, relações espaciais na escala total da cidade. Para nós, faz-se importante a leitura dos níveis de integração local³⁶ por essa medida estar intimamente relacionada com o comportamento do pedestre no espaço (HILLIER, 2007). Vejamos o mapa axial de integração global da cidade de Tubarão:

³⁵ A medida de *integração local r3* resulta da verificação do nível de integração de cada linha axial com outras linhas axiais que se encontram a uma distância máxima de três passos topológicos.

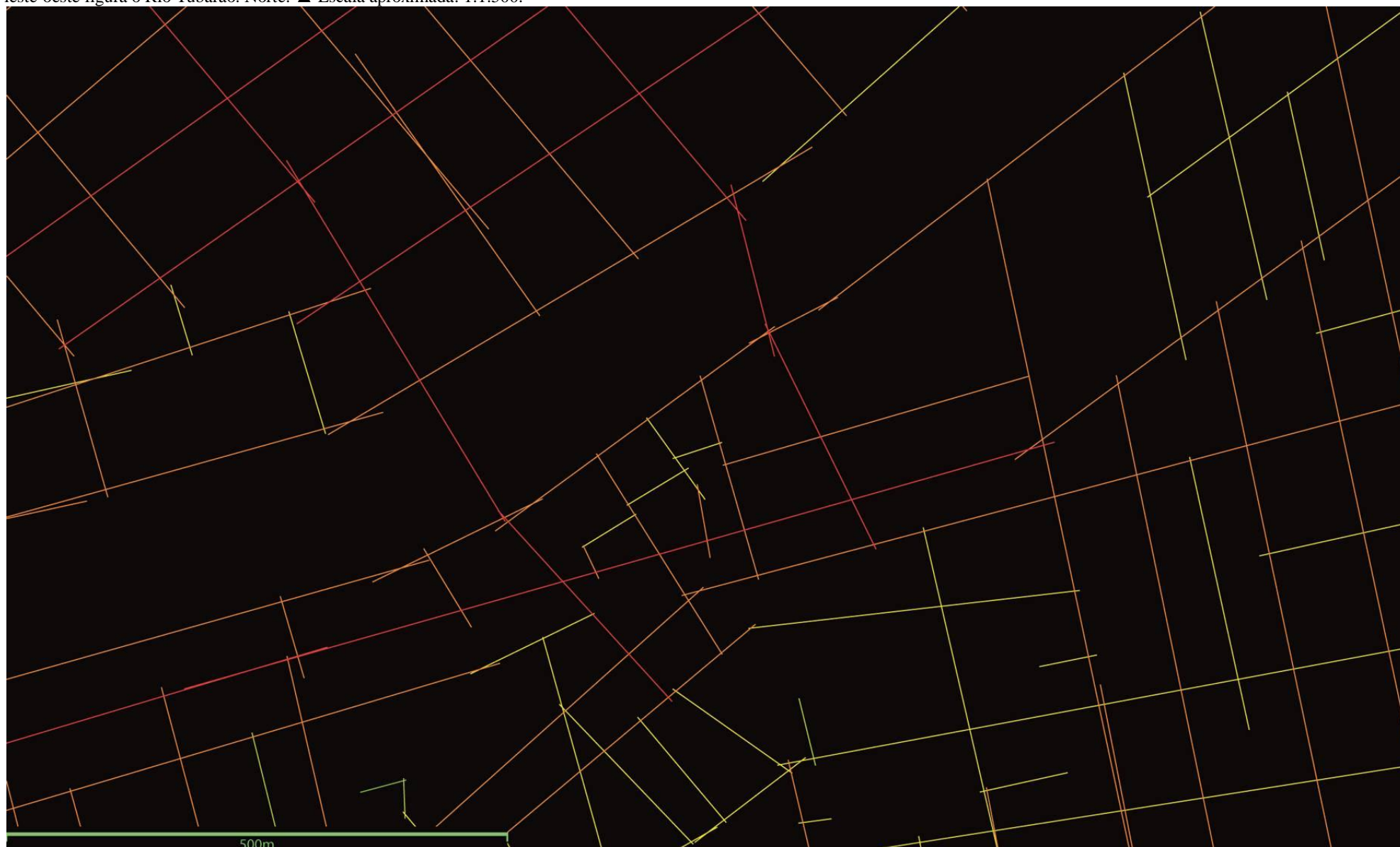
³⁶ A *integração local* será tratada na subseção a seguir.

Figura 16 – Mapa axial de integração global de Tubarão. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:4.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 17 – Detalhe da área em estudo no mapa de integração global. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:1.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

As figuras 16 e 17 nos mostram o conjunto de linhas axiais, ou seja, de eixos permeáveis à visão e ao movimento, que compõem o sistema de espaços públicos de todo o município de Tubarão. As linhas estão classificadas individualmente segundo seu nível de integração com todas as outras. As linhas coloridas com cores quentes possuem maior nível de integração com as demais e as linhas classificadas com cores frias estão mais segregadas em relação às demais.

A trama que compõe o mapa axial de Tubarão possui uma estrutura irregular, porém, abarcadas por uma lógica concêntrica de desenho. A partir do centro geométrico centrifugam-se as linhas axiais através de composições variadas, ora através de padrões ortogonais, ora entremeadas por vazios e linhas disformes e multiangulares, que estão em estrita correspondência com variações de relevo.

De imediato, é manifesto que os espaços mais integrados da cidade se concentram no centro da malha e que partindo daí para as bordas o nível de integração das linhas diminui, até que se chegue aos espaços mais segregados, nos bairros periféricos, principalmente na zona oeste da cidade.

A variação dos níveis de integração das linhas axiais no mapa sugere, junto com as medidas de integração local apresentadas na próxima subseção, que os espaços públicos de Tubarão possuem um alto nível de inteligibilidade. Inteligibilidade é “[...] *the property of the space that allows a situated or immersed observer to understand it in such a way as to be able to find his or her way around in it.*”³⁷ (BAFNA, 2003, p. 26) Metodologicamente, a SE define *inteligibilidade* como a correlação entre os valores das medidas de integração global e local (Idem). Consoante Bafna (2003), uma cidade que apresenta concomitantemente espaços públicos integrados no âmbito global e local e espaços públicos segregados no âmbito global e local, ou seja, espaços que estão integrados ao todo e que se comunicam com uma grande quantidade de espaços locais e espaços segregados do todo e que se conectam com uma pequena quantidade de espaços locais, são cidades com espaços públicos legíveis. Devido ao contraste entre as vias mais integradas – comumente, as vias principais – e as vias segregadas, se torna fácil para o usuário do espaço reconhecer onde está e/ou para onde deve ir, o que não ocorre em áreas com uma malha extremamente

³⁷ Tradução nossa: [...] a propriedade do espaço de permitir que um observador situado ou imerso entenda-o de tal maneira que ele seja capaz de encontrar seu caminho nele.

regular e com níveis de integração simétricos, que costumam confundir os transeuntes devido à semelhança labiríntica entre as vias.

O mapa de integração global demonstra que os maiores níveis de integração nessa modalidade se encontram na margem esquerda do Rio Tubarão, local de expansão urbana recente frente à data do início da ocupação da cidade, que se deu, sobretudo, na margem direita, na área que é objeto de estudo desta pesquisa. Concluímos, assim, que o centro de integração global da cidade sofreu - e possivelmente está sofrendo – um processo de deslocamento desde a área mais antiga da cidade para a área mais nova, junto à Rodovia Federal BR-101. Esse fenômeno é já conhecido pela teoria da SE: “*Most commonly the displacement of the centre is from a historical core towards what was once an edge. Even in quite small settlements this progressive displacement of the centre towards the edge can often be found.*”³⁸ (HILLIER, 1999, p. 108). Nosso estudo comprova tal afirmação para um caso de uma cidade de porte médio. Portanto, a área em estudo, ainda que apresente altos níveis de integração global frente ao todo, não é a área mais integrada da cidade – o centro de integração³⁹.

Em termos globais, podemos afirmar que a característica preponderante da área de estudo é a de abranger as duas linhas axiais que cruzam o Rio Tubarão, que se conectam tanto ao centro de integração da cidade (margem esquerda do Rio Tubarão) quanto à área com maior densidade de espaços públicos, que é a margem direita do Rio Tubarão.

2.2 A configuração local

Através do registro e da análise de informações que caracterizam o espaço público da cidade enquanto uma unidade – um *todo* – é possível apreender mecanismos de organização espacial da cidade. Porém, nesse tipo de leitura permanece oculta a dimensão espacial que

³⁸ Tradução nossa: Mais comumente, o deslocamento do centro é desde um núcleo histórico para onde antes era uma borda. Mesmo em pequenos assentamentos esse deslocamento progressivo do centro para uma borda pode ser frequentemente encontrado.

³⁹ Para que possamos elaborar conclusões aprofundadas acerca das implicações do deslocamento do centro de integração no caso de Tubarão, se faz necessário um estudo aprofundado e comparativo sobre/entre a área outrora central e a área atualmente mais integrada. No entanto, essa labuta não compõe o escopo desta pesquisa.

corresponde àquilo que é a efetiva vivência do espaço por parte das pessoas. “Um traçado de ruas serve apenas à comunicação, jamais à arte⁴⁰, já que nunca pode ser apreendido pelos sentidos ou visto em sua totalidade, a não ser em sua planta.” (SITTE, 1992 [1889]). Daí advém a necessidade de aproximarmos nosso olhar a um espaço público específico, delimitado, não apenas no espaço como também no tempo.

2.2.1. Aspectos locais de centralidade

A trama urbana que compõe a área central de Tubarão é notadamente mais intrincada, mais densa que a sua continuidade em direção a outras partes da cidade. O mapa axial que mede a integração local (Figuras 18 e 19) expressa essa intensificação da malha urbana. Como componente espacial diferenciador, identificamos a presença de vias exclusivas para pedestres e galerias. Há também a presença de percursos informais realizados por pedestres que adentram porções de terra particular, que estão ociosas ou possuem uso como estacionamento e que possibilitam às pessoas encurtarem a distância entre dois locais.

Os níveis de integração a nível local (raio 3) não possuem grande correspondência com os níveis de integração global. Se cotejados os mapas, observa-se que os espaços públicos da área de estudo possuem altos níveis de integração global, porém níveis moderados de integração local.

A menor integração local, no entanto, não parece ser fator decisivo para o desempenho de outros aspectos espaciais, como a constitutividade e a forma dos espaços abertos, e também para aspectos da vida cotidiana, como demonstrado no Capítulo III, onde os segmentos com maior copresença nem sempre são aqueles que apresentam maiores níveis de integração local.

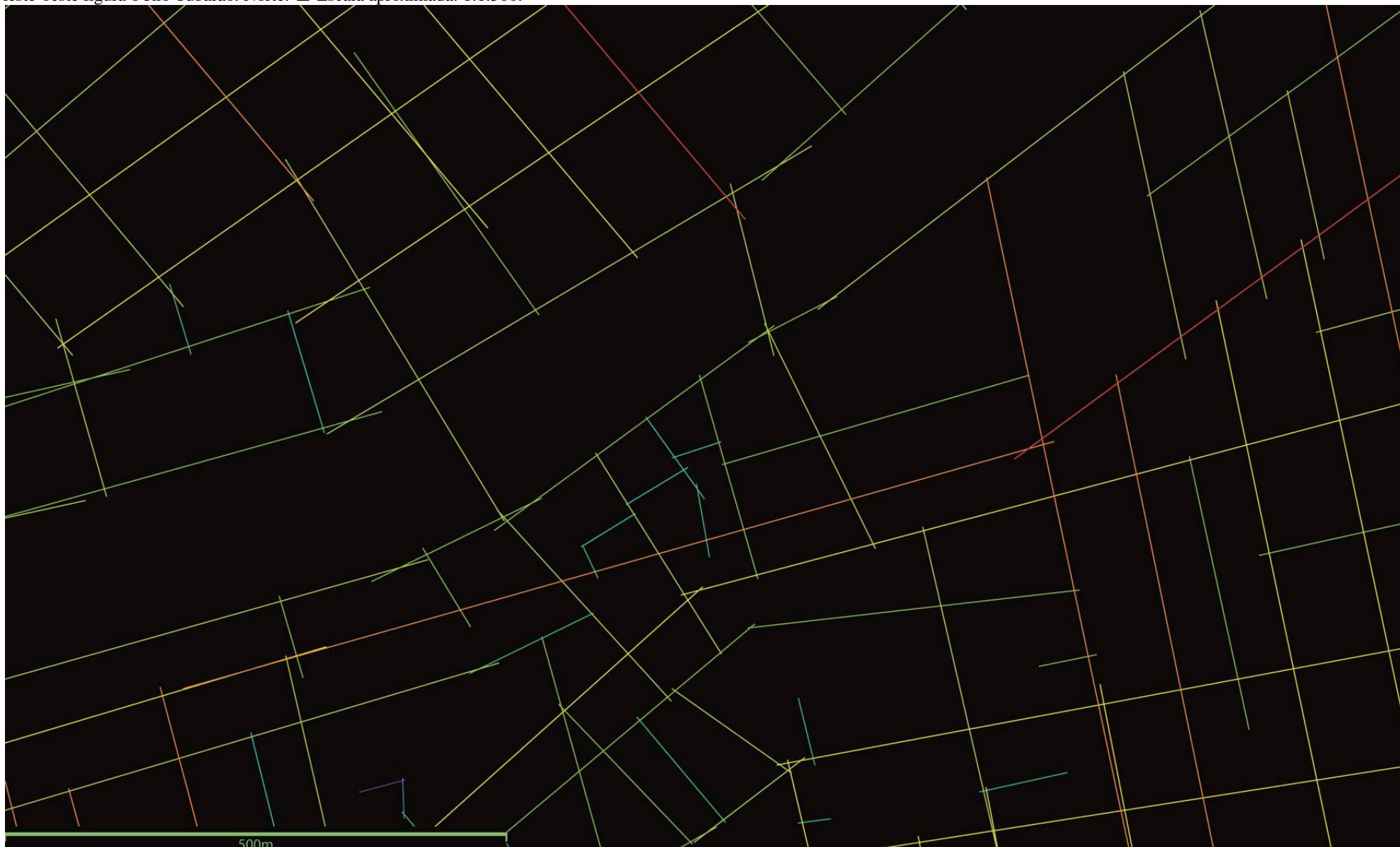
⁴⁰ O pressuposto de nossa pesquisa de que o caráter artístico do espaço urbano deve ser objeto de atenção por parte de quem nele age para que seja possível ao espaço urbano atender seus princípios de proporcionar felicidade ao homem (SITTE, 1992 [1889]) está discutido em maior profundidade na seção de introdução deste trabalho.

Figura 18 – Mapa axial da integração local. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazio que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:4.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 19 – Detalhe da área em estudo no mapa de integração local. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de integração. O vazão que corta o mapa no sentido leste-oeste figura o Rio Tubarão. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:1.500.

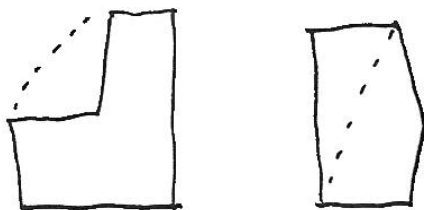


Fonte: Elaborado pelo autor.

2.2.2. Os espaços abertos positivos

Um espaço aberto positivo é assim considerado quando “[...] apresenta uma forma distinta e bem-definida, tão definida quanto se fosse um recinto interno, e quando sua forma é tão importante quanto as formas das edificações que o circundam.” (ALEXANDER ET AL, 2013, p. 518). Na teoria da SE, onde abundam termos matemáticos, esses espaços são também denominados de espaços convexos. Segundo a matemática, convexidade é a característica conferida a um plano no qual toda ligação em linha reta entre dois pontos de seu perímetro é interna a ele, conforme ilustra a figura a seguir:

Figura 20 - A diferença entre uma área côncava (esquerda) e convexa (direita). Na área côncava, a ligação dos pontos perimetrais passa, necessariamente, pelo seu exterior. Na área convexa, todas as ligações perimetrais estão contidas no seu interior.



Espaço côncavo e espaço convexo.

Fonte: ALEXANDER, 2013, p. 519.

A nomenclatura empregada por Alexander⁴¹ não é explicitamente justificada, porém, com o pressuposto da imparcialidade científica, interpretamos que os termos *negativo* e *positivo* não emitem juízo de valor sobre os espaços, antes indicam sua expressão formal. Como veremos a seguir, em um mapa de *cheios e vazios*⁴² os espaços abertos negativos não possuem uma forma definida, são amorfos, constituindo os resíduos das áreas edificadas – são, assim, uma espécie de *negativo*⁴³ da área construída. Os espaços abertos convexos são ladeados por uma

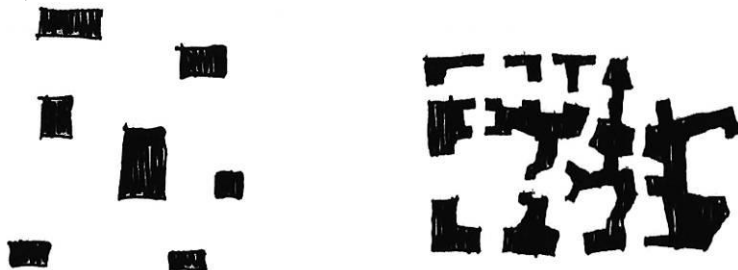
⁴¹ O autor nomeia os espaços côncavos de espaços abertos negativos e os espaços convexos de espaços abertos positivos.

⁴² Um mapa de cheios e vazios apresenta, em planta, as áreas edificadas e não-edificadas de um espaço.

⁴³ Utilizamos o termo conforme a acepção dada por Houaiss *et Villar* (2010): molde, imagem inversa.

materialidade tridimensional que o conforma (edificações, vegetação, esculturas, etc.). Em um mapa de cheios e vazios, um espaço aberto positivo desempenha o mesmo ou maior papel de protagonismo na criação de figuras e é, assim, um espaço *positivo*⁴⁴. A seguir apresentamos a distinção dos dois tipos de espaço na malha urbana:

Figura 21 - A diferença entre espaços abertos negativos (esquerda) e positivos (direita) na malha urbana.



À esquerda, edificações que criam espaços residuais e negativos; à direita, edificações que criam espaços externos positivos.

Fonte: ALEXANDER, 2013, p. 518.

Sitte (1992 [1889]) e Alexander (1979; 2013) afirmam, com base em estudos empíricos, que os espaços abertos positivos são mais utilizados e preferíveis pelos usuários do espaço urbano. Esses autores ainda afirmam que a relação entre os espaços abertos positivos também importa. Nos espaços públicos bem-sucedidos, há ligação espacial entre as praças e áreas abertas convexas.

A explicação de o porquê dos espaços convexas serem mais utilizados ainda não é muito clara, porém, há algumas hipóteses. A questão da segurança e proteção, ligada a instintos primitivos do ser humano, é uma delas (ALEXANDER, 2013). E não é tão difícil compreender isso. Em um espaço convexo, o usuário do espaço tem total visão do que ocorre naquela área e também está protegido nas suas costas, onde o campo de visão não chega. Esse instinto é verificável ao notarmos que as pessoas, via de regra, se posicionam próximas a paredes, árvores ou algum tipo de marco (monumentos, balaústres,

⁴⁴ Houaiss *et Villar* (2010) traz como uma das definições do verbete *positivo*: “[...] cópia fotográfica em que os escuros e claros coincidem com os do objeto fotografado.”

pilaretes, etc.) quando ficam paradas no espaço público. Essa condição foi verificada por Gehl (2014), que nomeou tal fenômeno como “efeito piano”⁴⁵.

As duas ferramentas mais utilizadas para a análise dos espaços convexos de uma malha urbana ou interior de edificação são o *mapa de convexidade* e o *mapa de cheios e vazios* (ou mapa de ilhas espaciais). A SE propõe o mapa de convexidade devido a sua precisão matemática. O mapa de convexidade identifica e delimita as áreas convexas e, através da inserção desses dados em um programa computacional, é realizada a mensuração e hierarquização desses espaços em uma área determinada, assim como o campo de visibilidade e possíveis pontos cegos (lugares nos quais não se pode ver tampouco ser visto) nessa mesma área.

Não temos aqui a pretensão de realizar uma análise dos espaços convexos seguindo o instrumental da SE, onde, matematicamente e, portanto, de maneira precisa, se delimitam as áreas e limites dos espaços convexos de uma trama urbana. Nossa análise se dá através do uso do *mapa de cheios e vazios*, com a técnica “figura e fundo”, proposta por Alexander (2013, p. 518). A análise de figura e fundo em um mapa de cheios e vazios consiste na observação para identificação de padrões de composição da malha urbana e na relação entre as áreas edificadas e não-construídas. Assim é possível reconhecer espaços abertos positivos e negativos e suas inter-relações.

O mapa de ilhas espaciais da área central de Tubarão (Figura 22) mostra duas configurações distintas no tecido urbana. A oeste, a área edificada, em cor preta, apresenta-se mais densa, de modo a ocupar a quase totalidade das quadras. Já a leste, as edificações encontram-se esparsas em meio a áreas privadas vazias (cor cinza). A interface entre a área pública livre (cor branca) e as áreas edificadas também apresentam dois padrões distintos. A oeste, o espaço público é conformado diretamente pelas edificações, ao passo que a leste há uma área privada não construída que caracteriza a transição entre as edificações e a rua.

⁴⁵ O nome faz menção à situação de convidados em uma festa que ficam apoiados em um piano ou outros móveis afim de se sentirem mais seguros e com domínio sobre o que se passa no ambiente.

Figura 22 – Mapa de cheios e vazios da área central de Tubarão: áreas edificadas (preto), áreas privadas vazias (cinza) e áreas públicas livres (branco). Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

2.2.3. A interface entre o espaço público e o espaço privado

Os acessos e aberturas visuais desde os espaços públicos às edificações (portas, janelas, vitrines, portões, terrenos vagos, antessalas, varandas etc.) são características físicas que proporcionam interações e transições entre áreas públicas e privadas na cidade. A esses dispositivos de relação entre lugares públicos e privados damos o nome de constituições. Interessa-nos saber como se dá a constitutividade do espaço público da área central de Tubarão pois a configuração dessa variável espacial se relaciona com modos de uso e apropriação do espaço público (ALEXANDER, 2013; TENORIO, 2012; HOLANDA, 2013).

O mapa de constitutividade da área central de Tubarão (Figura 23) ilustra diferentes modos possíveis de relação entre a edificação e a rua. As testadas de quadra onde há ocupação mais densa de edificações nos lotes tende a figurar como áreas com grande quantidade de elementos constitutivos. Já os segmentos de espaço público onde as quadras possuem ocupação edilícia esparsa apresentam baixo grau de constituições. Temos aí dois padrões de constitutividade segundo sua quantidade.

Há também o fator qualitativo das contituições, definido pelos tipos de usos do solo que compõem cada constituição. Nesse sentido, a área em estudo apresenta, também, distintos padrões: constituições comerciais, habitacionais, institucionais e mistas, estas formadas geralmente por acesso ao comércio no pavimento térreo das edificações e acesso exclusivo para as habitações nos pavimentos superiores.

Figura 23 – Mapa de constitutividade do espaço público com classificação de usos do solo: comércio (vermelho), habitação (verde), misto (laranja) e institucional (azul). Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como nos mostra o mapa acima (Figura 23), a constitutividade do espaço público da área central de Tubarão é heterogênea. Há variação na quantidade de aberturas das edificações de acordo com a via e/ou área pública e nos tipos de uso do solo aos quais elas dão acesso – para distinções extremas, basta observar a diferença de constitutividade entre o conjunto de segmentos [2, 3, 6, 23 e 24] e o conjunto de segmentos [19, 36, 37 e 38].

No entanto, o próprio mapa também expressa que a desigualdade na distribuição dos elementos constituintes do espaço público não é um fator espacial isolado dos demais atributos espaciais. Como visto anteriormente na representação gráfica dos espaços abertos positivos, a área estudada apresenta áreas construídas ora segundo os princípios de desenho da cidade tradicional – com ocupação densa das quadras e com espaços convexos –, ora segundo os princípios de desenho da cidade moderna – com espaços abertos residuais. Essa variação de composição dos cheios e vazios parece ter relação com a constitutividade. As áreas com maior constitutividade (segmentos 2, 3, 6, 23, 24 e 34, por exemplo) coincidem com as áreas onde as edificações conformam o espaço aberto. Já as áreas com espaços públicos amorfos apresentam os menores índices de constitutividade (segmentos 19, 36, 37 e 38, por exemplo).

Como exemplo emblemático da relação entre a forma de ocupação dos lotes e quadras e os níveis de constitutividade, vejamos o caso dos segmentos 2, 3, 4 e 5, que juntos formam uma mesma via, ininterrupta. Os primeiros segmentos são espaços públicos positivos, conformados pela massa edificada. Os dois últimos segmentos se caracterizam por um amorfismo devido aos recuos laterais e frontais das edificações em seus lotes. Os trechos com maior quantidade de aberturas entre o espaço privado e o espaço público concentram-se naqueles primeiros segmentos, enquanto que, conforme o espaço público se torna amorfo, a quantidade de elementos constituintes se reduz. O mesmo acontece nas vias formadas pelos conjuntos de segmentos [10, 11, 12 e 13] e [7 e 8].

Observa-se, também, a predominância do uso de solo para fim comercial nas fachadas onde há maior quantidade de aberturas entre os espaços público e privado. As aberturas em posição isolada das demais, em geral, dão acesso a edificações de uso institucional (museu, hospital, escola) ou uso habitacional.

Outro ponto de concordância entre o conceito em questão e outros aspectos espaciais é a relação entre áreas históricas e áreas com maior quantidade de contato entre espaço público e privado. Nota-se

uma concentração de aberturas de acesso às edificações no segmento 2 – *Praça do Chafariz*, antigo local de paragem de embarcações e comércio fluvial – e deste ponto em direção à Catedral (segmentos 23, 24, 25 e 26).

Relaciona-se aos aspectos históricos e de constitutividade a área pública em frente às fachadas. Nos espaços públicos com maior área livre (maior raio livre) há menor quantidade de aberturas para acesso aos edifícios desde a rua. Já nas vias e espaços de menor área (com largura e raio livre menores), há concentração de grandes quantidades de aberturas.

Entendemos que a constitutividade é fator fundamental para que se prossiga à leitura da configuração espacial do espaço público e, por conseguinte, da dinâmica social que a ele diz respeito. No caso da área central de Tubarão, a forma tradicional de cidade – áreas construídas e áreas “vazias” – apresenta relações entre espaços público e privado mais intensas, em quantidade e em qualidade.

2.2.4. O uso do solo

O tema dos usos do solo se refere àquilo que ocorre dentro das edificações: habitação, comércio, usos mistos, edifícios vazios/abandonados etc. Os tipos de usos e sua distribuição – se segregados ou inter-relacionados – também são fatores que refletem e são refletidos nas maneiras de uso do solo e apropriação do espaço público.

Um tanto das relações e influências mútuas que ocorrem entre os usos e a configuração espacial urbana são explicados pela Teoria da Economia de Movimento⁴⁶.

O recorte espacial em estudo apresenta clara predominância de uso comercial nas edificações. Também, ainda que em menor quantidade, parte representativa do comércio coexiste com o uso habitacional nas mesmas construções – uso o qual damos o nome de *misto*. Assim, percebemos que a área central de Tubarão possui características de um local que oferece comércio e serviços em grande quantidade e habitação em vários pontos em toda a área. A presença desses usos – comercial e misto – se dá, sobremaneira, nas áreas mais antigas do centro, aquelas mesmas citadas como compostas com contato mais intenso entre áreas públicas e privadas.

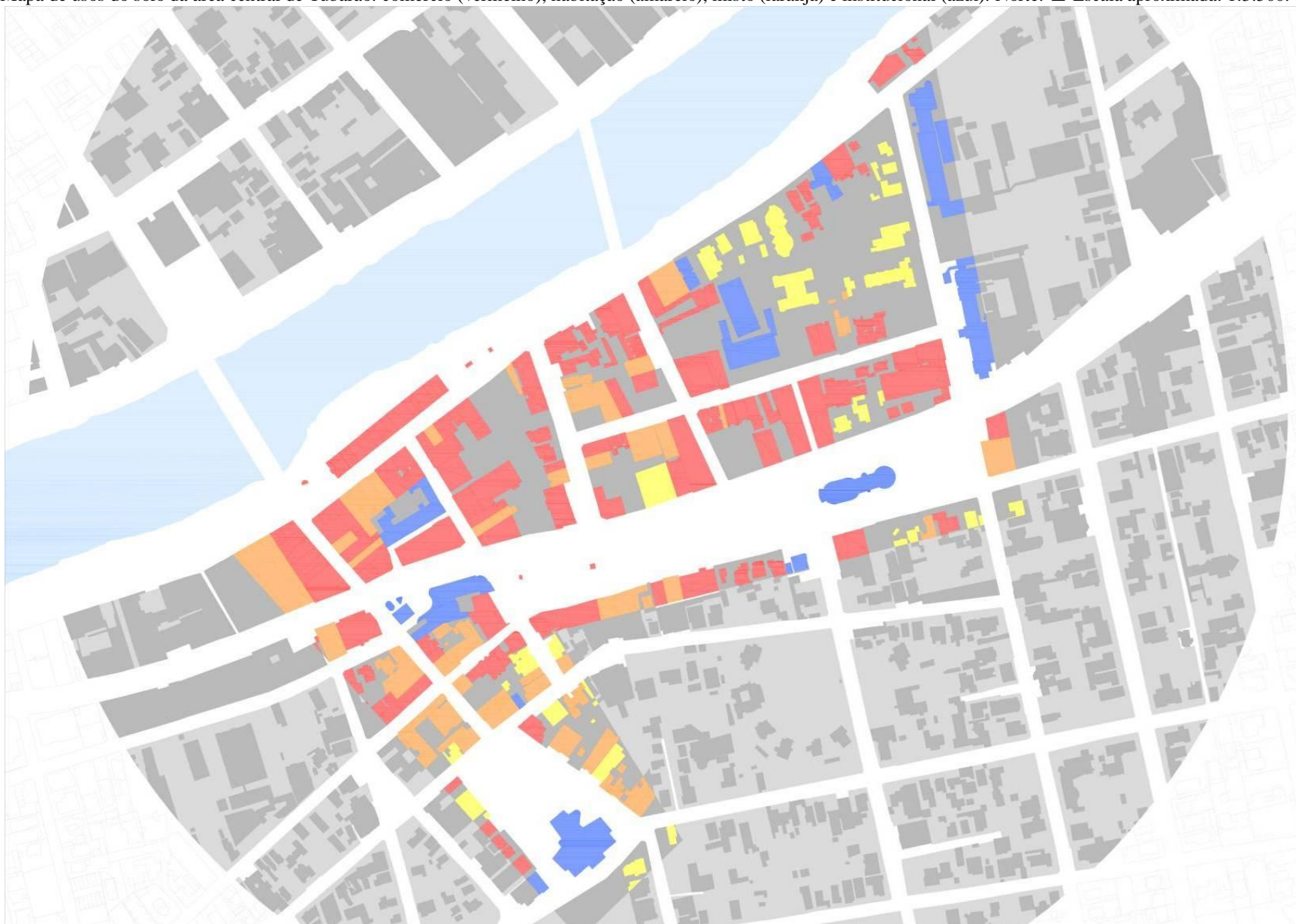
⁴⁶ Ver subseção 1.3.

As edificações com uso exclusivamente habitacional também são existentes no local, especificamente nas áreas com forma urbana moderna – torres de apartamentos com recuos frontais e laterais.

Ademais, há também a presença espriada de edifícios com uso institucional (igrejas, escolas, serviços públicos municipais e federais, hospital, museu). Esses usos se apresentam tanto entremeados às edificações mais antigas, formando o fundo dos espaços públicos, como nos locais em que a arquitetura tem papel de destaque e se converte em figura ao olhar dos transeuntes.

Concomitantemente aos aspectos formais de convexidade e constitutividade, o uso do solo caracteriza profundamente a paisagem do espaço público urbano do centro de Tubarão. A relação direta entre esses aspectos é verificável, por exemplo, ao compararmos os segmentos 10, 22, 27, 28, 40 e 41 com os segmentos 2, 3, 7, 8, 23 e 24. Não apenas a composição física dos espaços é característica em cada um dos dois conjuntos de segmentos, como a vida cotidiana a eles relacionada. Nas proximidades do primeiro conjunto de segmentos supracitado observamos imensas áreas livres, poucas pessoas e escassa relação entre o interior e o exterior das edificações nos pavimentos térreos. Nas proximidades do segundo conjunto de segmentos supracitado há mais pessoas circulando e permanecendo, variedades de uso, etc.

Figura 24 - Mapa de usos do solo da área central de Tubarão: comércio (vermelho), habitação (amarelo), misto (laranja) e institucional (azul). Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

2.2.5. Elementos-suporte

Aos dispositivos físicos que dão suporte a algumas práticas contidas no espaço público damos o nome de *elementos-suporte*. Bancos, árvores, níveis de calçadas e passeios, ciclovias, bicicletários, lixeiras, sombras, pilares, marcos etc., que muitas vezes estão ligados à ocupação ou não de determinadas porções do espaço público (GEHL, 2014) são aqui pesquisados e analisados.

Os dispositivos físicos que dão suporte imediato às ações das pessoas que circulam e/ou permanecem no espaço público da área central de Tubarão apresentam pouca variação de tipo. São, basicamente: bancos, mesas, lixeiras, postes de iluminação pública, pergolado e bicicletário.

Há, porém, elementos que tiveram sua finalidade original ampliada a usos considerados auxiliares no uso e apropriação do espaço público. Tais elementos são: árvores, marquises, postes de iluminação pública, pilares, vitrines e um chafariz. Esses itens favorecem o uso do espaço fornecendo sombras, apoios para descanso e até complementando a oferta precária de outros mobiliários, como é o caso de postes e árvores que também cumprem o papel de bicicletários.

Certeau (2014) afirma a existência do fenômeno da transformação de finalidade de elementos presentes no espaço urbano, imprimindo papel essencial do cotidiano nessas modificações. A análise da variável elemento-suporte demonstra que, de fato, as práticas cotidianas criam o espaço público segundo seus praticantes.

CAPÍTULO III – A VIDA NO/DO ESPAÇO PÚBLICO DA ÁREA CENTRAL DE TUBARÃO: O VIVIDO

O conhecimento e análise da configuração espacial do espaço público da área central de Tubarão nos permite construir uma ideia de *comunidade virtual*, um campo de possibilidades de encontros, usos e apropriações sugeridos pelo espaço, porém, não necessariamente efetivados (HILLIER, 2007). Agora, para que conheçamos a *comunidade real* – as pessoas, usos e apropriações que existem de fato e que, portanto, também são espacializadas – que coexiste com as características físicas da área em estudo, há que se recorrer a métodos que observem e analisem quem são as pessoas que circulam e interagem no/com o espaço público em questão.

Consoante Velho (1999), a observação dos acontecimentos permite dar significado a conceitos como espaço público, usos e apropriações. Assim, desde observações empíricas realizadas sistematicamente em períodos e dias diversos⁴⁷, partir-se-á para a análise do cotidiano, com auxílio de literatura afim à antropologia urbana, na tentativa de construir algum saber sobre a vida existente no espaço público da área central de Tubarão.

A chave para nossas observações e conhecimento da realidade se assenta sobre o conceito do *cotidiano*⁴⁸. A vida ordinária, praticada por todo e cada indivíduo, constrói e é construída pelo espaço. E, novamente, a noção de *padrão* se faz presente.

The people can shape buildings for themselves, and have done it for centuries, by using languages which I call pattern languages. A pattern language gives each person who uses it, the power to create an infinite variety of new and unique buildings, just as his ordinary language gives him the power to create an infinite variety of sentences⁴⁹.
ALEXANDER, 1979, p. 167

⁴⁷ Os levantamentos de campo para a contagem de pessoas em todos os espaços públicos da área pesquisada (copresença) foram realizadas nos três períodos do dia (manhã, tarde e noite), de quarta-feira a domingo. As saídas de campo para observação de caráter etnográfico ocorreram em um dia de semana (segunda-feira) e um dia do fim de semana (sábado).

⁴⁸ Este conceito é aprofundado na subseção 3.1.

⁴⁹ Tradução nossa: As pessoas podem moldar edifícios por si mesmas e têm feito isso por séculos, através do uso de linguagem que eu chamo de *linguagem*

Nesse sentido, a *linguagem de padrões* (ALEXANDER, 2013) é também a *linguagem do cotidiano*. Vamos tentar aqui desvendar alguns dos padrões de comportamento que formam uma totalidade no que tange a vida local (MAGNANI, 2002), que faça sentido tanto para os moradores quanto para o pesquisador.

A visão totalizante dos usos e apropriações de um lugar é tão importante quanto o olhar atento às práticas individuais haja vista que uma caracterização mais geral – porém não generalista – permite que sejam verificadas recorrências do tema estudado, comparações com outros trabalhos, novas avaliações, etc., sem que se corra o risco de prisão aos limites impostos por um estudo de caso (MAGNANI, 2002).

3.1 À sombra do cotidiano

Antes de discorrermos a respeito da vida cotidiana no espaço público, é necessário que seja apresentada, ainda que minimamente, nossa ideia de o que seja o *cotidiano* – um termo vulgar e, por isso mesmo, passível de dúvida quanto ao seu conteúdo.

Segundo Certeau (2003), o cotidiano é o que nos é dado dia após dia e que, assim, nos toca sempre no momento presente. O autor ainda afirma que estamos ligados intimamente ao cotidiano desde nosso interior. Dia após dia formamos uma espécie de caminho de nós mesmos.

Apesar de pesquisar a fundo as práticas cotidianas das pessoas comuns, do “homem ordinário”, Michel de Certeau não se aprofunda na tarefa de expressar e formalizar sua ideia de *cotidiano*. Por isso, ainda que seja nossa principal referência na abordagem dos usos e apropriações da vida no espaço público, buscamos complementar a noção inicial desse conceito que Certeau apresenta.

Para Patto (1993, p. 124-125),

A vida cotidiana é a vida de todo homem, pois não há quem esteja fora dela, e do homem todo, na medida em que, nela, são postos em funcionamento todos os seus sentidos, as

de padrões. Uma *linguagem de padrões* dá a cada pessoa que a usa o poder de criar uma infinita variedade de edificações novas e únicas, do mesmo modo que sua linguagem ordinária dá a ela o poder de criar uma infinita variedade de sentenças.

capacidades intelectuais e manipulativas, sentimentos e paixões, idéias e ideologias.

O cotidiano se apresenta, portanto, como campo da existência humana em sua totalidade. Consoante o filósofo italiano Nicola Abbagnano, *cotidianidade* é um termo introduzido por Heidegger que indica “o modo de ser em que o ser-aí (*Dasein*⁵⁰, o homem) se mantém acima de tudo e no mais das vezes” (ABBAGNANO, 2012, p. 254). Para o autor, o modo de ser cotidiano é a base para a interpretação ontológica do ser, e, portanto, essa interpretação “faz referência às situações em que o homem se encontra mais frequentemente nos afazeres comuns da vida” (Idem, p. 254).

Abbagnano apresenta ainda um conceito que contribui para a definição da ideia de *cotidiano*. É a *medianidade*, “aquilo que o homem é em média, *grosso modo*, em sua existência quotidiana e indiferente: determinação fundamental da existência, de que a análise existencial deve partir” (ABBAGNANO, 2012, p. 757).

Considerando os apontamentos de Certeau e de Abbagnano, afirmamos que o cotidiano evidencia, em parte, a essência do ser, a ontologia a que se referem Aristóteles e Heidegger. É possível ver o invisível naquilo que é visível.

A dimensão temporal do cotidiano é reconhecida em sendo ele “campo da rotina, [que] expressa grau de perenidade, continuidade, repetição das ações diárias.” (LEITE, 2010, p. 738)

Sendo o cotidiano uma interface constante entre a materialidade e a interioridade da vida humana, para o objetivo desta pesquisa, é nele que melhor podemos compreender acerca da vida nos espaços públicos urbanos.

3.2 A totalidade subjacente aos indivíduos

Aquilo que acontece todos os dias pode ser classificado, segundo suas particularidades, em quantidade quase infinita. Cada ação cotidiana e cada praticante constituem um universo único. Para que uma pesquisa no âmbito dessas práticas possa ser sistematizada, avaliada, criticada, comparada e para que resulte em informações inteligíveis e em conhecimento, faz-se necessário o reconhecimento de uma *totalidade* consistente em termos etnográficos, que é aquela que é “[...] experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo

⁵⁰ A existência real.

investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e princípio explicativo” (MAGNANI, 2002, p. 20).

A totalidade, no entanto, não é dada ao pesquisador. Ela precisa ser construída no decorrer das observações da realidade.

Posto que não se pode contar com uma totalidade dada a priori, postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas, como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito do objeto de estudo. MAGNANI, 2002, p. 20

A partir das observações realizadas na área de estudo, foi possível mapear, através de categorias, as pessoas que de alguma forma fazem uso e/ou se apropriam do espaço.

Logo de início, há uma clara diferenciação entre dois grandes grupos de sujeitos que se fazem presentes no espaço público da área central de Tubarão: os que passam e os que se demoram (mais ou menos). Ao primeiro grupo, chamaremos de *passantes*, ao segundo, *permanecentes*. O grupo de pessoas que atravessa o espaço público com o objetivo exclusivo de se locomover, sem demonstrar interesse ou atenção ao que se passa ao redor, os *passantes*, é o maior. Já o grupo de *permanecentes* se mostra em menor quantidade, mas também com peculiaridades que iludem o olhar menos atento quanto a sua quantidade.

A caracterização geral nos permite, após distinguir esses dois grandes grupos (*passantes* e *permanecentes*), nos aprofundarmos em pormenores na caracterização das pessoas e de suas práticas, para compreender melhor as partes que compõem a totalidade.

O grupo de *permanecentes* apresenta duas subcategorias, que classificamos como *discretos* e *vistosos*. Nos primeiros minutos de observação, os *passantes* parecem formar a totalidade das pessoas na rua, porém, aos poucos, com maior acuidade no olhar, começa a se tornar patente a sutileza da presença outrora oculta de praticantes e de práticas que interagem de maneira mais demorada com o espaço. Pessoas que aguardam outras ou que simplesmente olham o movimento descansam sentadas ou escoradas em locais sombreados – ou, em palavras mais poéticas, porém não menos reais, em locais obscuros – pessoas que, em silêncio, circulam lentamente em frente às vitrines e as

observam, pessoas que se demoram nas portas dos comércios e serviços públicos, enfim, pessoas silenciosas que se fazem notar apenas aos observadores mais atentos. Esses são os *permanentes discretos*. Há também indivíduos que se evidenciam de maneira mais direta na sua apropriação “demorada”. São os comerciantes ambulantes que, devido à própria natureza de seu trabalho, buscam chamar a atenção dos passantes para si, moradores de rua, ciganos e proprietários dos comércios locais, que muito à vontade conversam e riem em alto som. A eles chamamos de *permanentes vistosos*.

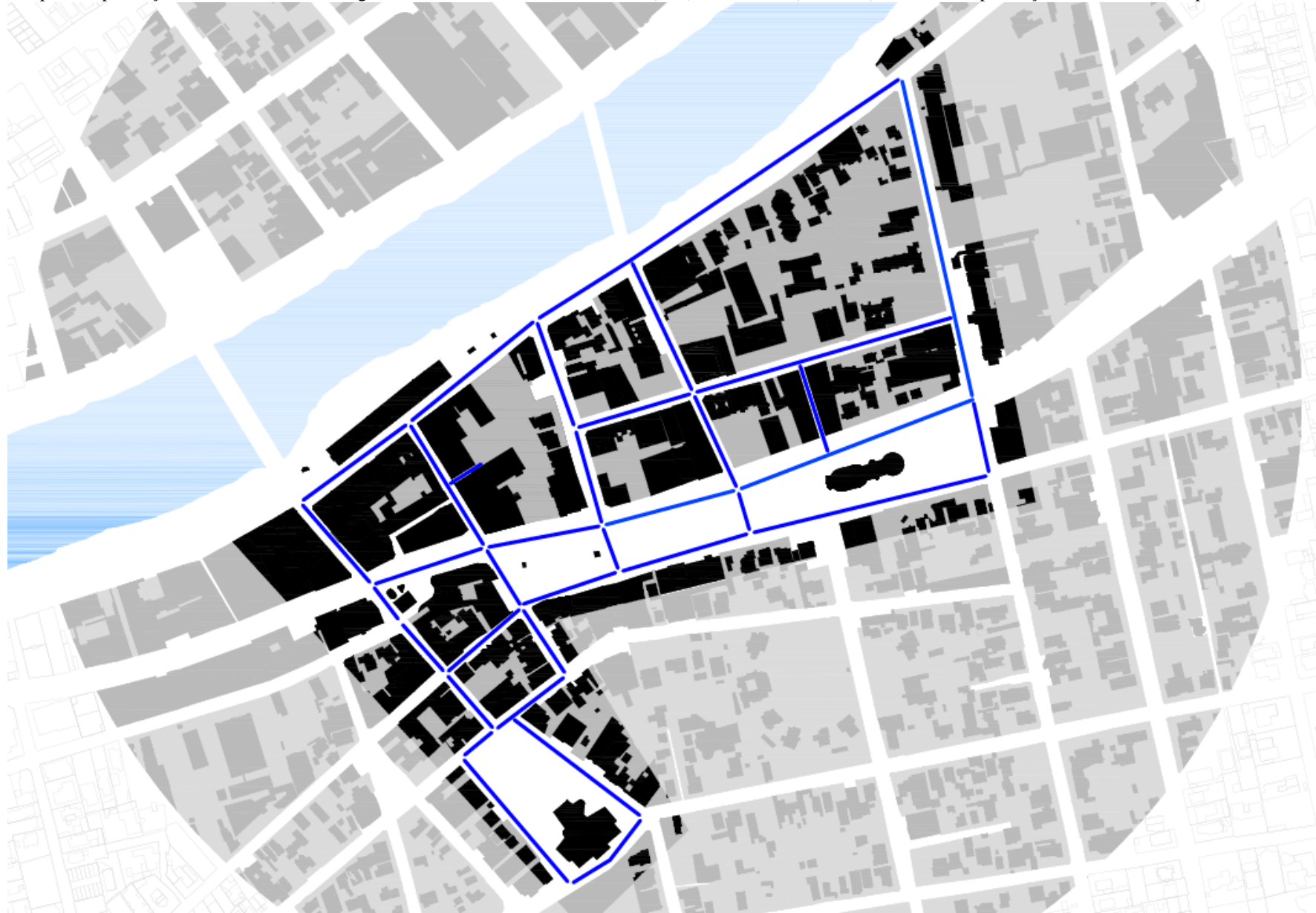
Essa mistura de nomenclaturas tenta exprimir uma ideia de totalidade das pessoas que coexistem no espaço público do centro de Tubarão. Pessoas comuns que passam, esperam, observam, interagem, descansam, compram.

3.3 Onde e quando: a vida pública através da copresença

Para complementar nossa ideia de totalidade sobre as pessoas no espaço público do centro de Tubarão é imprescindível sabermos onde e quando essas pessoas ocupam as ruas. Para tanto, utilizaremos o conceito de *copresença*: “Presença de pessoas nos espaços públicos em movimento ou paradas que pressuponha a presença de outros indivíduos, mesmo que não engajados em atividade compartilhada” (BRAGA, 2003, p. 23). Ainda, segundo a mesma autora (Idem), para que a relação entre indivíduos no espaço público seja considerada copresença, é necessário que haja diferentes categorias de agentes sociais em um mesmo espaço. Logo, a copresença se distingue das vivências coletivas no interior de áreas privadas, como residências, comércios e condomínios, ou mesmo em áreas públicas em que circulam exclusivamente pessoas pertencentes a um determinado grupo social.

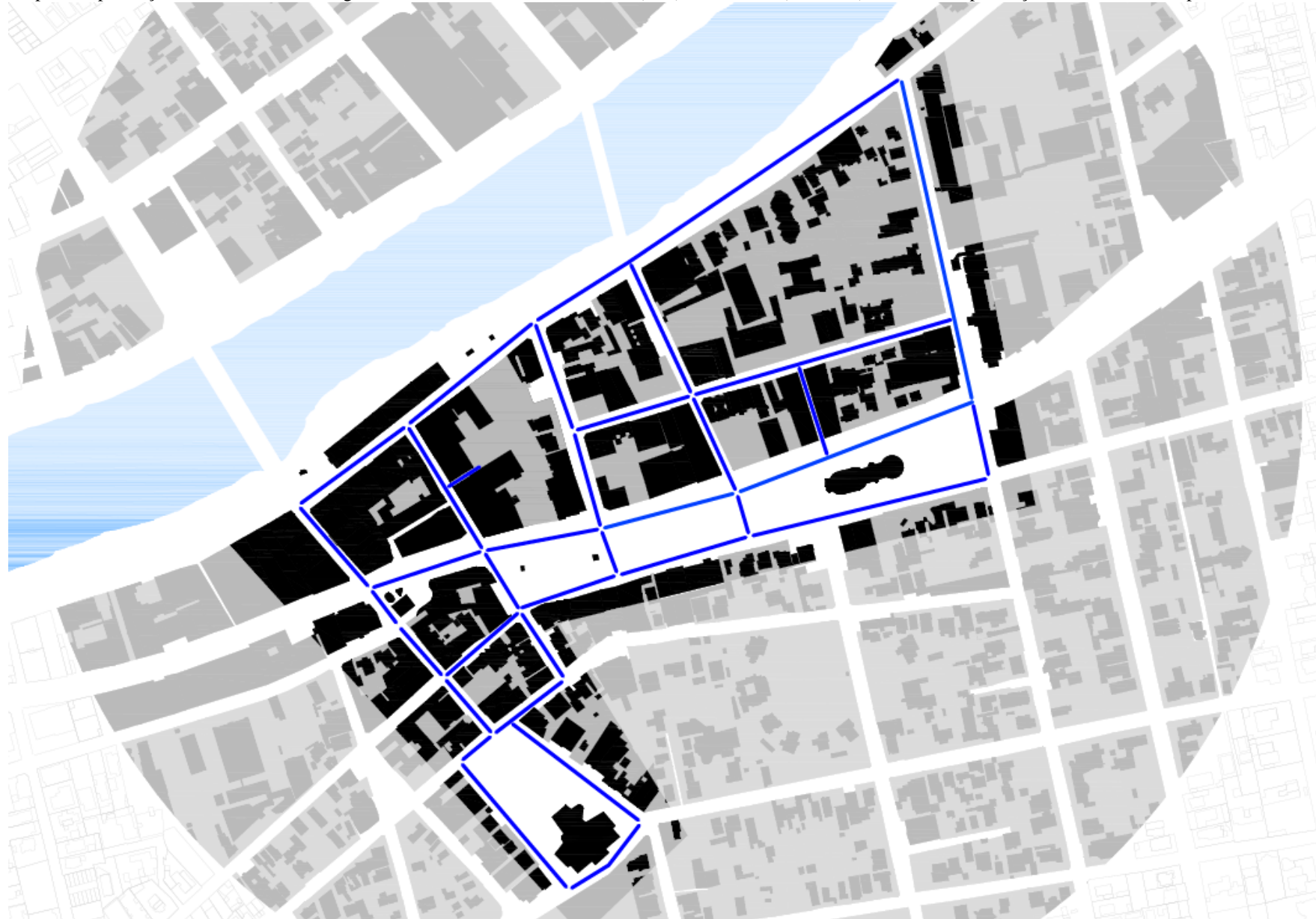
Para conhecermos a medida da copresença no centro de Tubarão, realizamos a contagem de pessoas por metro linear de segmento de rua (pessoa/m). A contagem considerou todas as pessoas presentes nos espaços públicos (calçadas, ruas, praças), paradas ou em movimento. Os dias de semana considerados foram de sábado à terça-feira, durante todos os períodos (manhã, tarde e noite), das 10h até às 21h. A seguir, apresentamos, em mapas e em números, os resultados da pesquisa de campo no tocante a copresença.

Figura 25 - Mapa de copresença de uma manhã de domingo. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



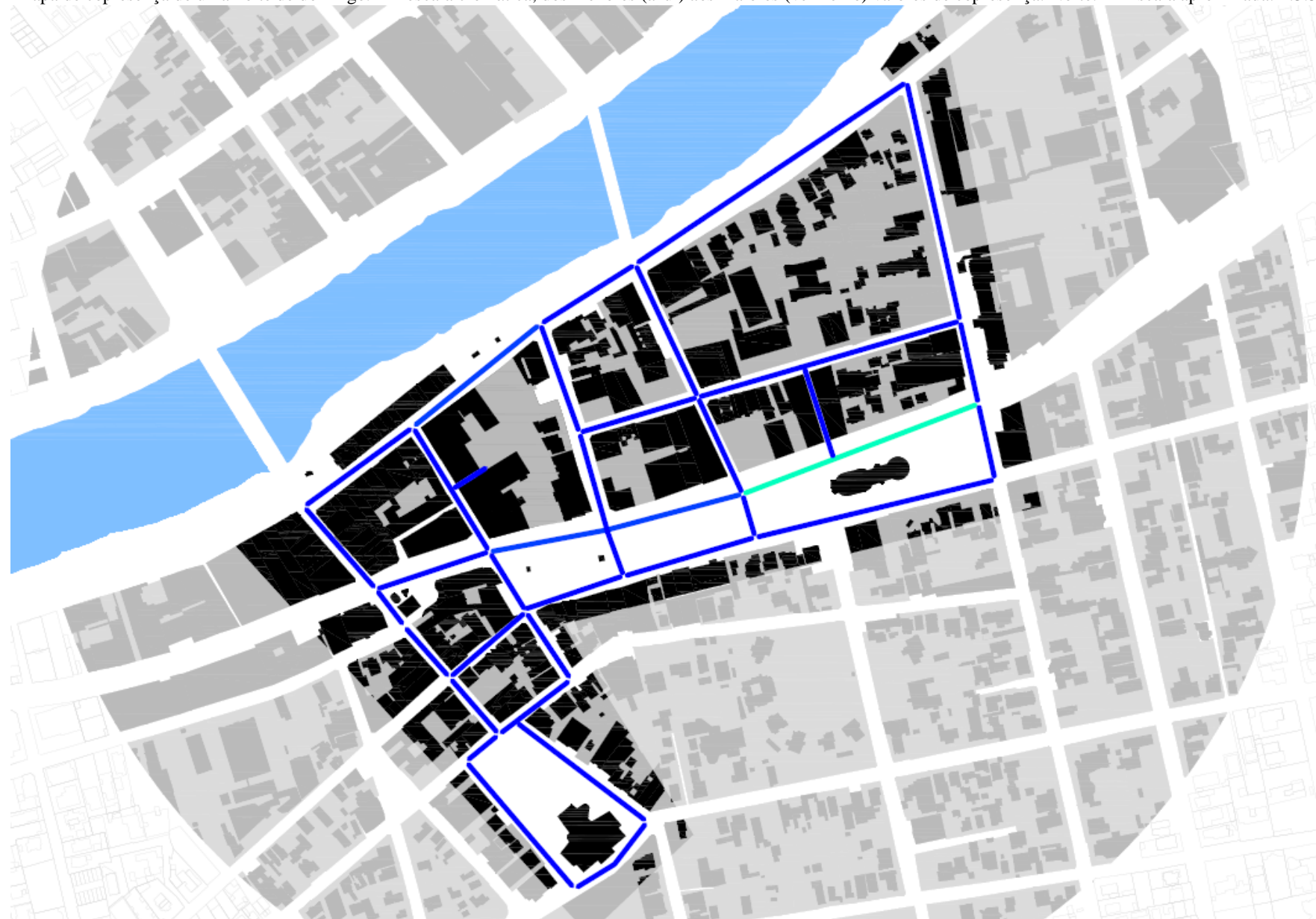
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 26 - Mapa de copresença de uma tarde de domingo. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



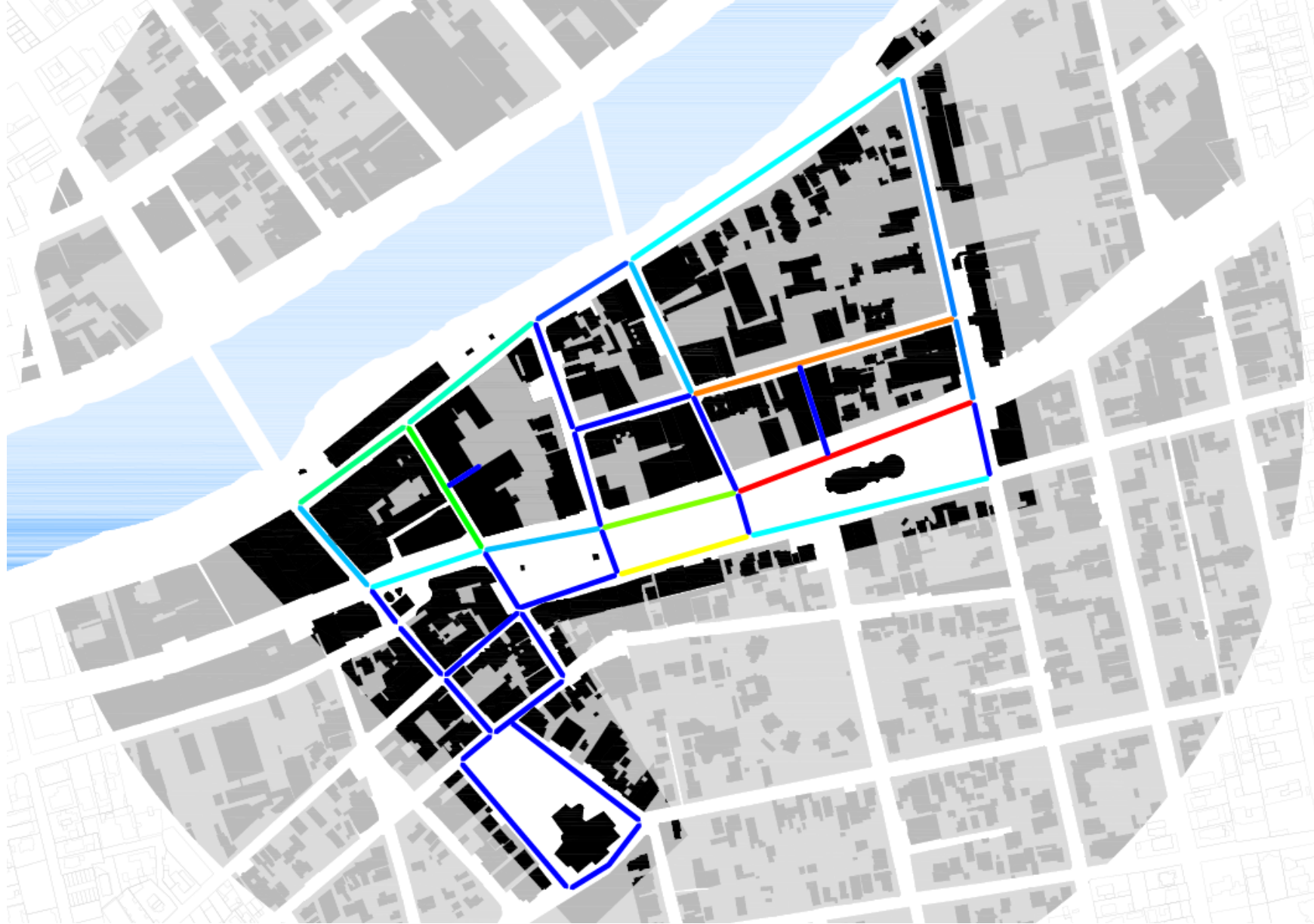
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 27 - Mapa de copresença de uma noite de domingo. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



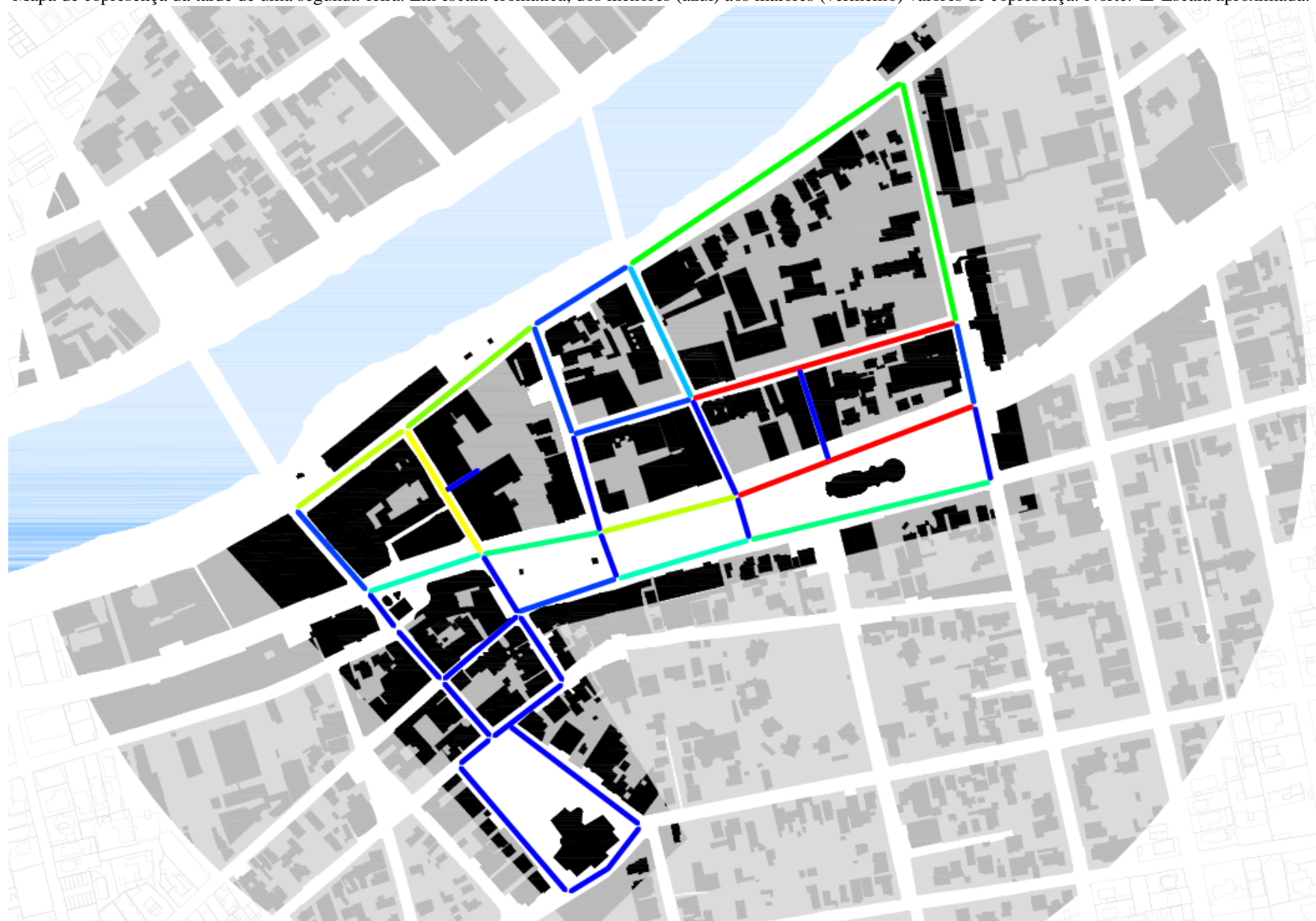
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 28 - Mapa de copresença da manhã de uma segunda-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



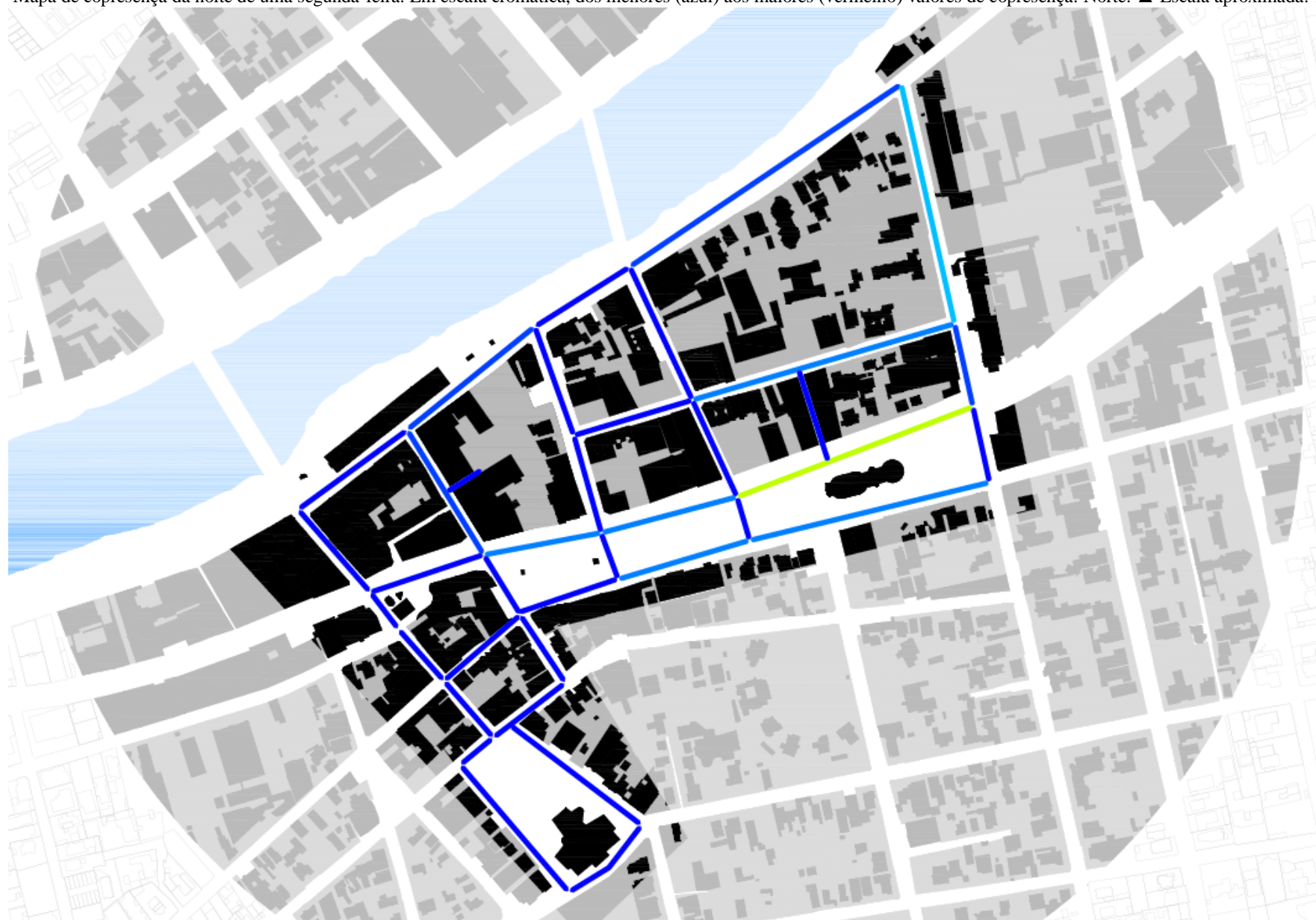
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 29 - Mapa de copresença da tarde de uma segunda-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



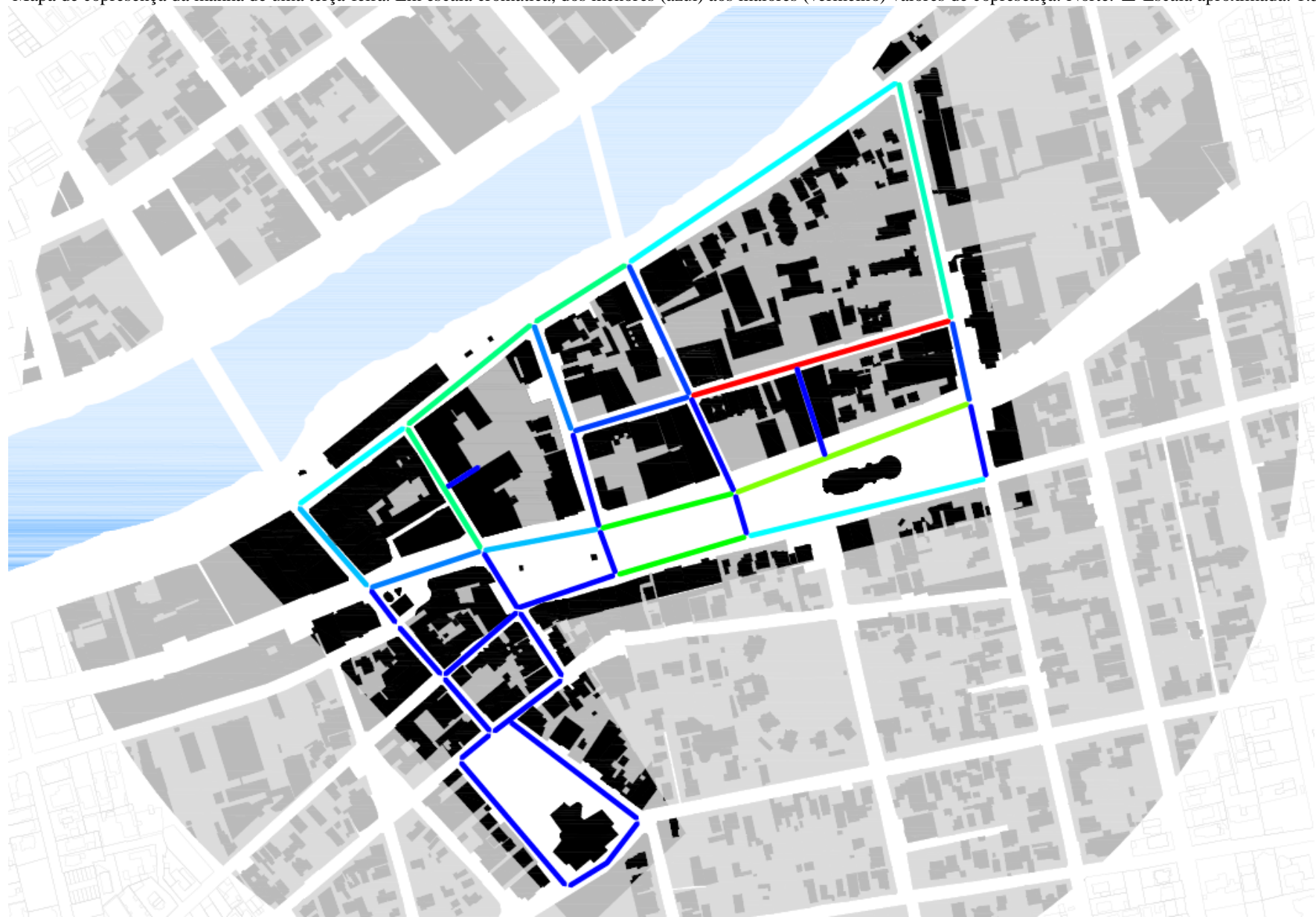
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 30 - Mapa de copresença da noite de uma segunda-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



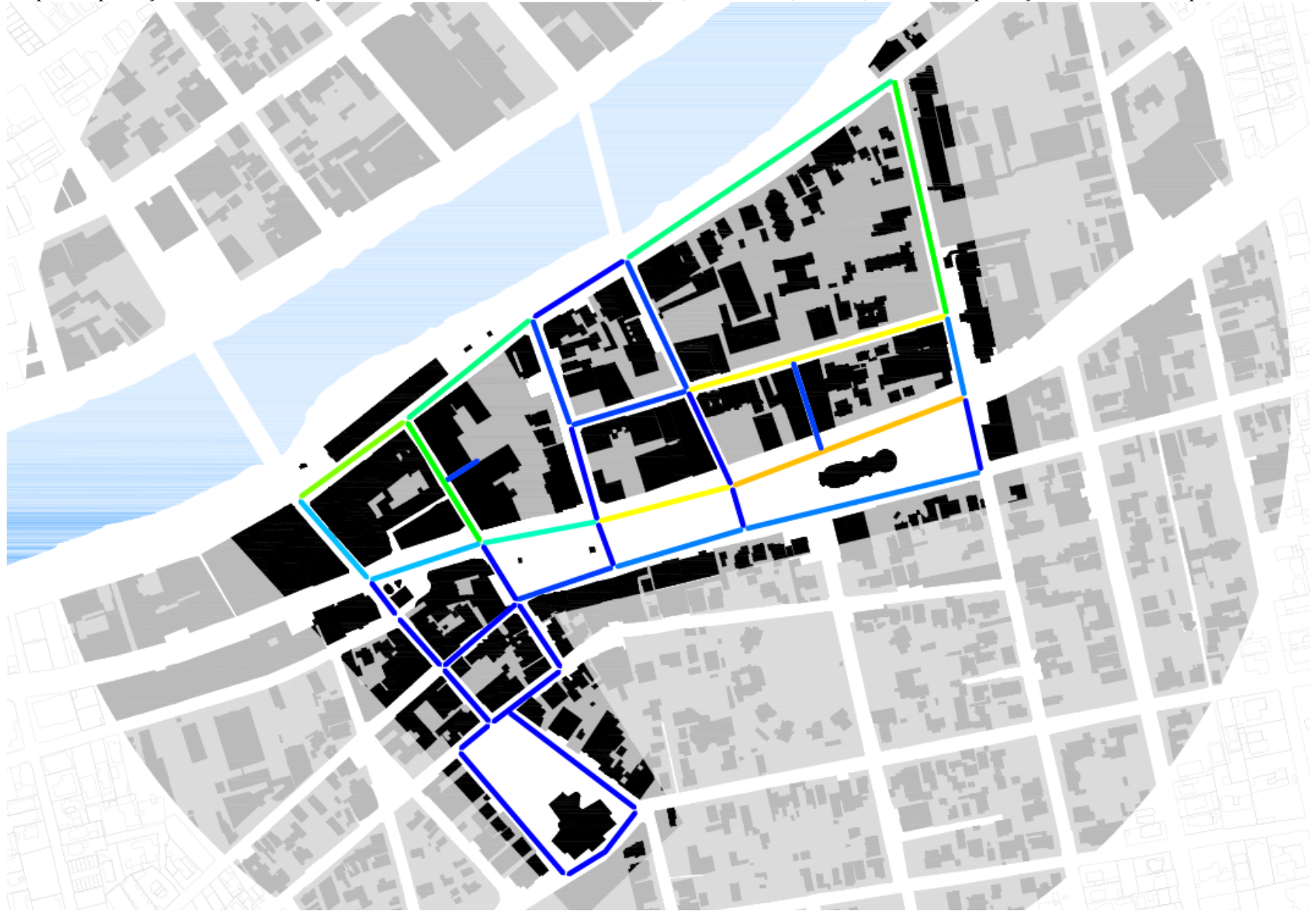
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 31 - Mapa de copresença da manhã de uma terça-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



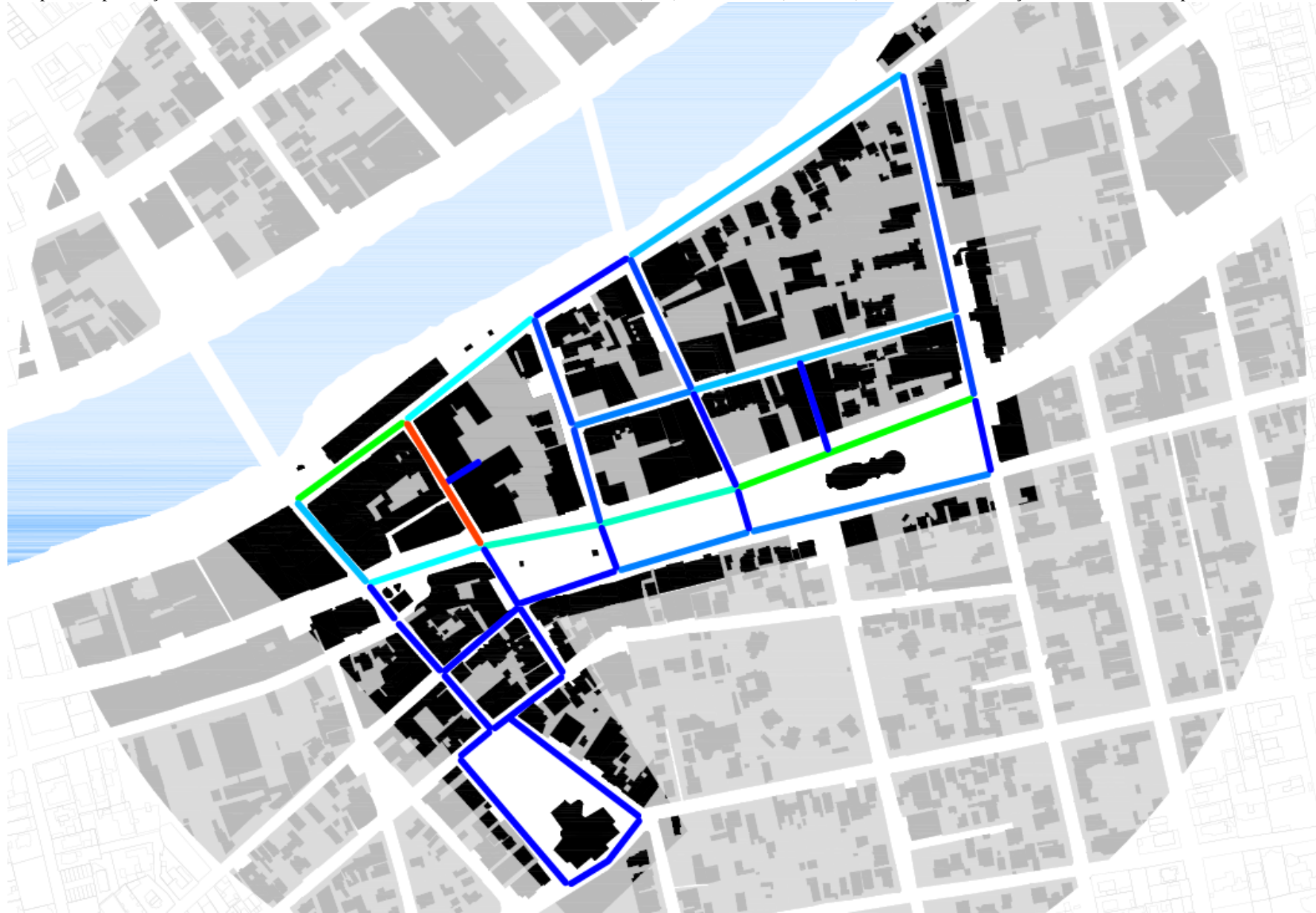
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 32 - Mapa de copresença da tarde de uma terça-feira. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



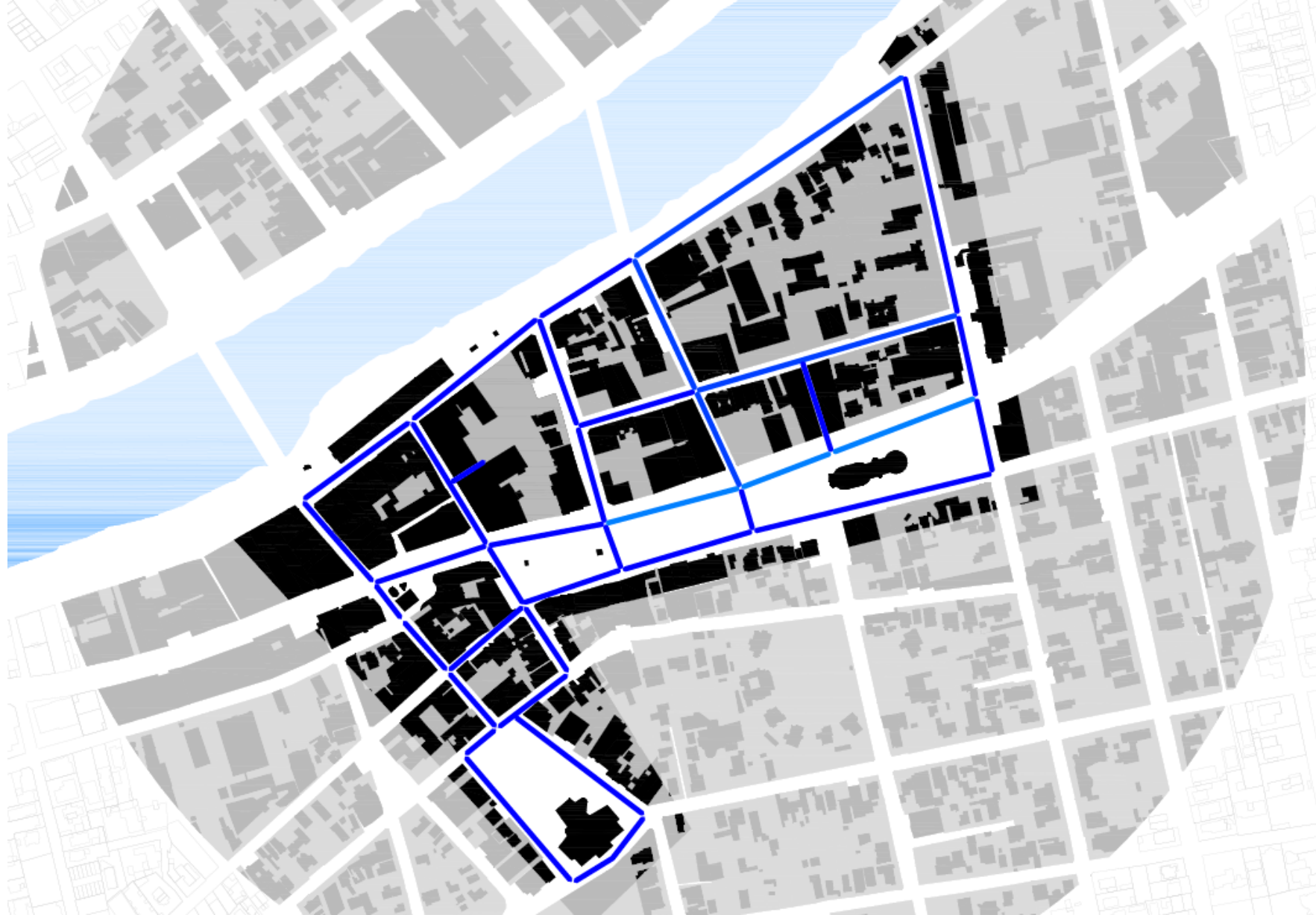
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 33 - Mapa de copresença de uma manhã de sábado. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



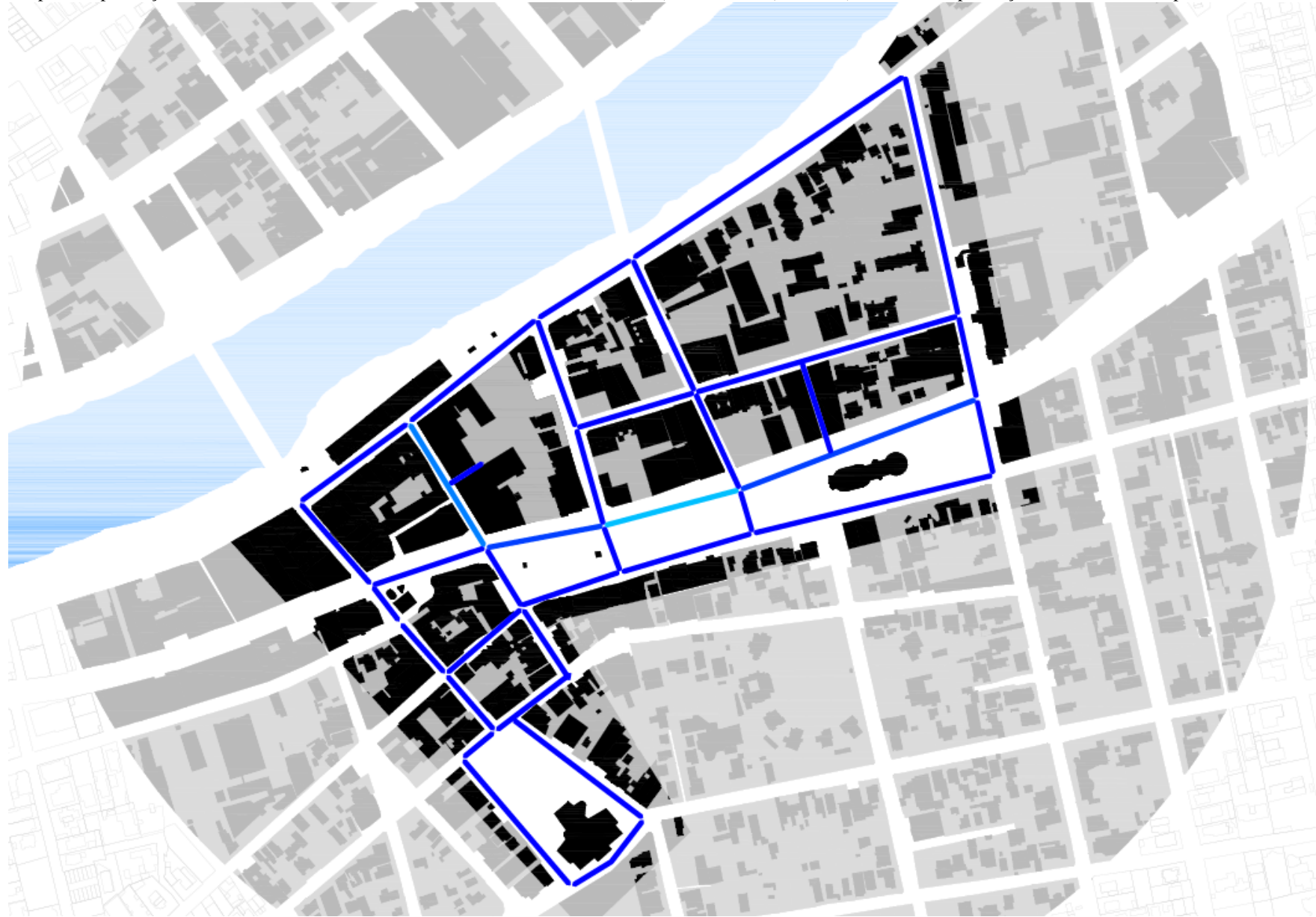
Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 34 - Mapa de copresença de uma tarde de sábado. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 35 - Mapa de copresença de uma noite de sábado. Em escala cromática, dos menores (azul) aos maiores (vermelho) valores de copresença. Norte: ▲ Escala aproximada: 1:3.500.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 1 – Dados de copresença em um sábado.

13/02/2016 (sábado)			
segmento	10:00	17:00	21:00
	peçoas/100m	peçoas/100m	peçoas/100m
0	5,25	0	1,05
2	60,475	10,25	1,025
3	36,9	7,38	0
4	6,76	1,69	0,845
5	24,8	22,32	7,44
7	17,195	2,715	1,81
8	28,98	4,14	0
10	35,1	2,7	0
11	44,2	11,9	9,35
12	46,06	16,66	24,5
13	53,76	21,12	11,52
16	2,88	0,72	0,72
17	2,66	2,66	5,32
18	19,62	9,81	17,44
19	20,405	9,275	3,71
20	1,24	0	0
21	0	0,505	1,01
22	0	0	0
23	23,095	2,235	3,725
24	2,03	0	0
25	3,4	0,425	0
26	0,97	0,485	0
27	2,43	7,29	0
28	3,57	3,57	0
29	100,88	2,08	17,68
30	2,025	2,835	2,025
31	2,2	0	0
32	9,31	0	1,33
33	15,01	0,79	0
34	10,2	2,04	3,06
35	2,54	0	2,54
36	9	19,8	19,8
37	8,5	2,5	4
38	0,44	3,08	0,88
40	0	0	0
41	0,84	1,12	0
45	2,8	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 2 - Dados de copresença em um domingo.

14/02/2016 (domingo)			
segmento	10:00	17:00	21:00
	pessoas/100m	pessoas/100m	pessoas/100m
0	0	0	0
2	6,15	1,025	3,075
3	4,92	1,23	8,61
4	3,38	0	1,69
5	4,96	9,92	4,96
7	0	0	0
8	6,21	14,49	6,21
10	0,9	6,3	5,4
11	2,55	6,8	12,75
12	9,8	19,6	13,72
13	9,6	17,28	40,32
16	0,72	0	3,6
17	1,995	3,325	5,32
18	4,36	7,63	5,45
19	0	5,565	3,71
20	0	1,24	0
21	0	1,01	0
22	0	0,69	0
23	5,215	1,49	0,745
24	0,29	0	0
25	0	0,85	0
26	0	0,485	0
27	1,215	4,86	0
28	0	4,76	0
29	2,08	6,24	5,2
30	0,405	0,405	0
31	0	0	0
32	0	1,995	3,99
33	0	0	0
34	0	1,02	0
35	0	0	0
36	14,4	14,4	5,4
37	15,5	14	4
38	1,32	1,76	2,64
40	0	0	0
41	0	1,12	0
45	0	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 3 - Dados de copresença em uma segunda-feira.

segmento	15/02/2016 (segunda-feira)		
	10:00 pessoas/100m	17:00 pessoas/100m	21:00 pessoas/100m
0	4,2	1,05	0
2	51,25	71,75	5,125
3	40,59	63,96	14,76
4	9,295	10,14	1,69
5	37,2	54,56	14,88
7	7,24	8,145	0,905
8	93,15	113,85	20,7
10	34,2	43,2	9,9
11	30,6	47,6	22,1
12	65,66	76,44	15,68
13	107,52	115,2	69,12
16	2,16	3,6	1,44
17	3,325	11,97	3,99
18	81,75	43,6	15,26
19	31,535	51,94	16,695
20	0	4,96	1,24
21	0,505	1,01	1,01
22	1,38	0	0,69
23	24,585	13,41	5,96
24	0,58	1,16	0
25	0,85	1,7	0,425
26	1,94	1,94	0,485
27	3,645	2,43	0
28	7,14	7,14	1,19
29	57,2	80,08	8,32
30	4,455	4,86	0,405
31	1,65	0,55	1,1
32	6,65	3,99	1,33
33	7,11	8,69	2,37
34	24,48	28,56	1,02
35	2,54	1,905	0,635
36	19,8	59,4	30,6
37	17,5	10,5	10
38	4,4	2,64	0,88
40	0,6	0,6	0
41	1,12	2,8	0,56
45	1,12	6,16	1,12

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 4 - Dados de copresença em uma terça-feira.

16/02/2016 (terça-feira)			
segmento	10:00	17:00	21:00
	pessoas/100m	pessoas/100m	chuva
0	4,2	11,55	
2	35,875	63,55	
3	49,2	51,66	
4	10,985	5,915	
5	34,72	49,6	
7	9,05	13,575	
8	107,64	80,73	
10	22,5	24,3	
11	24,65	39,1	
12	57,82	78,4	
13	65,28	86,4	
16	5,04	2,88	
17	3,99	7,98	
18	58,86	22,89	
19	37,1	22,26	
20	1,86	0	
21	2,02	0,505	
22	1,38	0	
23	25,33	23,095	
24	0,87	1,45	
25	0,85	1,275	
26	0,97	0,485	
27	2,43	3,645	
28	2,38	5,95	
29	48,88	57,2	
30	5,265	2,835	
31	2,2	1,65	
32	7,315	1,995	
33	18,17	10,27	
34	8,16	10,2	
35	2,54	3,81	
36	41,4	55,8	
37	14,5	19,5	
38	3,52	4,84	
40	1	0,2	
41	1,4	1,12	
45	1,12	9,52	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os mapas permitem que façamos uma leitura mais imediata e intuitiva dos espaços e horários em que há maior quantidade de pessoas nas ruas. Já as tabelas nos mostram com maior precisão os diferentes níveis de copresença de cada segmento de rua.

Três tipos de informação se destacam nesse conjunto de dados: os ápices e os maiores e menores valores constantes de copresença. Temos que tentar entender o contexto espacial e social em que ocorre cada um desses tipos de copresença para reconhecer possíveis relações de influência entre espaço e usos/apropriações.

3.3.1 Os pontos máximos da copresença

Os picos de copresença – os segmentos de rua com os maiores números de pessoas por metro linear – foram identificados como sendo aqueles com número maior do que 100 pessoas por metro linear de rua e estão nos seguintes segmentos: 29, 12, 13 e 8. Esses segmentos apresentam características distintas no que tange a forma urbana. A rua exclusiva de pedestres (segmento 29) possui a configuração espacial típica do que chamamos outrora de composição da cidade tradicional, com a massa edificada compondo o plano de fundo para o protagonismo do espaço público enquanto figura destacada. Os outros segmentos, por sua vez, apresentam configuração espacial predominantemente moderna, com recuos frontais e laterais nos lotes, área vazias amorfas e edificações como marcos do espaço público. Outra característica espacial que poderia auxiliar na explicação do elevado movimento de pedestres nessas ruas é a integração, porém, essa variável também apresenta valores distintos para essas áreas. O mesmo ocorre em relação a constitutividade – outra variável espacial analisada.

Assim, nos parece que as características espaciais não são suficientes para apontar os segmentos de vias onde há grande concentração de pessoas. Recorremos, então, às variáveis sociais – usos do solo e atividades. Todos esses segmentos de rua oferecem serviços essenciais para a população, como hospital, clínicas médicas, laboratórios, escolas e Previdência Social. Em cada uma dessas vias há, pelo menos, dois desses serviços.

Portanto, concluímos que mais do que os aspectos físicos (forma da trama urbana, níveis de integração e constitutividade), são os usos que provocam os picos de copresença no espaço público. Porém, é importante reconhecermos que o espaço, em nenhum dos casos, impõe barreiras à copresença. Todas as três áreas com os maiores valores de

copresença são áreas com altos níveis de integração, de constitutividade e com configuração tradicional de tecido urbano, no todo ou em partes.

3.3.2 Os valores constantes de copresença

Afora os valores de pico, há valores altos de copresença que se aproximam da média e que são mais constantes ao longo do tempo. Esses valores, aos quais denominamos de médio-altos, estão entre 50 a 100 pessoas por metro linear de rua. Aproximadamente 10 segmentos dentre os 36 pesquisados apresentam níveis médio-altos de copresença.

Distintamente dos casos onde há os auges de copresença, os espaços com níveis médio-altos e constantes de copresença possuem características espaciais similares. São majoritariamente espaços com configuração de figura/fundo nos moldes da cidade tradicional, com alto índice de constitutividade e com alto grau de integração local e global. No que diz respeito aos aspectos sociais, essas áreas possuem uso predominantemente comercial, mas, dentre todas as áreas, são as que apresentam maior quantidade de edificações de uso misto (compostas por térreo comercial e andares superiores residenciais).

Os horários que foram verificados os níveis médio-maiores e constantes de copresença foram principalmente nas manhãs e tardes dos dias de semana. No entanto, também nos fins de semana, principalmente no sábado pela manhã e no fim de tarde de domingo, esses índices ocorreram.

Conclui-se que, para níveis altos, constantes e mais abrangentes de copresença, a configuração espacial passa a exercer papel de protagonismo junto dos aspectos sociais de uso do solo.

3.3.3 Ausência de copresença

Os níveis baixos ou nulos de copresença possuem estrita relação com os dias da semana. No sábado e no domingo, vários segmentos de vias foram encontrados completamente vazios, sem vitalma. Os dias de semana, por sua vez, apresentaram raros espaços públicos sem pessoas.

Os aspectos espaciais também se mostram constantes nos segmentos com baixo índice de copresença. Áreas com pouca ou nenhuma relação entre espaço público e privado (constitutividade), com configuração moderna na ocupação dos lotes e com uso exclusivo – ou residencial ou institucional – são a regra dos espaços públicos sem pessoas.

Assim, características espaciais e sociais novamente se entrelaçam na influência sobre o uso do espaço público.

3.4 Um olhar *de perto* e *de dentro*: quem são as pessoas do lugar?

Com a ideia geral das características do conjunto de pessoas que se fazem presentes na área em estudo, torna-se possível, sem perda do sentido do todo, aproximarmos nosso olhar aos indivíduos, nas suas práticas e em como o espaço participa dessas ações.

Nosso avizinhamento dos indivíduos que coexistem no espaço público do centro de Tubarão se dá através do método etnográfico, nos moldes propostos pela Antropologia Urbana.

O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. MAGNANI, 2002, p. 17

Além do caráter de proximidade com os indivíduos pesquisados, a escolha pelo método etnográfico da Antropologia Urbana se dá pelo protagonismo exercido tanto pelas pessoas quanto pelo espaço onde a vida cotidiana ocorre quando do uso desse procedimento.

Esta estratégia [etnografia urbana] supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. MAGNANI, 2002, p. 18

Assim, o modo de aproximação adotado é a observação em campo, registrada através de diário e fotografias. As incursões em

campo foram realizadas em diferentes períodos (manhã e tarde) de distintos dias da semana (sábado e segunda-feira).

Conforme supracitado, as ruas e recantos públicos do centro de Tubarão são tomados por pessoas que podem ser classificadas em dois grandes grupos, os *passantes* e os *permanentes*. Dentro desses dois grandes grupos podemos observar grande variedade de pessoas: crianças, adultos e idosos; solitários, amigos e casais; homens e mulheres; tipos apressados e vagarosos; trabalhadores e ociosos; desleixados e bem trajados.

Em pouco tempo de observação, alguns indivíduos se mostram para além do anonimato inicial que a vida urbana sugere. Seja pela maneira pessoal com que interagem com várias outras pessoas, seja pela recorrência e/ou constância de sua presença nos ambientes, esses sujeitos demonstram familiaridade com as posições que ocupam no lugar. São eles, em sua maioria, comerciantes ambulantes que, pela natureza de sua atividade, se apropriam do espaço público modificando e caracterizando determinados locais. A rua de uso exclusivo de pedestres – segmento 29 – é o local que concentra esses vendedores.

Há outras pessoas que também expressam familiaridade com a vida no espaço público do centro de Tubarão, porém permanecem camuflados, muitas vezes fazendo uso – consciente ou inconsciente – de elementos físicos do espaço. É o caso das vendedoras formais, das lojas localizadas nos pavimentos térreos dos edifícios. Elas permanecem nas portas das lojas, no limite entre os espaços privado e público, à espera de clientes para seus comércios, enquanto também praticam discretas interações com pessoas que circulam na rua e também com os vendedores ambulantes. Esse papel é exercido majoritariamente por mulheres, haja vista o público alvo feminino da maioria dos estabelecimentos comerciais do local.

Pilares, áreas sombreadas e marquises também servem como dispositivos que permitem às pessoas a coexistência circumspecta no espaço público. Homens e mulheres descansam, aguardam outras pessoas conhecidas (que utilizam algum serviço local ou para encontros marcados – ao que parece) ou simplesmente observam o movimento das ruas em áreas mais reservadas da vista dos passantes.

Não obstante a quantidade considerável de pessoas conhecidas ou familiarizadas com o espaço público central de Tubarão, a maior parte das pessoas observadas nas ruas, praças e galerias está ali de passagem. São pessoas que utilizam o espaço público, sobretudo, para circulação. Alguns observam vitrines das lojas e produtos expostos no comércio informal, mas a maior parte tem o olhar fitado no horizonte ou nos

próprios pés e caminham com firmeza em linha reta, absortos em seus universos particulares.

3.4.1 As práticas cotidianas no espaço público da área central de Tubarão

Já sabemos que no centro de Tubarão há pessoas diferentes que circulam, permanecem e se concentram em diferentes locais e horários. Mas o que essas pessoas fazem quando estão no espaço público?

As observações em campo mostram que o uso predominante no espaço público em estudo é o de circulação. Diferentes pessoas passam pela área através de diferentes modos de transporte: muitos caminham; muitos transitam com automóveis e motocicletas; e muitos pedalam suas bicicletas. Nesse grande grupo de transeuntes, é possível identificar alguns subgrupos. O maior deles é formado por pessoas que circulam com objetividade, porém sem pressa, carregando alguma sacola ou pacote proveniente de compras feitas, provavelmente, próximo ao local. Os passos firmes são interrompidos por uma ou outra espiadela em vitrines e produtos nos expositores dos vendedores ambulantes. Há ainda um segundo subgrupo de passageiros que é composto por trabalhadores e cidadãos que circulam pelo centro para acessar serviços ali ofertados, como lotéricas, bancos, Previdência Social, Prefeitura, escritórios de advocacia, hospital, clínicas, farmácias, etc. As pessoas que dão forma a este subgrupo se caracterizam por uma impaciência no andar e pela pouca interação direta – visual ou oral – com o ambiente. Caminham como se tudo o que compõe o espaço público – inclusive as pessoas – fossem barreiras a serem vencidas.

Os idosos, sobretudo homens, compõem outro grupo que caracteriza as pessoas avistadas no espaço público central de Tubarão, caminham vagarosos pelas ruas, principalmente no segmento 29 (a rua de uso exclusivo de pedestres), e permanecem em bancos, apoiados em pilares ou postes, ou ainda em pequenas rodas em frente a algum estabelecimento comercial cujo público alvo seja por eles formado, como farmácias, boteco e a Previdência Social. Essas pessoas de idade avançada, que aparentam ser aposentados (haja vista seus trajes informais: bermuda, chinelo, camiseta regata), interagem através de conversas com seus iguais e, desse modo, parecem ser os “donos” do espaço público. Eles falam alto, gesticulam, riem, sentam e se encostam de maneira informal em elementos construídos ou não para essa finalidade (bancos, postes, pilares, paredes, soleiras, etc.).

A leitura dos diários de campo, constantes nos anexos, é uma maneira de se reconstruir, com indivíduos e espaço, as cenas e dinâmicas existentes no centro de Tubarão.

3.4.2 O cotidiano e o espaço público através do olhar fotográfico

Em diferentes períodos do ano – primavera e verão – foram realizadas incursões na área de estudo com o objetivo de observar os praticantes do cotidiano em ação e suas interações com aspectos físicos do espaço público. Os registros fotográficos resultantes desse processo expressam o âmago de toda a pesquisa: as pessoas na sua individualidade e o espaço real.

Figura 36 - Encontro dos segmentos 10, 11 e 29. À direita, as edificações formam a parede do espaço público e há alto grau de constituições; à esquerda, uma edificação pública sem constituição forma uma parede cega.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 37 - Espaço aberto residual no segmento 10. Ainda que tenha dois lados limitados por edificações, o espaço é totalmente aberto para a avenida, não possui nenhuma constituição ou atividade de uso do solo. As práticas cotidianas nesse espaço são inexistentes.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 38 - Segmento 29 em uma manhã de dia de semana. Espaço convexo, com grande número de elementos-suporte, alta constitutividade e grande taxa de utilização pela população.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 39 - Atividades de ambulantes no segmento 29, que lançam mão dos altos índices de copresença do local.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 40 - Pessoas param e conversam despreocupadamente no segmento 29, em meio a um espaço convexo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 41 - Pessoas descansando no mobiliário disponível no segmento 29, observando as interações e usos dos elementos constitutivos ou mexendo em pertences pessoais.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 42 - Esquina entre os segmentos 29, 10 e 11. Mulher produtora e vendedora de tapetes. Ao fundo o espaço aberto residual, sem limitações definidas, e a paisagem conformada por motocicletas, que delimitam visualmente o segmento 29.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 43 - Concentração de vendedores ambulantes no mesmo local da Figura 7.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 44 - Idoso aposentado confere jogos da loteria em um banco no segmento 29, em frente a uma casa lotérica.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 45 - Estudantes universitários utilizam o espaço público no segmento 29 para exposição de trabalhos acadêmicos. Provavelmente o local foi escolhido devido à copresença existente ali.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 46 - Família e estranho dividem o mesmo banco, enquanto tomam banho de sol, no segmento 29.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 47 - Engraxate aguarda o próximo cliente à sombra de uma marquise no segmento 29.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 48 - Idoso utiliza o centro do espaço do segmento 29 para expor os brinquedos que ele vende.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 49 - Mãe e filha tomam um sorvete sentadas no banco da praça, segmento 2, à margem do Rio Tubarão. Aqui, a convexidade do espaço é garantida pela presença de vegetação de médio porte.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 50 - Segmento 2. Mulher aguarda sozinha sentada em um banco que também é o canteiro da árvore da praça à margem do Rio Tubarão. Em segundo plano, a conformação do espaço pelas edificações e o alto grau de constituições comerciais.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 51 - Pai e filho descansam sentados na mesma praça, segmento 2, em frente à banca de jornais.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 52 - Atividades comerciais fixas, como a banca de jornal em primeiro plano e lanchonete em segundo plano, tem suas portas voltadas para a praça à margem do Rio Tubarão, segmento 2, onde pessoas utilizam os bancos para descansar e esperar e conversam.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 53 - Em meio ao passeio, no segmento 10, pessoas estacionam bicicletas de maneira improvisada, junto às placas de sinalização de trânsito. Os veículos estacionados conformam o espaço do passeio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 54 - A vitrine é o elemento constitutivo mais comum no espaço público da área central de Tubarão. A imagem exemplifica um tipo de vitrine e a interação com vendedores ambulantes que fazem uso desse dispositivo espacial.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 55 - Senhoras, provavelmente da mesma família, sentadas, conversando e aguardando o tempo passar. Em segundo plano, os limites físicos característicos do espaço aberto positivo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 56 - Três mulheres adultas sentadas, sorriem e conversam no espaço público que demonstra ser adequado para interações pessoais e manifestações de emoção e afeto.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 57 - No segmento 29, permanentes e passantes no espaço convexo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 58 - Placa informativa que proíbe uma prática demandada. A população obedece sem deixar de criar mecanismos para satisfazer sua necessidade, como vemos na figura 24.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 59 - Bicicleta estacionada junto a uma porção de fachada edilícia em que não há entrada e saída de pessoas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 60 - Diferentes pessoas circulam pelo segmento 29.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 61 - Uma galeria, segmento 0, oferece espaço sombreado e discreto, com uso comercial e alta constitutividade.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 62 - Casal de amigos (ou namorados) no segmento 29 à sombra das árvores e pérgolas, em frente ao comércio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 63 - O casal da foto anterior em imagem aproximada. Ambos absortos em seus dispositivos eletrônicos. Situação que demonstra sensação de segurança em permanecerem no local.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 64 - A entrada de uma padaria. Aqui vemos a importância das constituições para a relação entre o espaço público e privado, no segmento 29.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 65 - Uma mulher só, sentada em um banco, no segmento 29, concentrada na utilização de um dispositivo eletrônico. A fotografia demonstra com clareza como o espaço convexo é parecido com uma sala a céu aberto, conformadas por paredes.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 66 - Um homem adulto assiste pacientemente o movimento de carros e pedestres, com sua bicicleta ao lado. Isso aconteceu no segmento 3.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 67 - Segmento 2. Passantes pero no mucho. Mesmo com pressa, as pessoas olham para vitrines e para alguém que as fotografa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 68 - Uma mulher, apesar de sentada, parecendo pouco confortável. Sua posição era de proximidade com veículos que transitavam pelo local. Aqui é o segmento 3.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 69 - Ainda no segmento 3, toda a família passeando, comprando e observando vitrines. Fica evidente a importância das constituições para a humanização do espaço.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 70 - No mesmo segmento 3, a família é fotografada no ato da interação com a vitrine.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 71 - Grande área não edificada no miolo de quadra com saída para o segmento 3 é utilizada como estacionamento.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 72 - Os acessos às edificações favorece não apenas a vida humana como também a vida animal. Na imagem, o cachorro se refresca do calor escaldante do verão tubaronense no sistema de ventilação do comércio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 73 - No segmento 10, vendedor ambulante tira proveito de parte da fachada que não possui abertura móvel para vender suas mercadorias. O local possui um dos maiores índices de copresença da área central de Tubarão.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 74 - O povo toma as ruas em uma prática eventual, porém tradicional, para demonstrar sua fé. Registro no segmento 26.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 75 - O espaço aberto residual em frente à Catedral, apesar de subutilizado cotidianamente, possui função e uso eventual bem consolidado, como na procissão de Nosso Senhor dos Passos, tradicional manifestação religiosa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 76 - Manifestações patrióticas, como a do dia de 7 de Setembro, proporcionam diferentes formas de ocupação de áreas cotidianamente pouco utilizadas. Na imagem, os segmentos 11 e 12.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 77 - Exemplo de edificação com uso e constitutividade mista, com térreo comercial e andares superiores habitacionais. Aqui é o segmento 7.



Fonte: Elaborado pelo autor.

EPÍLOGO

O que o ser humano busca pelas ruas da cidade? Que vida é esta que se manifesta na paisagem urbana? É possível observar pessoas diferentes, em diferentes situações, no espaço público urbano: tristes, felizes, a andar, a correr, a rir, a mancar, a rastejar, a esmolar, a fumar, a vender, a comprar, a suar, a sofrer, a beber, a morar, a brigar, a comer, a conversar, enfim, a viver. O fenômeno urbano – e, de fato, ele é exclusivamente urbano – apresenta o ser humano através de um aparente caos.

No entanto, sabemos que o caos urbano é apenas aparente e possui uma dinâmica própria bem organizada, com *padrões* resultantes da relação entre o homem e suas ações e o ambiente construído.

A motivação desta pesquisa parte da espécie causada pela vivência ordinária nas cidades – pelo que aí se vê e se vive – e se estabelece no interesse acadêmico em melhor compreender a relação entre o desenho arquitetônico e urbanístico e a vivência cotidiana verificada no espaço público urbano. Portanto, a motivação nasce e culmina no cotidiano, relacionando a vida comum e o espaço arquitetônico-urbanístico.

O homem e o espaço no cotidiano

Para nos aproximarmos do objeto de pesquisa a fim de realizar o objetivo geral – depreender implicações acerca da relação cotidiana hodierna entre o homem e o espaço público urbano – foram necessárias referências teórico-metodológicas que abordassem (a) o processo historiográfico da forma urbana, (b) a forma urbana no tempo presente e (c) a vida cotidiana contemporânea, para posterior (d) correlação e análise dos dados. Esses quatro objetivos constituem os objetivos específicos estabelecidos como necessários para se responder à questão geral de pesquisa.

As teses e os conceitos de Marina Waissman (2013) auxiliaram na apreensão da importância de se conhecer o processo através do qual um espaço urbano foi formado. O estudo do processo historiográfico da área de estudo se deu através do levantamento de dados básicos que caracterizam a formação histórica, geográfica e social de uma ocupação

urbana, como mapas históricos, pesquisas de historiadores⁵¹ e fotografias antigas.

No campo do estudo da forma urbana, lançamos mão da Teoria da Sintaxe Espacial e de autores cujas obras são correlatas à SE. A análise espacial se organizou a partir de duas escalas: todo (ou global) e local. Os conceitos de integração, centralidade, espaço positivo aberto, constitutividade e uso do solo foram medidos e analisados através do uso de ferramentas computacionais desenvolvidas por pesquisadores da SE e também através do levantamento e compilação de dados realizados de forma manual, com métodos adaptados de pesquisas com objeto de estudo semelhante.

O vivido, o conjunto de práticas – usos e apropriações – que ocorre no espaço público, foi identificado e analisado a partir de um arcabouço teórico-metodológico oferecido pela disciplina da Antropologia Urbana e autores afins. A significação de conceitos a partir da observação da realidade, a observação e registro das práticas através de diário de campo e fotografias e a caracterização dos dados levantados em campo, como a classificação dos sujeitos e dos tipos de práticas ordinárias, são alguns exemplo da contribuição da Antropologia Urbana no estudo da vida que se revela nas áreas públicas do espaço central de Tubarão.

Resultados

A ocupação urbana de Tubarão teve início com atividades comerciais ribeirinhas. A partir de então, deu-se a implantação da Igreja Matriz, fator que atraiu as atividades fluviais, comerciais e estatais para junto de si. Assim foi o início e a consolidação da área tida como central de Tubarão. É mister lembrar a importância do transporte férreo, que se desenvolveu em meados do Século XX na região, no crescimento urbano e na definição de parte do traçado da malha urbana da cidade. Desse modo, podemos destacar três elementos no processo de concepção e estruturação da forma urbana de Tubarão, sobretudo da sua área central: o Rio Tubarão, a Igreja Matriz e a linha férrea, sendo os dois primeiros os principais.

No que tange os níveis de integração global, Tubarão demonstra estar em meio a um processo já conhecido pelos estudiosos da SE que é a transferência do centro de integração do centro histórico para áreas do

⁵¹ No que tange a pesquisa histórica de Tubarão, ressaltamos a importância da obra do historiador tubaronense Amadio Vettoretti.

seu entorno, onde há maior acesso a vias arteriais, que estão ligadas a maior quantidade de zonas da cidade. Porém, esse processo é incipiente. A área central histórica continua a figurar entre aquelas que têm maiores índices de integração.

Hoje, a forma urbana da área central de Tubarão é heterogênea no tocante a todas as variáveis locais analisadas: forma do espaço público (convexidade), constitutividade, uso do solo e elementos-suporte. A caracterização da forma dos espaços oscila entre a forma tradicional (caracterizada pelos espaços abertos positivos, ou convexos) e a forma urbana moderna (caracterizada pela edificação isolada no lote e espaços abertos residuais). Cada um desses dois aspectos formais tende a apresentar um conjunto característico de outras variáveis espaciais. A porção “tradicional” da área central possui altos índices de constitutividade, maior variedade e sobreposição de usos do solo (por exemplo, terrenos comerciais com pavimentos superiores habitacionais) e maior oferta de elementos-suporte, ao passo que a porção “moderna” apresenta diminuta quantidade de constituições, tendência à exclusividade de usos – comercial e habitacional, e menor oferta de elementos-suporte.

Os níveis de integração que incidem sobre a área estudada apresentam diferenças significativas de uma via para outra. Os espaços mais integrados são os que formam a principal avenida da cidade e as vias que cortam o Rio Tubarão. Não obstante, não verificou-se relação tão significativa da variável *integração* com os outros elementos analisados, como ocorreu com a característica de convexidade. Ainda assim, foi verificada correlação moderada entre as áreas mais integradas e o conjunto de características da cidade “tradicional”, mesmo quando os espaços abertos positivos são ausentes.

Em relação à vida no/do espaço público da área central de Tubarão, a presença de pessoas mostrou relação direta com alguns itens espaciais, entre os quais destacam-se: integração, convexidade, constitutividade e usos do solo. A copresença mostrou-se desigual para cada período do dia e também para os dias da semana. Nos períodos em que o comércio está aberto⁵² há maior quantidade de copresença, ao passo que nos períodos noturnos e finais de semana a copresença na maioria dos espaços públicos era próxima à zero. As pessoas que, de algum modo, vivem o/no espaço público estudado formam um grupo

⁵² Em Tubarão, quando da realização da pesquisa de campo, o comércio funcionava de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h, e no sábado, das 9h às 12h.

heterogêneo; são pessoas de diferentes sexos, idade, níveis socioeconômicos, raças, etc.. As suas práticas observadas foram classificadas dentro de dois grandes grupos de pessoas, os *passantes* e os *permanentes*. Os passantes tendem a se relacionar de maneira mais impessoal com o ambiente e com as outras pessoas e formam parte vultosa da paisagem humana do espaço público. Os permanentes se subdividem em mais categorias: comerciantes ambulantes, vendedoras de lojas, clientes do comércio, população usuária de serviços públicos ofertados na área, idosos conversando pacientemente com seus pares, pedintes, casais, entre outros. Eles demonstram ter familiaridade com o ambiente, pois realizam atividades de caráter pessoal à vista de qualquer outra pessoa que esteja no mesmo espaço. O *trinômio de Reis*⁵³ foi confirmado em partes.

É essencial notarmos que, ainda que a metodologia da pesquisa tenha abordado o objeto de pesquisa em três eixos distintos – *processo, forma urbana e cotidiano* –, as informações coletadas e analisadas e as referências teóricas e metodológicas estão sempre interligadas. A separação dos três temas facilitou a leitura do recorte de estudo e a compreensão das inter-relações existentes entre os temas.

Conclusões

No caso da cidade média de Tubarão, as forças motrizes do processo de urbanização da área (rio, Igreja e, posteriormente, a linha férrea) foram definidoras do centro de integração global e local, assim como da área central histórica, comercial, e de serviços institucionais privados e públicos. As linhas com maior nível de integração estão diretamente ligadas à Igreja, no acesso e travessia do rio e nas vias abertas pelos trilhos. Ainda que a área mais integrada globalmente esteja se deslocando rumo a áreas de ocupação mais recente, a atual área central permanece coesa no que tange as características de uma centralidade.

As características espaciais do *todo* exercem influência fundamental na vivência da área pública central de Tubarão, porquanto faz dessa área um ponto de convergência de movimento de pessoas. Os

⁵³ Alcinha por nós criada para caracterizar as três premissas essenciais do espaço público urbano vivo, “gente, gente o tempo todo e gente diferente”, sistematizadas pelo Professor Almir Francisco Reis no seu curso “Arquitetura do Espaço Público”, oferecido pelo PGAU-Cidade no segundo semestre letivo de 2014.

aspectos espaciais locais sugerem ser intimamente ligados à qualidade das práticas sociais. As pessoas parecem procurar áreas abertas positivas não só para permanecer, mas também para circular; a permanência aliada à práticas de caráter pessoal, como namorar e conversar com amigos, se concentram em áreas convexas e com alta constitutividade.

Assim, após leituras, observações de campo, reflexões e, sobretudo, através da experiência pessoal do pesquisador (que pode ser considerada também uma espécie de confirmação empírica-prática), podemos afirmar, com segurança, que a vida se faz no cotidiano. E o cotidiano de Tubarão se mostra *vivo*, com relação mútua de práticas sociais e de desenho, onde a cidade se mostra integrada e, sobretudo, onde os *princípios artísticos* da cidade tradicional são mantidos.

Recomendações

É manifesto que esta pesquisa propôs nas entrelinhas alguns temas que foram abordados somente superficialmente ou, ainda, que foram apenas mencionados. A questão das *idades médias* é uma lacuna que, se preenchida, pode desvelar novas conclusões acerca da relação entre a vida cotidiana e a forma do espaço público urbano, bem como sobre o processo a eles subjacente. Assim, recomendamos que, aos resultados e conclusões dessa pesquisa, se prossiga um estudo sobre o tema das *idades médias* para posterior aprofundamento dos resultados e conclusões. A questão das cidades médias se mostra de fundamental importância, sobretudo para a realidade brasileira, devido à falta de pesquisa específica sobre o assunto e ao contexto urbano brasileiro, que é formado majoritariamente por cidades desse porte.

Outro assunto que demanda maior atenção é o movimento do centro de integração global de uma área para outra. Por exemplo, um estudo comparativo poderia ser elucidativo acerca da relação entre a configuração urbana dos primeiros e dos atuais centros de integração. O mesmo vale para as práticas sociais cotidianas que neles se desenvolvem.

Ainda, verifica-se relevante um aprofundamento do conteúdo do Capítulo III, para que se conheça melhor as pessoas que dão vida ao espaço público da área estudada. Informações mais detalhadas sobre os sujeitos (como questões pessoais, econômicas, sociais e culturais básicas) podem permitir mais análises e a descoberta de novas relações entre as pessoas e o espaço público construído.

POSFÁCIO

O cotidiano revela que a vida humana daqueles na cidades se realiza no espaço público e com o espaço público. A forma urbana e as práticas cotidianas das pessoas têm algo a dizer sobre como é a vida na cidade e até mesmo sobre como é a vida.

Reconhecemos aqui as lacunas da pesquisa e as limitações outrora desprezadas no tocante à demanda de tempo para responder todas as questões que a pesquisa suscita e, sobretudo, à capacidade organizacional do pesquisador para administrar todas as variáveis envolvidas na realização de uma pesquisa de mestrado. Por vezes, a dissertação aparentava ter vida própria, ao levar o pesquisador a caminhos, temas e perguntas não previstas.

Logo, evidentemente, não alcançamos o íntimo das pessoas para compreender mais sobre sua condição enquanto seres humanos, apesar de essa ideia permear a mente do pesquisador durante todo o processo de realização desta dissertação.

Ainda assim, reconheço também a validade da pesquisa enquanto exercício acadêmico fértil para o crescimento como pesquisador, com frutos que transcendem a vida acadêmica, tudo graças ao trabalho árduo e sério da orientadora e do coorientador, que regaram e cuidaram com esmero dessa árvore-dissertação e guiaram e prepararam de maneira genial este jardineiro-mestrando.

Espera-se que tenhamos dado alguma contribuição e estimulado futuras pesquisas para que o conhecimento acadêmico caminhe em direção à verdade e à vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ALEXANDER, Christopher. The city is not a tree. **Architectural Forum**, v. 122, n. 1, p. 58-61, 1965.

_____. **The Timeless Way of Building**. New York: Oxford University Press, 1979.

_____. et al. **Uma linguagem de padrões: A pattern language**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BAFNA, Sonit. Space Syntax: a brief introduction to its logic and analytical techniques. **Environment and Behavior**. vol. 35, n. 1, pp 17-29, jan. de 2003.

BARROS, Raquel; KOWALTOWSKI, Doris. Do projeto urbano ao detalhe construtivo: “A pattern language” finalmente traduzida. Resenhas Online, São Paulo, ano 12, n. 137.01, **Vitruvius**, maio 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/12.137/4734>>. Acesso em: 2 de nov. de 2013.

BRAGA, Andrea. **Morfologia, transformação e co-presença em centros urbanos: o caso do Rio de Janeiro**. 2003. 280 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHOAY, Françoise. **A regra e o modelo**: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda; SILVEIRA, Alzira Malaquias; FERREIRA, Marina Baird. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HILLIER, Bill. Centrality as a process: accounting for attraction inequalities in deformed grids. **Urban Design International**. 4 (3&4), p. 107-127, 1999.

_____; Iida, Shinichi. Network effects and psychological effects: a theory of urban movement. **5th International Space Syntax Symposium**. 2005.

_____. **Space is the machine**: a configurational theory of architecture. London: edição eletrônica, 2007.

_____. Spatial Sustainability in Cities: Organic Patterns Sustainable Forms. **Proceedings of the 7th International Space Syntax Symposium**. 2009.

HOLANDA, Frederico de. **Os dez mandamentos da arquitetura**. Brasília: FRBH, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KRAFTA, Romulo C. Modelling intraurban configurational development. **Environment and Planning B: Planning and Design**, v. 21, p. 67-82, 1994.

LEITE, Rogerio Proença. A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3, pp. 737-756, 2010.

_____. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueatown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, junho de 2002. Disponível em <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de abril de 2013.

MAGALHÃES, Maria Manuela Cordes Cabêdo Sanches Raposo. **A arquitetura paisagista: morfologia e complexidade**. Lisboa: Estampa, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.**, São Paulo, v. 17, n. 49, junho de 2002.

MEDEIROS, Rodrigo Althoff. **Cidades em Crescimento: A influência da Ferrovia Tereza Cristina nas cidades do sul – estudo de caso no município de Tubarão**. Tubarão: Ed. Copiart, 2007.

MICHAELIS, Dicionário. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 1 de mar. de 2017.

OLABUÉNAGA, J. I. R.; ISPIZUA, M. A. **La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa**. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989.

PATTO, Maria Helena Souza. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**, São Paulo, 16, pp 119-141, 1993.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

REGO, Renato Leão; Meneguetti, Karin Schwabe. A respeito da morfologia urbana: tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum Technology**. v. 33, p. 123-127, 2011.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, outubro de 2005.

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992 [1889].

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal**: as bases comportamentais de projetos e planejamentos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

TENORIO, Gabriela de Souza. **Ao desocupado em cima da ponte**: Brasília, Arquitetura e Vida Pública. 2012. 391 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

VAZ, Nelson Popini. **O centro histórico de Florianópolis**: espaço público do ritual. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Antropólogo na cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VELOSO, Pedro. Christopher Alexander e o dilema do espaço (in)formado. In: **Congresso da SIGraDi**, XVI, 2012, Fortaleza. Fortaleza: Expressão, 2012. p. 495-499.

VETTORETTI, Amadio. **História de Tubarão**: das origens ao século XX. Tubarão: Prefeitura Municipal, 1992.

_____. **Palacete Cabral, a casa da cidade**: centenário. Tubarão: Prefeitura Municipal, 1997.

_____. **Estação da Piedade**. Tubarão: Copiart, 2004.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global Editor, 1986.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

Anexo I – Diários de campo

DIÁRIO DE CAMPO**OBSERVAÇÕES NOS SEGMENTOS 2, 3, 10, 11 E 29.****MANHÃ DE UM SÁBADO (28 DE FEVEREIRO DE 2015)****Observações:**

Uma pessoa distribui algum material sobre budismo ou espiritismo. Ninguém para.

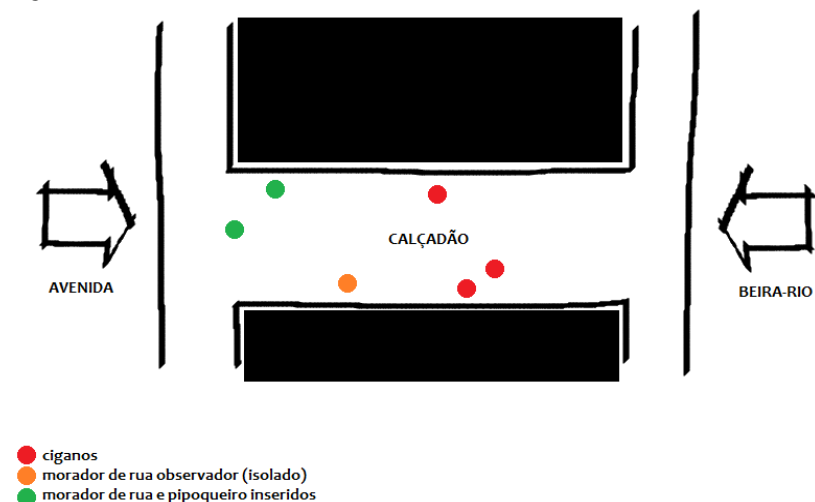
Três ciganos estão parados no centro do calçadão, pedindo dinheiro.

Dois moradores de rua, que interagem com locais (vendedoras do comércio local) de modo que demonstra serem conhecidos de tais pessoas. Eles devem ser frequentadores recorrentes do lugar.

Um pipoqueiro bem conhecido da cidade, que deve ter algum distúrbio mental/psicológico, está sentado na soleira de uma loja, no mesmo local em que trabalha, porém sem seu carrinho de pipocas. Hoje deve ser seu dia de descanso.

Essas figuras citadas são, no momento da observação, pontos fixos neste microespaço público, as quais interagem, em dois grupos [croqui feito em campo e digitalizado posteriormente]:

Figura 78 - Croqui para localização das pessoas (pontos coloridos), onde "calçadão" = segmento 29; "avenida" = segmentos 10 e 11; "beira-rio" = segmentos 2 e 3.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste contexto da observação de campo, uma dúvida foi anotada: "Qual o maior fluxo de pessoas no local?".

Após, as cinco pessoas "permanentes" do local vão embora. Quatro pessoas, isoladas, permanecem nos bancos localizados no eixo central do calçadão.

As pessoas passam, ninguém para.

Um grupo de idosos (três) conversam em frente a um bar. Só.

O calçadão tem um clima obscuro (escuro, sombrio). É feio e tem gente feia (parece que todos ali expressam fisicamente problemas: pobreza, miséria, tristeza, vícios em drogas e bebida, anomalias físicas, desleixo, sujeira, problemas psicológicos e/ou psiquiátricos etc.),

figuras feias. Os ciganos circulam novamente pedindo dinheiro.

Na Rua Lauro Müller (via paralela à margem do Rio Tubarão), três senhores conversam alegres em um banco. Mais gente passa, e são pessoas mais diferentes nesta extremidade do Calçadão (diversidade de classes sociais e de idade).

O vendedor de livros estranhos (budistas, ou seja lá o que for, cujo título é "Karma...") segue abordando as pessoas. Raros param, ninguém compra.

Todos andam. Pouquíssimas pessoas paradas e breves pausas e comentários em frente a vitrines.

O espaço é essencialmente de fluxo. Os carros são parte importante desse movimento e da paisagem.

Em outra área próxima, a Praça do Chafariz é um refúgio. Há pouco fluxo e muitas duplas e trios de pessoas conversam (amigos idosos e uma família). São cinco grupos de pessoas ao todo. Há no local uma banca de jornal e uma lanchonete.

Quem para nos bancos são homens, sozinhos ou em dupla. Apenas uma mulher estava sentada, esperando.

Dúvidas: o que essas pessoas fazem? O que elas acham do lugar, das abordagens dos ciganos e mendigos? O que acham do Calçadão? Por que preferem as outras ruas e não o espaço dedicado exclusivamente aos pedestres? Dá vontade de perguntar...

Na avenida as pessoas andam mais devagar. Também há pedintes e ambulantes. As pessoas se demoram mais em frente às vitrines do que no calçadão.

O mendigo do calçadão está perturbando a ordem do lugar. Ele está aos gritos na avenida, mexendo com as pessoas e pedindo dinheiro no semáforo.

Muitas pessoas, e pessoas diferentes, caminham, Um grupo grande, em família, conversa em uma esquina. Parece que se encontraram por acaso. Sorriem. Permaneceram por aproximadamente quinze minutos assim.

O lugar (avenida) parece seguro e bom, ainda que só haja um passeio estreito como espaço disponível para pedestres e haja grande quantidade de carros circulando e em velocidade mais alta do que nos outros locais.

Alguns motoristas fecham os vidros dos seus carros ao chegarem perto do pedinte que grita, no semáforo. Ele está aos gritos há mais de uma hora. Alguns passam e acham graça.

O vendedor de livros esotéricos/ocultistas segue abordando pessoas. Apenas mulheres param para dar atenção a ele, e a sua abordagem tem sido aplicada majoritariamente a pessoas do sexo feminino (moças jovens).

A interação-mor em toda a área é a de velhos, em dupla ou em trio.

Surge outro vendedor ambulante no Calçadão.

Impressões parciais

O Calçadão é um atalho. A passagem é uma conveniência para se chegar da Beira-Rio à avenida e vice-versa.

As pessoas parecem não querer o Calçadão. Ele é escuro.

O papel do carro parece ser irrelevante na geração de movimento de pessoas, pois a rotatividade de carros estacionados e o embarque e desembarque de pessoas no local é baixo. Porém, eles compõem a paisagem (de maneira "morta"), e nas áreas onde há mais pessoas é onde eles estão mais presentes.

Retorno às observações

O movimento cresce próximo ao meio-dia. Algumas pessoas se alimentam de sorvete.

Uma mulher negra com duas filhas dá dinheiro a uma mulher que oferece algum tipo de material institucional (parece ser uma clínica de tratamento para dependentes químicos).

A interação com os carros foi experimentada por mim: dois conhecidos passaram e, reduzindo a velocidade, trocaram algumas palavras rápidas comigo.

Uma mulher com um expressão de extrema tristeza, com um cabelo em forma de "chuquinhas" todo colorido (rosa e verde), se balança para os lados, com os pés fixos no chão, e tenta, sem sucesso, entregar panfletos publicitários. É uma cena que comove.

Dúvida: depois de passaram por "aqui", o que espera cada uma dessas pessoas nos seus locais

de destino? Qual é o ponto de chegada de cada um? Tantos passantes e nenhum chegará no mesmo lugar. O que cada um leva consigo da passagem por esse lugar? O que eu levo? Troca de afetos, mas a ansiedade e tristeza (por algumas cenas de pessoas e pela obscuridade de alguns pontos desse lugar), que são em níveis moderados mas constantes. Cenas bonitas e vivas e cenas deprimentes e tristes.

Ocorre uma briga entre moradores de rua. Todos olham. Saem da rotina de passar pelo lugar. Resolve-se rapidamente o mal entendido.

As relações específica do lugar, que parece ser entre conhecidos, são as dos vendedores ambulantes, pedintes, moradores de rua e vendedoras das lojas.

DIÁRIO DE CAMPO**OBSERVAÇÕES NOS SEGMENTOS 2, 3, 10, 11 E 29.****MANHÃ DE UMA SEGUNDA-FEIRA (02 DE MARÇO DE 2015)****Observações:**

O ambulante prepara seu carrinho com tapetes (para vendê-los). O mesmo pipoqueiro, ainda sem o carrinho de pipoca, está sentado na mesma soleira da mesma loja, olhando. Tenho de vir mais cedo para ver como isso tudo começa.

No fim de semana havia um ambulante, hoje são oito.

Os dez bancos do Calçadão são quase todos ocupados por idosos, quase todos acompanhados, conversando - homens velhos com homens velhos, mulheres velhas com mulheres velhas. Dois bancos são ocupados por adultos, um é o meu.

Os mesmos ciganos estão pedindo dinheiro.

O bar é o ponto central das socializações. Homens (de meia-idade e velhos) conversam na porta do bar.

Muitas pessoas usam os bancos para sentar, sozinhos ou acompanhados, e para conversar. O clima é extremamente agradável em um dia ensolarado de verão: há sombra em abundância, luminosidade suficiente, uma brisa. Uma mulher de meia-idade conversa com uma senhora, ambas sentadas confortavelmente e bem à vontade, em um banco. É uma cena bonita para o espaço público. Elas sorriem, cruzam as pernas, apoiam os braços no encosto do banco.

Na segunda-feira, a Praça 7 de Setembro está cheia, mas não parece feliz. Uma pergunta me parece importante, já que há muita gente sentada: o que as pessoas fazem sentadas? Fumam, olham os outros, mexem no celular, lixam as unhas, conversam. E as pessoas que andam, o que fazem, para onde vão, e vão fazer o quê? Esses são os dois principais usos. Há um ponto de água público na praça. Banca, sorveteria e ambulantes. A praça é feia, é escura. A duração da permanência de algumas pessoas é longa. A praça tem mais mulheres do que homens, ao contrário do Calçadão.